

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

JULIANA S. MARTON

**PARÂMETROS ÉTICOS DA PUBLICAÇÃO DE NOTÍCIAS
NO JORNALISMO ON-LINE**

A APLICAÇÃO DA ÉTICA NA PRÁTICA JORNALÍSTICA COMO FUNDAMENTO
PARA A OBTENÇÃO DA QUALIDADE DA INFORMAÇÃO

Goiânia
2010

JULIANA S. MARTON

**PARÂMETROS ÉTICOS DA PUBLICAÇÃO DE NOTÍCIAS
NO JORNALISMO ON-LINE**

Monografia apresentada junto ao Curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo, da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Edson Luiz Spenthof

**Goiânia
2010**

JULIANA S. MARTON

**PARÂMETROS ÉTICOS DA PUBLICAÇÃO DE NOTÍCIAS
NO JORNALISMO ON-LINE**

Monografia defendida no Curso de Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharel, aprovada em _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ms. Edson Luiz Spenthof - UFG

Presidente da Banca

Prof. Ms. Luiz Carlos do Carmo Fernandes – UFG

*No Jornalismo, a ética ajuda a lembrar o profissional de que há mais matizes
entre o fato e seu relato*

Rogério Christofolletti

Dedicatória

*Ao único digno de toda honra e toda glória e a quem devo
toda a razão de pensar e andar e sentir e sonha e viver, Deus.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que nunca negaram seu apoio incondicional, mesmo nos momentos de crise e loucura.

Aos meus amigos sempre interessados e agradáveis, cheios de fé e disponíveis.

Ao meu *querido* orientador pelas preciosas horas de sono durante as intermináveis revisões.

A uma pequena pessoa, com uma grande mente, que me fez despertar para este tema.

RESUMO

Os processos de produção das notícias têm se alterado com o surgimento de novas modalidades e práticas do jornalismo. Com o crescimento da Internet, a migração da atividade para a rede foi inevitável, no entanto, alguns aspectos inerentes ao jornalismo ainda estão em processo de adaptação, dentre eles a ética jornalística. Este projeto tem como objetivo verificar traços da prática ética na apuração e publicação de notícias on-line, a partir da análise de conteúdo realizada sobre o material recolhido de três portais de notícias brasileiros: Folha Online, Estadão Online e Último Segundo. Com base em categorias delimitadas por meio de conceituações de vários autores, esta pesquisa buscou definir padrões de atuação da prática jornalística e avaliar de que forma a ética insere-se neste contexto. Este estudo desenvolve-se a partir da Internet, mas limita-se, principalmente, à plataforma mais usada pelos usuários, a World Wide Web (WWW).

Palavras-chave: ética jornalística, jornalismo on-line, qualidade informativa, webjornalismo, rotinas produtivas do jornalismo, velocidade da informação, apuração de notícias, Web.

ABSTRACT

The newsmaking processes has changed with the emergence of new forms and practices of journalism. Due the popularization of the Internet, the migration of activity for the World Wide Web was inevitable. However, some aspects related to journalism are still over the process of adaptation, including journalistic ethics. This project aims to determine traits of ethical practice in gathering and publishing of online news, grounded from the content analysis performed on the material collected from three Brazilian news portals: Folha Online, Estadão Online, Último Segundo. Based on specific categories through concepts of several authors, this study attempted to define performance standards of journalistic practice and evaluate how ethics fits into this context. This study was configured about the Internet but is restricted mainly to the platform used by most users, the World Wide Web (WWW).

Keywords: journalism ethics, online journalism, informative quality, web journalism, newsmaking routines, speed of information, news gathering, web.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS

Exemplo 1 – Comparação entre duas notícias publicadas no Estadão Online e uma semelhante veiculada pelo O Estado de S. Paulo	61
Exemplo 2 – Comparação entre notícias veiculadas pela Folha Online e pelo jornal Folha de S. Paulo	63
Exemplo 3 – Comparação entre as <i>homepages</i> do Estadão Online, Folha Online e Último Segundo	64
Exemplo 4 – Comparação entre autorias de reportagens veiculadas na Folha Online e no jornal Folha de S. Paulo	65
Exemplo 5 – Verificação de erro de <i>linkagem</i> entre a <i>homepage</i> do Último Segundo e uma de suas notícias	67
Exemplo 6 – Verificação de marcas de transparência do processo de apuração da notícia, observadas em notícia veiculada pela Folha Online	68
Exemplo 7 – Comparação entre reportagens veiculadas pela Folha Online e Folha de São Paulo com semelhança de conteúdo	69
Exemplo 8 – Comparação entre aprofundamento de detalhes nas reportagens publicadas pela Folha Online e pelo jornal Folha de S. Paulo	71
Exemplo 9 – Verificação da utilização qualitativa de hiperlinks no corpo de notícia veiculada pelo Último Segundo	74
Exemplo 10 – Comparação de duas notícias veiculadas pelo Último Segundo e verificação de reutilização de conteúdo informativo	75
Gráfico 1 – Distribuição geral de notícias dentro das <i>homepages</i> dos sites	77
Gráfico 2 – Distribuição de notícias e destaques da <i>homepage</i> do Estadão Online	78
Gráfico 3 – Distribuição de notícias e destaques da <i>homepage</i> da Folha Online	79
Gráfico 4 – Distribuição de notícias e destaques da <i>homepage</i> do Último Segundo	80
Gráfico 5 – Valoração geral dos aspectos e marcas textuais observados no conteúdo separado pela amostragem	81
Gráfico 6 – Valoração dos aspectos e marcas textuais observados no conteúdo do Estadão Online	82
Gráfico 7 – Valoração dos aspectos e marcas textuais observados no conteúdo da Folha Online	83

Gráfico 8 – Valoração dos aspectos e marcas textuais observados no conteúdo do Último Segundo	84
Gráfico 9 – Quantificação geral de notícias de acordo com os aspectos do <i>lead</i>	85
Gráfico 10 – Quantificação de notícias de acordo com os aspectos do <i>lead</i> no conteúdo do Estadão Online	86
Gráfico 11 – Quantificação de notícias de acordo com os aspectos do <i>lead</i> no conteúdo da Folha Online	87
Gráfico 12 – Quantificação de notícias de acordo com os aspectos do <i>lead</i> no conteúdo do Último Segundo	88
Gráfico 13 – Quantificação geral de notícias de acordo com o número de fontes verificadas	89
Gráfico 14 – Quantificação de notícias de acordo com o número de fontes verificadas no conteúdo do Estadão Online	90
Gráfico 15 – Quantificação de notícias de acordo com o número de fontes verificadas no conteúdo da Folha Online	91
Gráfico 16 – Quantificação de notícias de acordo com o número de fontes verificadas no conteúdo do Último Segundo	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. INTERNET E JORNALISMO ON-LINE	14
1.1. JORNALISMO ON-LINE: TERMINOLOGIAS E SINÔNIMOS	17
1.2. JORNALISMO ON-LINE: MODO DE FAZER	19
2. ROTINAS PRODUTIVAS NO JORNALISMO	23
2.1. JORNALISMO EM TEMPO REAL	25
3. ÉTICA JORNALÍSTICA	29
3.1. ÉTICA NO JORNALISMO ON-LINE	34
4. A QUALIDADE DA INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA: ÉTICA APLICADA ...	38
5. A ANÁLISE	43
5.1. O MÉTODO E A AMOSTRAGEM	44
5.2. OS DADOS E A SUA INTERPRETAÇÃO	46
CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A	61
APÊNDICE B	77
APÊNDICE C	93

Introdução

Arguir sobre a ética jornalística nos veículos de comunicação é assunto recorrente nos debates teóricos e até mesmo diante de situações cotidianas, quando há excesso ou falta de informação. A discussão permeia, principalmente, os veículos já consolidados, como a televisão, o rádio e o impresso, seja ele revista ou jornal diário. Contudo, a questão sobre a ética daquele que tem sido o *medium* da velocidade e da informação instantânea, a Internet, ainda é pouco consistente. Apesar de ser recente e ainda menos explorado do que as outras modalidades, sob o ponto de vista teórico, o jornalismo on-line – nova modalidade do jornalismo, desenvolvida na WWW (World Wide Web), que vem ganhando espaço nas grandes empresas da informação – torna-se objeto de pesquisa e esclarecimento sob a ótica ética que é exigida diariamente dos grandes *massmedia*.

Este projeto nasce, portanto, de uma inquietação com as formas de apuração e publicação de notícias on-line que, hipoteticamente, acabam por colocar à margem o compromisso com a objetividade jornalística¹, tendo em vista a velocidade de veiculação dos fatos, o que remete à característica de on-line, particularidade principal da modalidade. A pesquisa em torno da área se torna necessária, com fins de determinar e delimitar os princípios admitidos e suprimidos pela prática on-line, devido à cultura contemporânea, que implica em rapidez e agilidade. Por ser campo de discussão ampla, a análise destes preceitos e aplicações deve ser levada a um nível mais profundo de investigação do que o realizado neste curto e limitado estudo.

Buscou-se com esta pesquisa situar elementos teóricos e conceituais que norteiam e permeiam a prática jornalística desde o seu surgimento e que, mesmo com a modernidade e a revolução tecnológica, não deixaram de orientar a atividade. Dentre os principais aspectos explorados estão a ética jornalística, a prática do ofício e a qualidade da informação. É importante ressaltar que este estudo tomou a liberdade, com base em conceituações realizadas por vários autores, de aproximar estas ideias, tornando semelhantes a ética jornalística e a qualidade informativa, dentro do contexto prático do jornalismo.

¹ De acordo com Bill Kovach e Tom Rosenstiel, quando o conceito de objetividade surgiu, não se tinha em mente que os jornalistas seriam isentos de preconceitos. Pelo contrário, a ideia surge exatamente com o fim de estimular os profissionais a desenvolver métodos de verificação dos fatos para que seus preconceitos e moral não diminuíssem o valor-notícia do fato descrito (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004).

O trabalho foi dividido em quatro partes teóricas e uma análise interpretativa dos dados recolhidos ao longo de uma semana de pesquisa. A primeira parte do estudo foi realizada com vistas a especificar e conceituar a prática do jornalismo on-line, suas características e particularidades devidas ao meio da Internet. Além disso, é abordada também a discussão das nomenclaturas que podem ou não ser utilizadas em relação à prática do jornalismo na Web. Tudo isto é elaborado com base no histórico do próprio jornalismo on-line que até mesmo se confunde com o surgimento e desenvolvimento da Internet e da WWW.

Com a conceituação das práticas do jornalismo na Web, fez-se necessária, num segundo momento da construção da fundamentação teórica para este estudo, a teorização das rotinas e padrões de produção do jornalismo, a fim de estabelecer parâmetros de comparação entre a tradição do ofício e suas adaptações para os diversos meios de comunicação. Nesta parte do trabalho encontram-se conceitos fundamentais do jornalismo clássico e suas conexões com as novas práticas e, principalmente, a ideia de *tempo real* que marca a era da informação.

Estabelecidos e fundamentados tais conceitos, entra em cena, em terceiro plano da pesquisa, a ética jornalística, que surge no trabalho como elemento essencial à discussão pretendida. Nesse capítulo, são delineadas e interpretadas teorias e considerações de diversos autores que elaboram pensamentos às vezes distintos, às vezes semelhantes sobre a ética do ofício. Além disso, é também aprofundada a discussão em termos da prática do jornalismo on-line e levantadas questões sobre a possível especificidade ética da rede, defendida por alguns autores.

A quarta e última parte desta fundamentação teórica surge com o objetivo de vincular e aproximar todos os outros aspectos debatidos no conceito de qualidade da informação jornalística, a partir da ideia da aplicação da ética à prática do ofício. Neste patamar do estudo são traçados e estabelecidos os aspectos que serão observados no material noticioso recolhido e que funcionarão como orientação para a sua análise. É com base na conceituação realizada neste capítulo que a aproximação entre ética e qualidade do jornalismo citada acima torna-se possível.

A análise é relacionada logo em seguida, trazendo a apresentação dos dados recolhidos e a interpretação do que os mesmos significam dentro do universo delimitado de

conceitos adotados. A fim de estabelecer parâmetros de apreciação e contribuir para os estudos na área do jornalismo on-line, a pesquisa foi desenvolvida dentro do meio da Web, avaliando e, em um segundo momento, comparando notícias diversas de vários veículos. Para isso, foram utilizados como objeto de estudo notícias de três portais jornalísticos brasileiros, dois deles vinculados a grandes empresas de informação que possuem outros veículos de comunicação. Para concluir a análise, foram também comparadas notícias publicadas na versão on-line e impressa de uma empresa.

A intenção não foi criar linhas metodológicas de aplicação às redações, mas refletir sobre a prática atual do jornalismo on-line, tudo isto à luz da ética da atividade. Para tanto, a metodologia adotada foi a Análise de Conteúdo, por permitir que, por meio da observação, sejam detectadas tendências textuais e critérios de noticiabilidade. Foram avaliadas categorias estabelecidas com base em estudos anteriores realizados por autores e pesquisadores da área, na busca pela tentativa de verificação quantificada da qualidade do jornalismo praticado na WWW.

1. Internet e jornalismo on-line

A Internet foi inicialmente idealizada para servir a fins militares durante o período da Guerra Fria. De acordo com Manuel Castells, sua origem deve ser fixada com o surgimento da Arpanet, em 1969, “uma rede de computadores estabelecida pela Arpa (Advanced Research Projects Agency)” (CASTELLS, 2004, p. 26); esta que foi fundada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Pollyana Ferrari (2003) complementa que a Arpanet servia como garantia de comunicação emergencial, caso o país sofresse algum tipo de ataque militar.

Contudo, a tecnologia de redes de computadores passou também a ser explorada pelas faculdades norte-americanas, com projetos na área de segurança e defesa. Como o objetivo da Arpanet era, principalmente, o serviço militar, novas redes foram criadas, dentre elas a Bitnet (Because It's Time Network) e a CSNET (Computer Science Network), como enumera Ferrari (2009). Neste período, o controle da Arpanet já havia sido transferido para a Agência de Comunicações e Defesa dos Estados Unidos.

Uma das maiores contribuições para o desenvolvimento da Internet ocorreu em 1988, quando a NSF (National Science Foundation) desenvolveu a chamada NFSNET, “uma rede que conectava pesquisadores de todo o país por meio de grandes centros de informática e computadores” (FERRARI, 2003, p. 16). De acordo com Castells (2004), a NFSNET inicialmente utilizou a Arpanet como *backbone* (espinha dorsal). Porém, com o envelhecimento da primeira rede, o Pentágono optou por delegar o controle da Internet à NSF, O que também não durou muito, devido à abertura das redes ao domínio público. Com isso, a fundação encerrou o controle sobre a rede de computadores em 1995, com a privatização do serviço.

O que tornou possível a abrangência mundial que a Internet configura atualmente, foi o surgimento da World Wide Web (WWW), desenvolvida em 1990 pelo programador inglês Tim Berners-Lee. Mesmo inconsciente do fato, segundo Castells, Berners-Lee desenvolveu este trabalho “em consonância com uma vasta tradição de ideias e projetos técnicos levados a cabo ao longo dos 50 anos que o precederam” (CASTELLS, 2004, p. 31). Para o teórico, o programador inglês fez apenas a junção de todas as pesquisas e projetos

prévios que vários outros programadores e intelectuais da área idealizaram, ao aperfeiçoar o programa Enquire, que havia idealizado dez anos antes.

A partir de então, de acordo com Ferrari (2009), a WWW foi aprimorada por vários programadores, designers e pesquisadores, o que levou a Internet ao alcance que possui hoje. As melhorias abarcam desde interface modificada, arquitetura técnica, abertura de softwares e disponibilidade de numerosos browsers, até mesmo recursos de encaminhamento de informação. Logo, a WWW possibilitou a conexão mundial. Pollyana Ferrari (2009) destaca que em todo o planeta, em 1996, já existiam 56 milhões de usuários da rede.

De acordo com Hérís Arnt (2002), o jornalismo on-line surge desde o começo da Internet, mas se consolida somente com o advento da WWW e, principalmente, devido à consolidação dos sistemas de busca e indexação de conteúdo. O autor assinala que foi no ano de 1997 que a prática experimentou uma explosão causada pela criação e disponibilidade das versões digitalizadas de grande parte dos jornais impressos de todo o mundo.

Assim como para a TV e para o rádio a prática jornalística sofreu modificações, para a Internet nada seria mais natural do que algumas adaptações do jornalismo clássico a fim de torná-lo compatível com a nova plataforma. Mudanças no estilo de texto e o acréscimo do novo recurso de hiperlinks passaram a fazer parte da nova modalidade do jornalismo que emergiu na década de 1990, quando o jornal norte-americano San Jose Mercury News lançou sua versão on-line em maio de 1993.

No Brasil, o jornalismo on-line chegou dois anos depois, de acordo com Juliano Borges, quando o Jornal do Brasil (JB) inaugurou, em maio de 1995, a sua homepage na Web. "A página, bastante rudimentar, era produzida por apenas três profissionais e trazia somente algumas das notícias publicadas na edição do dia do jornal impresso" (BORGES, 2009, p. 31). No ano seguinte, o JB já disponibilizava todo conteúdo do impresso e também um fórum de discussões.

Ainda em 1996, foi lançado o Universo Online, o primeiro jornal digital em tempo real na língua portuguesa, que mais tarde se tornou o que hoje se conhece por Folha Online. Mas, foi somente no ano de 2000 que o primeiro jornal on-line concebido e produzido para a internet brasileira foi inaugurado, o Último Segundo, do portal Internet Group (IG). De acordo com Ferrari, o IG entrou no empreendimento da Internet já concorrendo com os

grandes portais da época, como Universo Online (UOL), ZAZ (hoje Terra), Starmedia e America Online (AOL).

A história do jornalismo on-line pode ser dividida em três etapas principais. Luciana Mielniczuk (2003) explica a organização em que o autor John Pavlik (2001) sistematiza uma divisão segundo a produção de conteúdo. Para o autor, em uma primeira fase, os produtos oferecidos eram reproduções parciais ou completas dos jornais impressos. As atualizações eram realizadas diariamente ou até mesmo semanalmente. Por ser uma plataforma nova e ainda pouco utilizada, a preocupação com os formatos e apresentação dos textos jornalísticos era pequena, quando existente.

Num segundo estágio, as ferramentas da Web passam a ser mais utilizadas pelos jornalistas; estes que agora têm uma preocupação maior com a criação de conteúdos originais e atraentes ao novo público. Desta forma, links, interatividade, mecanismos de busca, vídeos, áudios e imagens começam a fazer parte efetiva do conteúdo jornalístico disponibilizado nos portais de notícias. Nesta fase surgem também seções de “últimas notícias”, o que implica o caráter do *tempo real* aos sites.

Juliano Borges (2009) afirma que a principal inovação trazida pelo jornalismo on-line é justamente este caráter de velocidade e grande alcance da informação. Por ser o jornal impresso condicionado ao custo da edição, diagramação da página e publicidade publicada, a Internet sai ganhando, já que a publicação de notícias não é, necessariamente, restrita a um dado espaço nas páginas da Web. Borges assinala que pelo fato de o custo não sofrer alteração, um incentivo para o aumento da quantidade de notícias veiculadas é gerado dentro e fora das redações.

Já no terceiro período de desenvolvimento do jornalismo on-line e que, de acordo com Pavlik (2001), está ainda emergido, a produção de conteúdos noticiosos específicos para a Web cresce significativamente. Com isso, a plataforma ganha legitimação na distribuição de informação e é reconhecida como um novo meio de comunicação. Além disso, os canais de interação, tais como enquetes, fóruns e chats com personalidades, são mais utilizados e também há a produção de conteúdo pelo usuário.

É também nesta fase que empresas não ligadas a veículos impressos, mas a rádios e TVs, lançam sites noticiosos com conteúdo vinculado à sua própria programação. Os portais

verticais inserem-se, portanto, neste contexto e surgem a partir de 1999. De acordo com Pollyana Ferrari (2009), os portais verticais são voltados para a especialização do conteúdo veiculado e para a experiência do usuário, que passa a ter acesso direto às informações, serviços e empresas.

1.1. Jornalismo on-line: terminologias e sinônimos

Desde cedo, a nomenclatura adotada para se referir à prática do jornalismo na rede é pauta de discussão e incompatibilidade entre os autores da área. Várias terminologias são utilizadas para nomear a prática, dentre elas jornalismo eletrônico, jornalismo multimídia e ciberjornalismo. Todavia, as mais populares e comumente utilizadas como sinônimos são as expressões jornalismo digital, jornalismo on-line e webjornalismo; que, *a priori*, não se refeririam ao mesmo formato, embora todas digam respeito à prática do jornalismo na Internet.

Com base nos estudos de Díaz Noci (2001)², Luciana Mielniczuk (2003) propõe uma divisão hierarquizada dos termos. De acordo com a autora, cinco nomenclaturas tidas como principais podem ser organizadas sob uma sistematização em forma de conjuntos, na qual cada especialização localiza-se dentro de outra. A proposta de Mielniczuk (2003) relaciona em primeiro lugar o conjunto das especificidades, nomeado como jornalismo eletrônico, já que este engloba toda a aparelhagem tecnológica, da qual o jornalismo, em geral, se apodera, seja analógico ou digital.

Logo em seguida, a autora propõe o jornalismo digital, também chamado multimídia, por empregar toda a tecnologia digital, ou seja, todo e qualquer processo que implica a transformação de dados em bits. O terceiro nível da hierarquização proposta é o ciberjornalismo, que agrupa as tecnologias localizadas no ciberespaço, "um espaço hipotético ou imaginário no qual se encontram imersos aqueles que pertencem ao mundo da eletrônica, da informática" (MIELNICZUK, 2003); referindo-se, portanto, a qualquer prática que seja realizada com o auxílio de possibilidades tecnológicas, tais como os computadores.

² O autor verifica a imperfeição explicativa de todas as terminologias e chega à conclusão de que a expressão mais adequada para designar tal especificidade do jornalismo seria jornalismo eletrônico multimídia interativo

Como quarta classe, encontra-se o jornalismo on-line, que diz respeito diretamente à ideia de conexão em tempo real. E em quinta e última instância da sistematização encontra-se o webjornalismo, por referir-se a uma parte específica da Internet, a WWW, que disponibiliza interfaces gráficas mais acessíveis ao público leigo; este que muitas vezes usa ambos os termos (Web e Internet) como sinônimos. Entretanto, esta hierarquização de terminologias não é muito difundida pelos estudiosos da área.

“O jornalismo digital representa a adaptação de uma modalidade específica de conhecimento da realidade a um novo suporte comunicacional, a tecnologia de transmissão digital de informações” (PALACIOS & MACHADO, 1997: 3). Desta forma, o termo ‘digital’, do mesmo modo como o verbete ‘analógico’, designa a forma como a informação é codificada; neste caso, em unidades binárias, os *bits*. Logo, pode ser definida como jornalismo digital toda a produção de informações que use como suporte para circulação a Internet, ou qualquer rede/tecnologia que transmita sinais numéricos.

A denominação webjornalismo nasce para nomear o jornalismo praticado em uma parte bastante específica da internet, a World Wide Web (WWW). Popularmente, Internet e Web são usados como sinônimos, contudo, a última é apenas uma parte da primeira. A Internet é a rede que comporta o conjunto das centenas de redes de computadores conectados em diversos países, a fim de compartilhar informações e recursos computacionais, ao que Guthrie Faggion (2001) chamou de a rede das redes. Já a Web é apenas um dos modelos de compartilhamento de informações empregado para acessar informação por meio da Internet.

Para João Messias Canavilhas (2001), o termo webjornalismo pode ser usado com naturalidade, tendo em vista que a nomenclatura é relacionada ao suporte técnico que utiliza. Como exemplo, o autor usa as expressões radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo impresso, que foram adotadas para nomear o jornalismo realizado no rádio, televisão e impresso, respectivamente. Logo, o jornalismo veiculado e produzido pelas empresas de informação, por estar localizado na Web, pode ser designado por webjornalismo.

A outra designação mais utilizada que o jornalismo na internet assume é o de jornalismo on-line, remetendo-se à questão do *tempo real*, abordada por Juliano Borges (2009). De acordo com o autor, o uso da nomenclatura justifica-se devido ao fato de designar o jornalismo feito em rede, enquanto o termo digital refere-se somente aos sistemas de produção. Borges utiliza-se deste argumento com base nas fundamentações de Roberto

Nicola, de acordo com o qual, "um jornal digital nem sempre estará online, mas todo online será digital" (BORGES, 2009, p. 33).

Palácios e Machado (1997) já evitaram a nomenclatura, por entender que existem duas imprecisões no termo on-line, enquanto modalidade do jornalismo. A primeira contradição encontra-se na confusão entre o tipo de disponibilização da produção; enquanto o segundo equívoco estaria na comparação do tempo de publicação da notícia com o tempo de ocorrência do fato. Desta forma, os autores entendiam por on-line o modo como é distribuído o novo formato jornalístico, permanecendo disponível ao usuário continuamente. Contudo, em trabalho mais recente, os autores passaram a usar a terminologia on-line (2003).

Entretanto, as expressões webjornalismo, jornalismo on-line e jornalismo digital são utilizadas indistintamente quando a discussão não passa pela construção do discurso. A maior parte dos autores pesquisados para o presente trabalho não fazem distinção entre os termos e sugerem a sinonímia entre as várias expressões que se referem à prática do jornalismo na Internet. Por ocasião de adequação, a nomenclatura adotada ao longo do trabalho será jornalismo on-line, por se referir de maneira mais específica à veiculação de notícias em *tempo real*.

Numa definição sumária o jornalismo digital envolve toda a produção discursiva que recorte a realidade pelo viés da singularidade dos eventos e que tenha como suporte de circulação a Internet, as demais redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia que transmita sinais numéricos (PALÁCIOS & MACHADO, 1997, p. 3).

1.2. Jornalismo on-line: modo de fazer

Como na maior parte da prática jornalística, não há uma receita clara para a produção de notícias, mas orientações, estilos e formatos que se adaptam de acordo com o veículo em que são publicadas. A diferenciação entre os media ocorre, principalmente, nas instâncias da linguagem e volume de conteúdo. No radiojornalismo, por exemplo, a informação crua e direta é mais valorizada. Diferentemente do que ocorre no jornalismo impresso, o qual abriga melhor, por exemplo, as análises.

Com a distinção entre os formatos, o jornalismo on-line também surge trazendo algumas modificações estruturais e até mesmo conceituais em sua prática. Isto se deve ao fato

de que o suporte digital sustenta mais ferramentas e aplicativos do que os outros veículos jornalísticos tradicionais, agrupando todos os recursos em apenas um, o multimídia. De acordo com J.B. Pinho (2003), as diferenciações entre os media ocorre, principalmente, devido a características inerentes da própria Internet.

Os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa – textos, fotos e gráficos. Pode-se adicionar sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas. [...] Enfim, o conteúdo não está apenas na área de notícias dos portais, mas sim espalhado por quase todos os produtos oferecidos pelo endereço eletrônico (FERRARI, 2009, p. 39).

Bernardo Kucinski (2005) chama atenção ao fato de que, apesar de os textos veiculados na Internet guardarem semelhança com as linguagens do rádio e da televisão – o que implica em textos curtos para uma leitura rápida –, na Web há a possibilidade de fazer a leitura comparativa, possibilitada pelos hiperlinks que caracterizam o acesso à leitura não-linear e aberta do conteúdo disponível. Além disso, o autor ressalta o fato de a Internet ser o media mais interativo; isto devido, principalmente, aos chats, ferramenta que torna possível a comunicação instantânea.

As diferenças entre os veículos, entretanto, são ainda maiores. Marcos Palácios (2003) enumera, com base nos estudos de Bardoel e Deuze (2000), seis características que se apresentam com o jornalismo desenvolvido para a Web, deixando claro que tais traços são analisados enquanto formas de potencialidade do alcance da Internet. Além disso, o autor ressalta que não existe um formato ideal, mas uma multiplicidade de modelos em uso.

A primeira característica observada é o que Palácios nomeou de *multimedialidade*. Este traço do jornalismo on-line diz respeito à convergência do formato dos veículos tradicionais na narração do fato jornalístico, tornando-se possível graças ao recurso de digitalização da informação e sua conseguinte disponibilização em várias plataformas e suportes, caracterizando uma integração midiática.

Interatividade é a segunda instância assinalada pelo autor. A partir de Bardoel e Deuze, Palácios (2003) notou que o leitor sente-se mais ligado ao processo de produção da notícia, devido às várias formas de comunicação entre comunicador e receptor, tais como email, fóruns de discussão, comentários e chats. A interatividade também ocorre por meio da navegação entre páginas conectadas pelos hiperlinks, o que faz da prática on-line um meio *multi-interativo*.

Adota-se o termo multi-interativo para designar o conjunto de processos que envolvem a situação do leitor de um jornal na Web. Diante de um computador conectado à Internet e ao acessar um produto jornalístico, o Usuário estabelece relações: a) com a máquina; b) com a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas – autor(es) ou outro(s) leitor(es) – através da máquina (PALÁCIOS, 2003, p. 4).

A terceira característica enunciada é, justamente, a *hipertextualidade*. Esta possibilita a interconexão entre textos por meio de links que permitem, através de um bloco de texto inicial, o acesso a vários outros tipos de conteúdos relacionados ao assunto principal. Pollyana Ferrari (2009) chama a atenção para o fato de a escrita *hipertextual* permitir ao leitor reconfigurar a informação segundo preferências e hábitos próprios.

O quarto traço apontado por Palácios é, justamente, a personalização do conteúdo, também conhecida por *customização* e *individualização*. Este traço "consiste na opção oferecida ao Usuário para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais" (PALÁCIOS, 2003: 4). Essa opção pode ser observada em alguns portais de notícias que já disponibilizam ao usuário a opção de pré-selecionar assuntos de interesse pessoal e até mesmo formas de hierarquizar o conteúdo acessado.

Em quinto lugar, aparece o conceito de *memória*, que remete ao fato de a Internet ter uma capacidade de armazenamento de dados e informações bastante superior à de qualquer outro *media*, além de ser mais viável e econômica. Esta instância é ainda acentuada devido ao volume de informações que cresce exponencialmente e permite ao usuário ter acesso a conteúdos anteriores e posteriores, num espaço, praticamente, ilimitado.

O último e sexto aspecto do jornalismo on-line relacionado por Palácios é a ideia de continuidade a que chamou de *instantaneidade* ou 'atualização contínua'.

A rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da Web. Isso possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse"(PALÁCIOS, 2003, pp. 4-5).

Todas as características, relacionadas pelo autor, desenvolveram-se devido à diferenciação que o suporte digital careceu e proporcionou para a mudança da prática. J. B. Pinho (2003) enumera dez fatores que contribuem diretamente para o fato de a Internet oferecer a maior velocidade de disseminação.

São eles: *não-linearidade*, possibilitada pelo adendo do hiperlink ao conteúdo on-line; *fisiologia*, que diz respeito ao próprio organismo do usuário, mais especificamente à visão que é prejudicada pela luz do monitor, tornando a leitura mais lenta; *instantaneidade*, conceito já discutido por Palácios (2003); *dirigibilidade*, fator que colabora para o direcionamento de públicos particulares a determinados websites; *qualificação*, que alude ao grupo de usuários jovem e qualificado e, por isso, formador de opinião que hoje tem acesso à Internet; *custos de produção e de veiculação* diferenciados dos outros media, já que a Internet não exige muitos gastos; *interatividade*, também já definida por Palácios (2003); *pessoalidade*, que remete à instância de individualização discutida por Palácios (2003); *acessibilidade* da Web que está disponível 24h por dia; e *recepção ativa*, que se refere ao que o autor chamou de mídia pull, ou seja, aquela que deve atrair a atenção do usuário ativo.

Com tantos aspectos diversificadores, o jornalismo on-line também incorpora novos modos de fazer notícia, a partir da seleção de fatores da prática tradicional e da adaptação da linguagem e estilo de redação. J. B. Pinho (2003) chama a atenção para algumas recomendações que autores como Crawford Killian (1999) e Carole Rich (2002) realizam acerca do texto jornalístico para a Web. Pinho alerta que o conteúdo publicado na Internet deve ser conciso, claro e de leitura agradável, além de utilizar, sempre, o recurso dos hiperlinks que, apesar de se apresentar como desafio ao editor, são o que garante a não-linearidade do texto.

Texto curto não é sinônimo de informação superficial ou incompleta, pois o jornalista pode usar o hipertexto, o grande diferencial da Web, cujos vínculos permitem que o usuário torne a notícia mais completa, na medida de sua necessidade ou interesse (PINHO, 2003, p. 212).

2. Rotinas produtivas no jornalismo

O jornalismo, tal qual outros ofícios, possui rotinas de produção que caracterizam a profissão. Por se tratar de uma atividade diretamente ligada à informação e ao conceito de verdade, o fazer jornalístico apropriou-se, de forma adaptada, à metodologia utilizada nas áreas do conhecimento científico, a fim de poder levar ao público notícias que correspondam à realidade. Esse método é o que se pode nomear como apuração.

Dentro das redações, editores, repórteres e toda uma gama de funcionários obedecem a alguns parâmetros de produção de notícias, dentre os quais se encontra desde o processo de análise de possíveis pautas e escolha daquelas que serão trabalhadas, até toda a verificação dos fatos e publicação do material produzido. De acordo com Michael Kunczik (2002), desde o princípio da atividade, jornalistas têm de lidar com a necessidade de selecionar os acontecimentos que serão divulgados.

Este fato remete ao que Nelson Traquina (2004), com base nos demais autores, chama de Teoria do *Gatekeeper*. Esta que, de acordo com o autor, foi a primeira hipótese criada a respeito da prática jornalística, por volta dos anos 1950, por David Manning White, alude àquela pessoa encarregada de tomar uma decisão dentro de uma sequência de escolhas.

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não (TRAQUINA, 2004, p. 150).

Com isso, se o fato for aprovado pelo agente, então há uma notícia, mas se o contrário ocorrer, e o acontecimento for reprovado, então a notícia “morre”, já que esta não será publicada. Baseado nos estudos de White, Traquina (2004) demonstra que este processo de seleção de pretensas notícias é arbitrário e subjetivo, já que o responsável pela escolha das pautas, geralmente, utiliza os próprios valores, experiências e expectativas daquilo que o público deseja ser informado, para pautar a produção do dia.

O processo de seleção de notícias, entretanto, não é somente determinado pela interferência do *gatekeeper*, como afirma Traquina (2004), mas abarca ainda várias outras dimensões que esta teoria minimiza e/ou desconsidera. De acordo com o autor, a hipótese de

White foi refutada por Walter Gieber que, em uma pesquisa com jornalistas, concluiu que a influência burocrática da empresa pesa mais no processo de escolha dos acontecimentos do que as convicções pessoais do agente.

Esta posição de complacência com o sistema, em detrimento do interesse público, é criticada por vários autores, dentre eles Bill Kovach e Tom Rosenstiel, defensores de que a prática jornalística deve servir acima de tudo à sociedade, fornecendo “aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004, p. 31). Isto porque, de acordo com a ótica dos autores, o conceito de jornalismo está intimamente ligado ao conceito de criação de uma comunidade, e também ao de democracia.

Logo, Kovach e Rosenstiel (2004) vêem no processo de seleção das notícias uma tentativa dos jornalistas de chegarem àquilo que denominam como uma “verdade funcional”, ou seja, aquela que não é, necessariamente, universal, mas que, todavia, funciona dentro do contexto social em que o jornalismo está inserido. Os autores sublinham que a “verdade jornalística” vai além do que a precisão na apuração das notícias implica, mas corresponde a todo o processo de escolha, verificação dos fatos e interação do público com a informação.

É neste sentido que a interpretação jornalística dos acontecimentos insere-se na prática, já que, de acordo com Kovach e Rosenstiel (2004), os fatos devem ser apurados, mas também devem ser contextualizados, interpretados e debatidos; o que não descarta a exatidão, já que esta é a base pela qual se ergue o jornalismo. A partir destas conceituações, Kovach e Rosenstiel concluem que “a essência do jornalismo é a disciplina da verificação” (2004, p.113), uma vez que o jornalismo deve concentrar-se primeiramente em registrar o acontecimento e o repassar, tal qual ocorreu, para o público. Esta, de acordo com os autores, é justamente a premissa que separa o jornalismo do entretenimento, que se concentra no que é divertido. Ora, a prática jornalística nem sempre leva ao conhecimento da sociedade fatos que intencionem gerar prazer em que lê, ouve, vê a notícia.

Neste mesmo contexto da verificação e da verossimilhança com os acontecimentos narrados pelo jornalismo, surge o conceito de objetividade na prática jornalística. Esta concepção é descrita como um dos problemas do ofício desde a criação da atividade. Contudo, Kovach & Rosenstiel (2004) vêem esta ideia distorcida e mal compreendida, tanto pelos profissionais da área, quanto pelo público consumidor de notícias.

De acordo com os autores, a objetividade não significa que jornalistas estão livres de preconceitos. Pelo contrário, o termo que surgiu em meados da década de 1920, reivindica que jornalistas e editores desenvolvam métodos de testar a precisão da notícia, de modo que a informação não seja prejudicada pelos valores, morais e preconceitos pessoais do profissional. Desta forma, “no conceito original, o método é objetivo, não o jornalista” (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004, p. 116).

O que corrobora a ideia que Kunczik (2002) apresenta, de que a objetividade em jornalismo está intimamente vinculada à qualidade de suas produções, ou seja, da notícia. O conceito exposto pelo autor define uma aproximação do jornalismo com o método científico, o que sugere a possibilidade de uma investigação intersubjetiva. Desta forma, “os textos jornalísticos objetivos podem ser identificados por suas qualidades de precisão, interesse, verificação, veracidade e neutralidade” (KUNCZIK, 2002, p. 230).

2.1. Jornalismo em tempo real

Com a modernidade, houve o aumento do número de veículos de informação, o que gerou uma produção excessiva de notícias. De acordo com Kunczik (2002), em uma pesquisa, Jürgen Wilke constatou, tendo dois jornais impressos de Hamburgo como objeto, que entre 1622 e 1906, o conteúdo que os leitores recebiam multiplicou-se em cem vezes. Este crescimento, por sua vez, fez com que, por consequência, aumentasse a demanda pela informação do fato recém-ocorrido.

Além disso, a análise de Wilke verificou que também sofreu aumento “o índice de atualidades, ou seja, o lapso transcorrido entre o acontecimento e a sua publicação como notícia” (KUNCZIK, 2004, p. 220). O teórico sugere que esse aumento produziu não só a aproximação entre o tempo do fato com o tempo do jornal, ao que o autor chama de “realidade do acontecimento” e “realidade editorial”, mas também foi um dos responsáveis pela mudança da consciência temporal frente à produção e publicação de notícias.

Com o avanço das tecnologias da informação, essa proximidade entre as realidades temporais tornou-se um dos marcos do jornalismo e foi sendo aprimorada ao longo da prática. Atualmente, com a Internet, que possui em si a definição de “tempo real”, essa característica está ainda mais aprimorada. A noção de tempo real remete à questão da atualização contínua

de informações. A expressão passou a ser largamente utilizada com a difusão do termo on-line, um dos modos de distribuição adotados pelo jornalismo na atualidade.

Castells (2004) define os conceitos de espaço dos fluxos e espaço dos lugares, que se referem ao tempo instantâneo de redes computadorizadas e ao tempo cronológico da vida cotidiana, respectivamente. Para o autor, várias temporalidades coexistem, embora o que ele chama de “tempo intemporal” seja a que está emergindo como determinante. Moretzsohn (2002) define este conceito como a temporalidade própria da rede. De acordo com a autora, no “tempo intemporal”, passado e futuro unem-se num presente contínuo e, até mesmo, eterno, o que remete à sensação de simultaneidade.

No caso do jornalismo, especificamente, isto pode ser considerado como um tipo de sincronismo entre o acontecimento e a veiculação da notícia sobre o mesmo. Já que o exercício do ofício sempre foi orientado pela corrida contra o tempo, prática que se tornou ainda mais acentuada com a era industrial e as novas concepções de trabalho que surgiram à época. Moretzsohn (2002) assinala que a lógica do tempo real, que sempre marcou a profissão, afeta a prática jornalística como um todo e, ainda mais, devido às exigências do mercado financeiro, e de quem nele atua, tornarem-se o relógio das redações e dos repórteres.

A ideia do “tempo real” é questionada na medida em que o jornalismo on-line sugere a oferta de informações novas a cada instante, o que é contestado pela autora. A crítica maior é o fato de que o jornalismo realizado nesta plataforma possui qualidade inferior à apresentada pelos outros veículos, isto devido à velocidade exigida para a veiculação de novas notícias a todo instante. Fato este que foi ressaltado por Kunczik (2004), quando o autor menciona a diminuição da continuidade, constatada pelo pesquisador Jürgen Wilke.

“Sucedem que, quanto mais o tempo passa, mais eventos são informados, mas em razão disso se torna menos válido o quadro da realidade transmitido pelos meios de comunicação” (KUNCZIK, 2004, p. 222). A prática do tempo real remete também ao rádio e à televisão. Moretzsohn (2002) defende que o “fetiche da velocidade” – forma pela qual a autora chama a instantaneidade pregada pelos grandes veículos de informação – está presente na prática jornalística, em geral. Seja no impresso, culturalmente tido como o *massmedia* da informação segura e bem apurada, seja na Web, o veículo diretamente ligado à concepção de velocidade.

De acordo com a autora, a velocidade torna-se fetiche, uma vez que, as empresas vêm de maneira mais importante o fato de publicar primeiro a informação do que o fato de divulgar informações corretas. Isso ocorre devido à alta valorização da instantaneidade, marca da modernidade e do fluxo que se forma ao redor da produção jornalística, ou seja, a notícia; em que os atores estão em um movimento contínuo e aparecem sempre diretamente em ação.

Evidentemente, há diferenças de ritmo, conforme o tipo de veículo para o qual se trabalha. Mas o importante será perceber como a lógica do ‘tempo real’ afeta a prática do jornalismo como um todo, radicalizando a ‘corrida contra o tempo’, que sempre marcou a profissão. Mais ainda: que as exigências do mercado financeiro, e de quem nele atua, passam a ser o relógio do noticiário em geral (MORETZSOHN, 2002, p. 130).

Desta forma, o fator tempo, além de contribuir para a supervalorização da instantaneidade como prática corrente do ofício, também prejudica, muitas vezes, a própria prática, levando o profissional e os veículos de informação a cometer erros de imprecisão ou falsidade. Moretzsohn (2002) justifica a colocação a partir do depoimento de Mariana Mainenti, em que esta afirmava que os erros são mais passíveis dos *media* on-line, devido à pressão sobre o repórter que pensará duas vezes antes de contatar a fonte para confirmar a informação; isto porque, a consequência deste *cuidado* [grifo nosso] acarretaria uma derrota na corrida pela informação.

Outro traço apontado por Moretzsohn (2002) como uma das possibilidades que a imagem do jornalismo on-line carrega, é a oferta de novas informações todo o tempo. A autora recorre a uma pesquisa realizada pelo Committee of Concerned Journalists, sobre a cobertura jornalística feita durante a eleição presidencial dos EUA no ano de 2000. O relatório analisou 12 sites noticiosos bastante populares e chegou à conclusão de que 25% das páginas examinadas não possuíam conteúdo próprio, mas apenas reproduziam *releases* e despachos de agências.

Para Moretzsohn (2002), a rotina da velocidade estabelecida nas redações jornalísticas ao longo dos anos é usada para justificar e isentar a imprensa da responsabilidade social de produzir com qualidade notícias que correspondam à realidade. Qualidade esta que é colocada à margem, em favor da rapidez das publicações e da lógica do mercado que impõe a concorrência. A notícia não é mais, portanto, vista como conteúdo, mas como um produto sujeito à aprovação do consumidor.

Esta alegação serve, de acordo com a autora, para “desculpar a rapinagem e a fragilidade da apuração, porque tudo, em tese, pode desaparecer ou ser melhorado no próximo despacho” (MORETZSOHN, 2002, p. 160). Logo, as rotinas de trabalho no jornalismo passam a ser as culpadas pelo descuido com a informação, tendo em vista o processo de apuração e verificação do fato que pode vir a se tornar notícia nas páginas dos jornais, sejam estas on-line ou impressas, nas sonoras das rádios e nas imagens das televisões.

3. Ética jornalística

A palavra ética vem do grego e deriva da expressão *ethos*, que significa *hábito*. De acordo com Caio Túlio Costa, em grego, o termo *ethos* possui duas pronúncias e, conseqüentemente, dois significados. O primeiro remete a *costume*, já o segundo diz respeito ao “caráter, índole natural, temperamento, aquele conjunto de disposições físicas e psíquicas de uma pessoa” (COSTA, 2009, p. 19). Neste segundo caso, portanto, ética refere-se ao senso moral e à consciência ética individual. Isso a distancia do conceito de *moral*, que alude a um conjunto de regras comuns a todos, sem o apelo à consciência de cada indivíduo.

Ética, portanto, também não se assemelha à etiqueta, vista por Eugênio Bucci como uma pequena parcela da ética que se encarrega de estabelecer um guia de boas maneiras. A partir da observação da queda da monarquia na França do século XVIII, o autor observa que, “Onde a etiqueta silenciava, a ética lançava perguntas que penetravam como lâmina” (BUCCI, 2000, p. 10). Vista sob esta perspectiva da construção da democracia no mundo, a ética é também um dos pilares do jornalismo como instituição da cidadania. Já que ambos, de acordo com Bucci, buscam e defendem o bem comum para todos.

Deste modo, a ética jornalística apega-se aos conceitos de pluralidade e diversidade, estes que podem tanto referir-se às fontes para um texto jornalístico, quanto à concentração de propriedade dos meios de comunicação. Como, segundo Bucci, no Brasil esta segunda premissa pouco é discutida, graças ao grande acúmulo de veículos em poucas empresas, a discussão da ética jornalística torna-se sinônimo da *práxis*. Como observa o autor, balizado em Aduino Nogueira, “quando se trata de ética, o exercício prático é o que se examina, e é dele que se extraem as noções de virtude” (BUCCI, 2000, p. 16).

A ética no jornalismo encarrega-se de optar muitas vezes, não pelo certo e o errado, mas por dilemas que confrontam valores que se apresentam ambos de forma legítima. O exemplo mais claro citado por Bucci é a frequência com que os órgãos de imprensa têm de lidar com a escolha entre o respeito à privacidade de personagens públicos e o direito do cidadão de ser informado. Em casos como este, a ética jornalística encontra-se em uma encruzilhada, na qual a única solução para encontrar a resposta correta é a reflexão de valores que se situam entre um dilema que vai além do lícito e do ilícito.

Para Carlos Alberto Di Franco (1996), a ética jornalística não pode ser tratada como uma receita de fácil execução a ser lecionada na academia e, logo após, facilmente praticada pelos profissionais atuantes da área. Já que, de acordo com Ana Maria Dantas, no jornalismo a ética é norteadada por uma série de valores, tais como a busca da verdade, a imparcialidade e a responsabilidade social. Contudo, estes são apenas indicadores do comportamento ideal que jornalistas e estudantes deveriam adotar para atuar nas redações, assessorias de imprensa, universidades, etc.

Ao longo dos anos, vários mitos foram construídos acerca da ética jornalística. Christofoleti (2008) enumera cinco afirmações do senso comum que anuviam o pensamento social quando o assunto é a ética jornalística. Dentre esses mitos, estão duas sentenças que remetem à formação acadêmica dos profissionais e restringem o debate ético às instituições de ensino. Isto porque, conforme apresenta o autor, a maior parte da reflexão teórica sobre o tema é, de fato, produzida na academia, o que gera na sociedade a impressão de que o saber só pode ser construído dentro do ambiente teórico.

Contudo, esta tese é rebatida pelo autor, quando este afirma que o mercado não é isento ou independente das discussões éticas, tendo em vista que o conhecimento é produzido “também na prática cotidiana consciente, na repetição, na busca de soluções para problemas e na ousadia de fazer funcionar novas idéias” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 22). Christofoletti aponta que, neste caso, em muitos aspectos para as empresas de comunicação a ética atende pelo nome de qualidade.

Logo, a ética não pode restringir-se apenas ao ambiente acadêmico, visto que está presente em todos os aspectos da existência humana. A ética do homem é, portanto, construída por várias situações e diversas fontes, o que nega o pensamento comum de que a ética pode ser apreendida em sala de aula. De acordo com o autor, a escola, neste caso, apenas “ajuda a reforçar valores, discutir princípios e refletir sobre condutas” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 24).

A formação ética jornalística, então, não é alcançada na academia, mas é na universidade que os estudantes devem ser despertados para o debate ético e sua aplicação prática no mercado de trabalho. A importância das instituições de ensino na formação ética do profissional está ligada ao conhecimento teórico, tanto dos problemas e situações relativos à ética do profissional, quanto ao exercício dessa conduta dentro das redações.

Deste modo, segundo sugere Christofolletti, a ética jornalística é construída dentro e fora da academia, por meio de regras que, neste caso, pode se chamar de códigos deontológicos, na medida em que definem limites e estabelecem valores e fundamentos de cada profissão. Estes dispositivos de regulação são produzidos pelos próprios profissionais e trazem não leis de direitos e deveres, mas de recomendações de conduta do profissional.

A importância da implantação de um código de ética para os jornalistas brasileiros permeou as discussões profissionais desde os primórdios do ofício no país, ainda no período colonial, até o ano de 1985³, quando o documento foi aprovado pela Federação Nacional dos Jornalistas. O Código de Ética dos Jornalistas é baseado principalmente nos conceitos da defesa dos valores universais, como a vida e a verdade, e também indica a imparcialidade como requisito mínimo para a atividade. O documento passou a nortear os caminhos da profissão e a denunciar os casos de omissão e manipulação da informação.

Imortalizada por Cláudio Abramo, a ideia de que o jornalista não possui especificidade ética, mas uma postura comum à do cidadão, é levada ainda hoje ao pé da letra, de acordo com Caio Túlio Costa. Para o autor, a ética do marceneiro, exemplo utilizado por Abramo, não basta, já que “o marceneiro lida com a madeira, e o jornalista com representações de outrem, com fatos, com fontes e com o público” (COSTA, 2009, p. 255). Da mesma forma, a professora Maria José Baldassar aponta que para uma profissão ser reconhecida, um código próprio de ética deve ser adotado.

Esta afirmação é também endossada por Christofolletti: “Nem todas as ocupações contam com códigos semelhantes, mas algumas das carreiras mais influentes têm seus documentos: médicos, advogados, engenheiros, funcionários públicos, jornalistas...” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 81). A criação de regras comuns para os profissionais da área torna-se, então, legítima e necessária, já que os pressupostos de uma conduta socialmente aceita não satisfazem totalmente os compromissos do fazer jornalístico.

Bucci evoca esta ideia por meio da ótica que sugere a fuga do senso comum; que, conforme ele aponta, poderia orientar o trabalho jornalístico para as preferências do mercado e não para o direito à informação, pilar do ofício. De acordo com o autor, a função do jornalismo é ser a expressão cívica da cidadania, o equivalente a dizer que “para a imprensa, o compromisso com a democracia está acima do compromisso com os humores do público”

³ Recentemente, no ano de 2007 foi aprovado um novo código, em Congresso Extraordinário dos Jornalistas Brasileiros, realizado em Londrina (PR).

(BUCCI, 2000, p. 175), o que faz com que o jornalismo, muitas vezes, vá em direção oposta à opinião pública.

Esta resistência à opinião pública, que foi durante um longo período balizadora do bom jornalismo⁴, baseia-se no fato de que hoje ela foi englobada pelo mercado de consumo, dando lugar, de acordo com Bucci, às manifestações dos desejos dos consumidores. O trabalho do jornalista é, portanto, evitar que o conceito de *interesse público* confunda-se com o *interesse do público*. Ambos, segundo o autor, são legítimos. Mas, somente o primeiro possui legitimidade enquanto matéria-prima para o jornalismo.

Carlos Alberto Di Franco (1996) defende a ética como rotina no trabalho da investigação, já que, segundo o autor, o único fator que diferencia as empresas de informação é o modo como estas tratam os valores humanos e a ética dentro de seus veículos, sejam impressos ou programas de TV e rádio. A ética cotidiana do jornalismo desvencilha-se, portanto, dos padrões conceituais e corresponde mais ao tratamento na apuração das notícias, ou seja, à qualidade da informação jornalística, como propõe, também, Rogério Christofolletti.

“No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 11), já que os profissionais precisam ter conhecimento tanto das ferramentas de trabalho, quanto da própria linguagem, sem colocar em risco o compromisso com os valores e limites morais de seu ofício. O autor ainda sugere que a reflexão sobre a ética dentro e fora das redações deve ser exercício cotidiano, para que os conceitos sejam sempre atualizados e praticados pelos jornalistas.

A existência dos códigos de conduta profissional é, apenas, segundo Christofolletti, uma sugestão à prática, já que os órgãos de regulação dos jornalistas no Brasil não possuem autoridade suficiente para fiscalizar e/ou punir aqueles que fogem aos padrões. De acordo com o autor, esta função está nas mãos do Ministério do Trabalho, diferentemente de outros ofícios, tais como o da Medicina e o do Direito, que possuem instâncias reguladoras próprias, responsáveis pela emissão de seus documentos e também pela fiscalização da atuação dos profissionais.

⁴ O termo aqui justifica-se tendo em vista o conceito cunhado pelo movimento iluminista da Revolução Francesa do século XVIII.

Para que isto ocorra no jornalismo brasileiro, Christofolletti afirma que uma mudança na legislação do país seria necessária, a fim de delegar a função a um órgão responsável que, no caso, poderia ser a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Devido isto, a ética fica muitas vezes sujeita apenas à consciência moral das empresas – questionável partindo-se do ponto de vista do mercado e da competição – e dos profissionais. Algumas empresas têm um cuidado maior com a questão ética, como ressalta Christofolletti, visando evitar constrangimentos que, por sua vez, afetem a credibilidade do trabalho jornalístico realizado.

Se o jornalismo tem como compromisso principal informar a sociedade e garantir que esta informação seja verdadeira, como afirma Christofolletti, então a postura ética, tendo-se em vista a qualidade do jornalismo realizado, não poderia ser renunciada. Entretanto, Bernardo Kucinski (2004) constata uma ética relativa, flexível e maleável em prática nas redações; isto devido aos valores que surgiram com os tempos pós-modernos e o neoliberalismo econômico. O autor ressalta que a ética não é estável e muda, porque os valores sociais transformam-se com o passar do tempo.

Sendo assim, o que entra em questionamento não é o valor que o conceito de ética possui dentro da prática jornalística, mas o quão aplicável esta concepção é para o dia a dia das redações, seja de jornais impressos, telejornais, etc. Di Franco (1995 também assinala que a ética não é algo tão-somente teórico, mas que ultrapassa o limite das proposições e passa a permear o cotidiano dos jornalistas, quando estes adotam uma postura responsável diante da qualidade do serviço prestado, isto é, na apuração e veiculação das notícias.

A ética é, portanto, mais uma vez vista como sinônimo da *práxis*, fato este que ocorre, principalmente, no mercado de trabalho. Bucci propõe que a ética seja uma meta contínua dentro das redações. Além de sugerir que esta discussão não se restrinja tão-somente a uma questão de porte e postura do jornalista, todavia, devem ser postos em cheque também as empresas e corporações donas desses canais de informação. “Se uma empresa de comunicação não se submete na prática às exigências de busca da verdade e do equilíbrio, o esforço de diálogo [ético] vira proselitismo vazio” (BUCCI, 2000, p. 31).

Com isso, Bucci questiona a flexibilização da ética jornalística, a partir da análise de erros históricos graves da imprensa brasileira em coberturas, muitas vezes, sensacionalistas e pretensiosas, geradas por problemas da hegemonia dos veículos de informação. Bucci afirma ainda que essa preponderância de algumas empresas desequilibra a democracia e também a

competição, base da economia capitalista. Ambos os fatores são vistos pelo autor como pilares do jornalismo, já que a primeira instância assegura o direito à informação, e a segunda diz respeito à livre concorrência entre veículos.

Os desvios éticos da imprensa brasileira não se resumem, portanto, às falhas dos jornalistas – que, evidentemente, devem ser analisadas em público para o bem da melhoria da qualidade de informação; eles se estendem às empresas e à sociedade. O problema ético é um problema estrutural e sistêmico. A desinformação não se deve apenas a mais profissionais, mas também a atitudes empresariais que revelam falta de compromisso com o direito à informação, que se articulam para excluir o cidadão das decisões que em seu nome são tomadas (BUCCI, 2000, p. 35).

3.1. Ética no jornalismo on-line

Assim como o telejornalismo e o radiojornalismo distanciaram-se do padrão impresso, o jornalismo on-line surge trazendo modificações estruturais e conceituais, tais como o formato. Para tanto, questiona-se também a constituição de uma nova ética, ou pelo menos de uma ruptura com suas teorias convencionais, como defende o autor Elias Machado. Tendo em vista que deontologia é um conjunto de normas e regras adotadas por um determinado grupo profissional, o autor discute uma reconfiguração consensual a fim de tornar a deontologia da profissão mais compatível com a nova prática.

Para Machado, a deontologia dos jornalistas limita-se aos códigos tradicionais e pouco flexíveis que servem mais como ornamento da prática jornalística. Diferentemente da ética que, por ser própria do ser social, segundo Bernardo Kucinski (2004), permeia todos os estágios do jornalismo, desde a escolha das pautas até a veiculação das notícias. Já que a ética é algo adaptável, na medida em que se transforma de acordo com as próprias mudanças pelas quais a sociedade e também, vale acrescentar, os meios de informação sofrem ao longo da história.

Com o surgimento do aparato digital, os questionamentos acerca da deontologia jornalística somente aumentaram; isto devido ao que Machado chama de “revolução cognitiva de nossa época”. O autor explica que, com essa fase de transição, as normas deontológicas – que antes norteavam, mesmo que de forma faltosa, a prática jornalística –, com o adendo da nova plataforma de veiculação de notícias, passam a não corresponder às demandas de apoio para o jornalismo. Além disso, Machado acrescenta que também não há outras medidas que localizem as particularidades do webjornalismo.

Com a chegada da Web 2.0, o jornalismo não é mais caracterizado somente pelo envio de informações a um público determinado, mas também pela participação dos leitores-usuários da Web. Mark Briggs destaca uma sentença que resume a ideia do compartilhamento de informação entre jornalista e leitor: “a notícia é uma conversa, não uma palestra” (BRIGGS, p. 34). De acordo com o autor, muitas empresas de informação já incluem links de redirecionamento para emails, o que facilita o contato dos usuários com o repórter. Essa facilidade da interatividade pede e provoca alterações na prática jornalística, já que com a participação do leitor, o conteúdo das notícias torna-se mais aberto e passível de interferências, fazendo com que o público assuma uma posição de controle de qualidade.

Contudo, de acordo com Machado, há ainda uma assimetria entre jornalista e leitor na divisão do poder de veicular informação; este último que, leigo quanto ao conceito de objetividade jornalística, acaba por perceber as desigualdades de poderes entre ambos. Para o autor, é necessário, portanto, que haja uma reestruturação no modo de produção centralizado da notícia; isto para que a objetividade reassuma suas funções deontológicas, deixando de atuar como uma espécie de escudo para os jornalistas e se tornando um marco do equilíbrio entre todos os usuários da Web, sejam jornalistas, ou não.

Artur Araújo (2003) relaciona três grandes problemas que ocorrem diariamente, e principalmente, em redações on-line. O autor afirma que estas três questões atingem todos os veículos de informação, desde o impresso ao telejornal. Contudo, com o advento da Internet, tais temas passaram a ser foco principal de discussão. O primeiro deles é o plágio: uma prática mal-vista no meio jornalístico, mas que, no Brasil, não se configura como atividade passível de punição penal. A Lei de Direitos Autorais brasileira afirma em seu texto que na imprensa diária ou periódica é permitida a reprodução de material jornalístico, o que inclui *releases* ou até mesmo notícias de outros veículos. A atividade é permitida, desde que sejam citados o autor e o veículo original.

Contudo, para Araújo, a prática de publicação de material alheio não é justificável, apesar de legítima aos olhos da lei. Isto porque, de acordo com o autor, o jornalista ao copiar o material de outro profissional, deixa implícito que sua atividade não tem valor, já que o trabalho de apuração, entre outras funções designadas ao repórter, não é realizado. Além do mais, ao fazer isto, o jornalista assume uma postura de concordância com tudo o que o outro profissional escreveu, o que o coloca numa posição de risco, pois terá que arcar com os erros

cometidos e, até mesmo, responder a processos judiciais, caso haja alguma denúncia que envolva o material publicado.

O segundo problema relacionado por Araújo é a incongruência entre agilidade e precisão informativa. Classificada por Sylvia Moretzsohn (2002) como “fetiche da velocidade”, a compulsão pela corrida noticiosa é hoje um dos marcos do jornalismo on-line, termo este que designa em si “tempo real”. Para tanto, a dificuldade que se observa no meio jornalístico e, principalmente, na Internet, é a competição entre os vários veículos de informação que, muitas vezes, torna complicado esse alinhamento entre a qualidade e a rapidez da publicação.

Araújo defende que, mesmo trabalhando para ser o mais rápido, o jornalista não pode desprezar a própria função social do ofício, que é o de informar o público com precisão e qualidade. Para corroborar sua afirmação, Araújo recorre ao teórico francês Paul Virilo, que lança o conceito de *dromologia*, que vem do grego e faz alusão a corrida, marcha. Araújo ressalta que essa compulsão pela velocidade na divulgação de informações não surgiu com a Internet, mas sim com a Imprensa. Logo, não se justifica abrir mão de técnicas e rotinas de trabalho tendo em vista somente a agilidade.

O terceiro problema que Araújo localiza dentro da prática do jornalismo on-line é a forma de lidar com as erratas, ou informações contendo erros que são veiculadas pelos meios de comunicação. De acordo com o autor, a postura a ser assumida pelos veículos de Internet não deve ser diferente da mesma adotada nos outros meios. Araújo defende que os erros devem ser assumidos e publicados no mesmo espaço. O autor cita o comportamento da Reuters, agência internacional de notícias, que foi adotado desde 2002 e prega que “todos os erros publicados na Web devem ser informados e corrigidos dentro da própria matéria onde o erro incorreu” (ARAÚJO, 2003, p. 85).

O desenvolvimento das novas tecnologias mudou a rotina das redações e dos jornalistas. Atualmente, é mais fácil encontrar informações e dispor de material on-line. O trabalho, de certa forma, foi facilitado. Contudo, de acordo com Christofolletti (2008), essa mudança trouxe também outros tipos de dificuldades para o ofício.

O intervalo entre o acontecimento e a distribuição do seu relato está muito menor, pois sites e portais querem dar a notícia antes da TV e do rádio. Com prazos vencendo antes, jornalistas e meios de comunicação precisam ser mais eficientes, ágeis e versáteis. As etapas de produção da notícia não mudaram e, na prática, isso

obriga a escolher entre ser altamente competente ou queimar algum estágio desse processo (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 98).

Christofoletti sustenta que todos os meios são passíveis de erros, mas a condição de velocidade inerente ao jornalismo on-line torna a discussão necessária, já que falhas que podem comprometer a qualidade do jornalismo, enquanto serviço social, geram transtornos de ordem ética. Segundo o autor, a desculpa da agilidade não pode prejudicar a correção ou a precisão das informações veiculadas. Isto porque, se houver esta renúncia, os portais e sites jornalísticos, tanto quanto os próprios repórteres que trabalham on-line, estariam abdicando da essência do ofício, o que descaracterizaria a atividade como jornalística.

4. A qualidade da informação jornalística: ética aplicada

Discutir a prática jornalística envolve desde técnicas de apuração e verificação de informações primárias, até as rotinas de produção e edição de textos que se tornarão notícias. Todo esse sistema de composição de material jornalístico está sujeito também às regras e normas da profissão, o que acaba por submeter o fazer jornalístico a um método de controle de qualidade. De acordo com Di Franco (1995), a qualidade informativa é um requisito básico ao produto que se pretende jornalístico.

A qualidade dentro da prática jornalística pode ser entendida de dois modos, segundo Carina Benedeti: “a natureza específica desse tipo de informação (*a sua qualidade* ou categoria) e a sua avaliação com base na noção de aceitação que possui (o seu julgamento *de qualidade*)” (2009, p. 9). A autora afirma que dentro do jornalismo há uma carência conceitual da qualidade da informação. De acordo com Benedeti (2009), isto se dá devido às inúmeras discordâncias dentro da área a respeito da relação entre o serviço e a sociedade.

Esta ligação é apontada por Di Franco (1995) como a condutora da prática jornalística. O autor cobra do profissional a dedicação e o comprometimento com o ato de escrever a informação para o destinatário que, segundo ele, exige a qualidade. Di Franco (1995) considera que o consumidor da informação jornalística está cada dia mais crítico e que, por este motivo, cobra um serviço que facilite o seu dia a dia. Diferentemente do que o jornalismo de entretenimento, indicado pelo autor, propõe e /ou oferece.

De acordo com Di Franco (1995), o bom jornalismo não é realizado, meramente, a partir da apresentação de diferentes versões dos fatos. A qualidade do produto jornalístico é medida, não pela sua capacidade de impactar o público – esta é uma das finalidades do entretenimento –, mas em sua disposição em aprofundar a informação.

Não se trata, portanto, de adocicar a realidade. O problema não está na veiculação de notícias sobre violência, mas no exagero, na desproporção informativa. É cômodo e relativamente é fácil provocar emoções. Informar com profundidade é outra conversa. Exige trabalho, competência e talento (DI FRANCO, 1995, p. 25).

Neste mesmo sentido, Kovach e Rosenstiel (2004) vêem o jornalismo como uma atividade intimamente conectada à moral e, mais especificamente, ao que os autores chamaram de caráter. Isto se deve ao fator de tensão que a profissão carrega, tendo em vista a

função social que exerce de mediador da informação. Kovach e Rosenstiel (2004) afirmam que os jornalistas lidam com a instância da consciência, já que se faz a necessidade de julgamento ante os fatos que se colocam à sua frente.

De acordo com os autores, “todos os jornalistas – da redação à sala da diretoria – devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade – uma bússola moral” (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004, p. 274). Sob a ótica apresentada pelos autores, a qualidade do conteúdo produzido pelos jornalistas está, desta forma, condicionada à ética própria do profissional e da instituição em que atua. Kovach e Rosenstiel (2004) concluem que a multiplicidade de todos estes discursos dentro das redações é o que garante a exatidão das notícias, mesmo que, por ora, dificultem a administração da empresa jornalística.

Dificuldade esta não verificada por Di Franco (1995), que vê na rotinização da qualidade da informação uma das maneiras de garantir, empresarialmente falando, o lucro das instituições jornalísticas. Para o autor, a exigência e a crítica mais presentes e recorrentes do leitor [consumidor] determinam um cuidado com a produção do conteúdo jornalístico de tal forma que, cada vez mais aprimorada, assegura o crescimento da credibilidade do veículo e, conseqüentemente, da obtenção de lucros.

O lucro decorre da credibilidade, da qualidade do produto. E a qualidade é a primeira exigência ética. Não estou, obviamente, defendendo uma ética utilitária. Ela tem um valor em si e deve ser praticada independentemente do lucro. No entanto, ética e lucro, nos meios de comunicação, não devem ser realidade antagônicas. A ética jornalística não é um dique, mas um canal de irrigação (DI FRANCO, 1995, p. 33).

O maior problema encontrado por Di Franco, entretanto, é o mesmo apontado por Benedeti (2009): a ausência de parâmetros conceituais que sejam capazes de qualificar a informação jornalística. Em resposta a esta questão, a autora indica alguns traços, parte da visão ocidental e inseridos no contexto democrático, que delineiam a qualidade do jornalismo. São eles: verdade, liberdade, pluralidade, interesse público e cidadania. Benedeti (2009) afirma que todas estas concepções são referências para a produção da informação jornalística e marcadores de sua qualidade.

Kunczik (2002), ao abordar a ética da prática jornalística⁵, conclui que os profissionais, em grande parte, não consideram as conseqüências negativas do trabalho que desempenham como responsabilidade de seus atos e escolhas. Diferentemente do que se

⁵ O autor aprofunda a discussão com base nos estudos realizados por Max Weber (1964) e a delimitação realizada pelo teórico de dois valores éticos (responsabilidades e de valores absolutos).

observa em casos em que a repercussão do trabalho jornalístico é positiva. De acordo com o autor, nestes casos, os profissionais tendem a julgar o resultado como obra de sua responsabilidade. Este é um dos sintomas da formação jornalística, apontado por Kunczik (2002). O autor afirma “que na formação jornalística deve ocupar uma posição central a questão da ética profissional, assim como a contínua reflexão sobre o impacto causado pelo trabalho dos jornalistas” (KUNCZIK, 2002, p. 49).

O que remete à ideia apresentada por Kovach e Rosenstiel (2004), e aqui repercutida, de que na profissão há culturalmente e faticamente um aspecto moral. Os autores defendem que a ética do jornalista está inserida nos processos de julgamento e produção da notícia e, por isso, é também apreendida pelo consumidor. Kovach e Rosenstiel escreveram ainda que “as questões morais que os jornalistas enfrentam não são desconhecidas para nós quando consumimos informação, e na hora de julgarmos o que é crível e verossímil essas questões entram em jogo” (2004, p.281).

Esta ideia remete à conceituação da objetividade no jornalismo, uma vez que, de acordo com Kunczik (2002), uma notícia é objetiva quando há identificação entre o fato e sua descrição; desta forma, a objetividade está conectada à qualidade do jornalismo, entendida como precisão e verificação do fato publicado pela imprensa. Kunczik (2002) afirma que este processo não está isento da interferência do profissional; tanto que corrobora a teoria do *gatekeeper*. Contudo, o autor aponta que o texto jornalístico deve apresentar-se de modo que facilite ao consumidor elaborar suas próprias opiniões.

A objetividade é própria do procedimento científico e define a possibilidade da verificação intersubjetiva. Essa definição da objetividade pode aplicar-se também ao jornalismo, o que quer dizer que deve ser abandonada a noção frequentemente discutida na literatura de que a objetividade esteja ligada à relação existente entre afirmação e realidade. Essa definição faz da objetividade uma marca da investigação e da informação profissional sempre e quando se procura separar notícia de comentário de modo desapaixonado, imparcial e não-manipulador (KUNCZIK, 2002, p. 230).

Dentro desta linha de pensamento, Benedeti (2009), em sua pesquisa sobre a cobertura dos transgênicos na mídia impressa brasileira, constatou “um *descompasso* [grifo da autora] entre os fundamentos conceituais da atividade jornalística nas sociedades ocidentais e a experiência prática considerada” (2009, p. 96). De acordo com a autora, o caráter da cobertura realizada por sete grandes jornais não permitiu ao público que contextualizasse a trajetória dos fatos ocorridos à época, corrompendo a qualidade do serviço prestado.

A autora indica que, em alguns casos, esse prejuízo à qualidade da informação jornalística é condicionado a alguns fatores, tais como o perfil editorial da empresa; condições de tempo e espaço para produção e publicação de notícias; e demanda do público pelo fato. Benedeti (2009) aponta duas saídas que jornalistas tendem a escolher, de acordo com a combinação destes fatores, e que correspondem a duas instâncias de enfoque, que podem concentrar-se no factual ou no contextual.

É um arbítrio profissional porque nem a linguagem nem a forma de conhecimento do jornalismo determinam essa decisão, já que *não* [grifo da autora] está em questão a ausência de factualidade nas notícias (pois, os fatos são a matéria-prima do jornalismo) ou a completa ausência de particularidade (pois, o singular contém e está contido nas dimensões do típico e do universal, necessariamente). Escolhe-se, apenas, a dimensão da *exposição* [grifo da autora] do contextual no texto (BENEDETI, 2009, p. 98).

Benedeti (2009) complementa que, muitas vezes, esta escolha arbitrária dos jornalistas pode resultar na publicação de material informativo de baixa qualidade e que não colabore para o objetivo básico de todo o jornalismo: o bem informar ao público. Por meio de citação da autora Marilena Chauí (1995) e da elaboração que esta faz ao redor do conceito de verdade⁶, Benedeti (2009) conclui que, mesmo com todas as dificuldades encontradas pelo jornalismo hoje, tais como concorrência e pressão do tempo de divulgação, não há justificativa que satisfaça a falta de qualidade do conteúdo.

O que valida, até certo ponto, a ideia defendida por Di Franco (1995) de que a qualidade jornalística está intimamente ligada à ética do profissional e dos veículos de informação. De acordo com o autor, o que corrobora o jornalismo competente é a fidelidade aos fatos, independente da posição política que assuma ou de sua visão de mundo. Neste sentido, Di Franco (1995) aponta alguns sintomas que se apresentam nas redações jornalísticas, todos de ordem prejudicial, segundo o autor, à qualidade informacional. Dentre eles a apuração mal-feita, a carência de informação especializada e o não-reconhecimento dos erros cometidos.

Di Franco (1995) acrescenta que, mesmo na lógica do capital, as empresas jornalísticas não devem temer a realização do jornalismo de qualidade, já que, segundo o autor, é exatamente a informação bem apurada e a transparência do serviço que garantem e

⁶ A autora estabelece três concepções do termo verdade, originadas do latim, do grego e do hebraico. A primeira significação extraída do grego refere-se à própria realidade, no sentido de que é verdadeiro o que é real. O segundo sentido, do latim, verdade remete à exatidão de um relato, ou seja corresponde à linguagem adotada para descrever o ocorrido. Já a terceira concepção, originada no hebraico, faz alusão a um pacto, ao compromisso estabelecido, à confiança no que é descrito.

estimulam o público a consumir a informação cada vez mais. De acordo com Di Franco (1995), para apresentar um produto mais atraente aos consumidores, não há necessidade de que as empresas abram mão da qualidade editorial ou da autocrítica. Para o autor, a credibilidade do jornalismo, pelo contrário, nasce exatamente deste ponto.

Criticamos uma troca de legendas, um empastelamento qualquer, um erro de diagramação. Mas não nos envergonhamos da informação incorreta, da matéria mal apurada, da manipulação informativa, do sensacionalismo brega, da notícia incompetente. Esquecemos que a qualidade é o outro nome da ética (DI FRANCO, 1995, p. 166).

5. A análise

Com o objetivo de verificar se a prática do jornalismo on-line abre mão de princípios éticos de apuração e publicação de notícias, pretendeu-se, com esta pesquisa, analisar de que forma estes elementos são aplicados ao ofício e se há veiculação de conteúdo desqualificado devido à falta de apuração prévia das informações primárias. Isto, tendo em vista a hipótese de que a agilidade, marca distintiva da Internet com relação aos outros veículos de imprensa, é beneficiada em detrimento dos parâmetros primordiais do ofício.

Logo, o estudo bibliográfico baseou-se nas contribuições teóricas de vários autores que produziram artigos, dissertações e teses sobre as formas de aplicação da ética à prática jornalística, além de contemplar estudos referentes ao surgimento do jornalismo on-line, remetendo-se à criação da Internet e sua contribuição para a prática da modalidade pesquisada. “Cada aspecto a ser medido requer uma definição nominal proveniente de dicionários, da literatura específica, de outras pesquisas, de pré-testes ou do próprio senso comum” (HERSCOVITZ, 2008, p. 132).

Em análise preliminar, das editorias de Cotidiano e Cidades dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, respectivamente, foi constatada em ambos os veículos uma incompatibilidade com o termo on-line, tendo em vista que os dois títulos abrem mão da publicação de notícias factuais em seu veículo on-line, em prol das matérias que serão veiculadas em suas versões impressas no dia seguinte. Na homepage do Estadão (como é chamado *O Estado de S. Paulo*), as notícias que são divulgadas na edição impressa do dia seguinte somente entram no site após a 0h, na forma de resumo, e mais tarde, a partir das 9h, no formato integral de como foram publicadas no impresso (ver Apêndice A – Exemplo 1, p. 61).

O site da Folha também adota a mesma política de não-publicação de notícias que serão utilizadas no veículo impresso. A pequena diferença entre os dois veículos é o fato de que a Folha veicula somente parciais da notícia, convidando o internauta a adquirir o jornal e ler a reportagem integralmente (ver Apêndice A – Exemplo 2, p. 63). Esta situação somente muda de quadro quando há cobertura ostensiva de acontecimentos de maior interesse público, tais como segurança pública, saúde e cobertura política. As editorias foram escolhidas

preliminarmente por possuírem o mesmo fim dentro dos jornais, isto é, a cobertura de fatos relacionados aos municípios brasileiros, especialmente à cidade de São Paulo.

Devido a esta incompatibilidade que dificultou a comparação, a presente pesquisa definiu como objeto de estudo três jornais on-line, sem que fosse necessária, a princípio, a comparação entre as versões impressas das mesmas empresas. A pesquisa tem caráter exploratório e se fundamenta na Análise de Conteúdo, pois, a metodologia “pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos” (HERSCOVITZ, 2008, 123).

6.1 O método e a amostragem

O estudo tem base descritiva das características apresentadas pelos vários autores sobre a aplicabilidade da ética jornalística na prática on-line, fundamentados na análise do conteúdo de três veículos e, por fim, a comparação entre as versões impressa e on-line de um mesmo *medium*. A caracterização do objeto da pesquisa compôs-se na delimitação de três veículos com fins diversos, pertencentes a três empresas de comunicação – Grupo Folha, Grupo Estado e Internet Group –, a partir de técnicas de amostragem não-aleatórias, por se tratar de uma análise de publicações específicas.

Nestes casos, considera-se “a hierarquia e o número de meios de comunicação disponíveis, sua orientação política ou editorial, região, cifras de circulação, distribuição ou audiência, tipo de texto ou programa de rádio ou televisão, etc” (HERSCOVITZ, 2008, 131). A amostra foi definida pelos destaques das capas de cada site, dentro do período de uma semana e de um mesmo horário, o que inclui artigos, aplicativos, postagens de blogs e notícias de produção variada. Além disso, com a distinção de interfaces que cada veículo adota, o volume de destaques e, conseqüentemente, de notícias, também se diferencia (ver Apêndice A – Exemplo 3, p. 64).

O objetivo é verificar quais parâmetros éticos, relacionados nesta pesquisa, são adotados pelos veículos on-line e em que medida estes se distanciam ou não da prática ideal do jornalismo. Os resultados da pesquisa foram gerados pela análise de conteúdo de uma amostra representativa de três sites de notícias brasileiros (Estadão Online, Folha Online e Último Segundo), totalizando o conteúdo de 134 textos jornalísticos. Como o interesse deste

trabalho é o conteúdo produzido especialmente pelas redações dos próprios veículos on-line, o universo de análise ficou restrito a 78 notícias (ver Apêndice B – Gráfico 1, p. 77).

A delimitação da amostragem foi realizada por meio de observação dos modos de produção dos veículos. As notícias de agências e/ou de outros veículos, que não o analisado, foram suprimidas para que o foco da pesquisa seja total e completamente voltado para as redações jornalísticas on-line e seus respectivos critérios editoriais de informação. Para tanto, respeitou-se os créditos e indicativos de outras empresas disponibilizados pelos próprios sites no corpo das notícias publicadas. Vale ressaltar que, pelos motivos de restrição do conteúdo, a amostra do Estadão Online acaba por não corresponder sequer à metade das recolhidas dos outros dois portais.

A fim de estabelecer parâmetros de avaliação da qualidade do material veiculado pelas três empresas jornalísticas, utilizou-se alguns aspectos apontados como procedimentos profissionais que foram estabelecidos ao largo da atividade jornalística, os quais Benedeti relaciona à investigação das informações e construção dos relatos jornalísticos. São eles a recorrência a distintas fontes e/ou versões; a apresentação de dados verificáveis; a precisão de detalhes; a transparência sobre o trabalho de averiguação realizado; a clareza e/ou a concisão na apresentação do produto; a linguagem adequada à atividade; o uso de tempos verbais que denotam impessoalidade; e a utilização de aspas, a fim de revelar fidelidade de reprodução de falas (BENEDETI, 2009, p. 42).

Além destes aspectos, a pesquisa também se baseou em níveis qualitativos práticos do jornalismo. Dentre as instâncias relacionadas encontram-se o *lead* (quem, o que, quando, onde, como, por que)⁷; a contextualização; o uso de hiperlinks, por se tratar, especificamente, da veiculação de notícias on-line; os erros de correção, que englobam desde erros ortográficos e gramáticos até falhas de linkagem; e, por último, número de fontes verificadas na produção das notícias. Tais aspectos se legitimam, tendo em vista a preocupação ética que Di Franco (1995) delineia em seus ensaios e os traços qualitativos indicados por Benedeti (2009).

Num segundo momento desta pesquisa, foi comparada a versão on-line e impressa do jornal Folha de S. Paulo. Neste caso, o universo foi delimitado a cinco notícias da capa do impresso e suas respectivas correspondentes na web. Os mesmos aspectos avaliados nos veículos on-line foram analisados na segunda amostragem, contudo com o recurso da

⁷ O conceito de *lead* aqui assumido é o mesmo adotado por Nilson Lage, em *A estrutura da notícia* (1987), e que é retomado abaixo, ao especificarmos as categorias de análise aqui verificadas.

comparação entre o serviço prestado tradicionalmente no jornalismo impresso e a recente prática do jornalismo on-line. A comparação justifica-se tendo em vista a necessidade de estabelecer parâmetros do novo veículo, mediante a tradição do ofício.

Vale ressaltar que, devido à periodicidade da Folha de S. Paulo, as notícias on-line correspondentes às avaliadas no impresso foram encontradas por meio do sistema de buscas do próprio site e determinadas sob a ótica de seu conteúdo e/ou autor identificado na página da web. Desta forma, não é possível indicar com precisão que estas são, real e totalmente, equivalentes às outras, já que não há conexão física entre elas. Contudo, com a observação do tratamento do fato e das informações disponíveis, pode-se chegar a tal conclusão com certa concordância.

6.2 Os dados e a sua interpretação

A princípio, a coleta de dados aponta para uma distinção entre o conteúdo destacado pelos jornais. Em geral, 86% deste conteúdo nas homepages dos webjornais correspondem a notícias, dos quais cerca de 58% são produzidas pelas próprias redações on-line. O restante do material informativo (42%) é resultado de agências de notícias e, também, de outros braços das próprias organizações (ver Apêndice B – Gráfico 1, p. 77). No caso do Estadão Online, especificamente, do conteúdo veiculado pelo site, 63% correspondem a material produzido pelo Grupo Estado e encaminhado pela Agência Estado e pelo jornal O Estado de S. Paulo; logo, apenas 37% desta amostra é produzida pela redação do jornal on-line (ver Apêndice B – Gráfico 2, p. 78).

O que difere os dois outros portais em relação ao Estadão Online é o fato de, nos dois primeiros, apenas serem veiculadas notícias das redações on-line e de agências de notícia. Esta conclusão, entretanto, deve ser realizada com ressalva, já que apenas o Estadão divulga em todas as matérias a procedência de seu conteúdo. Como a Folha Online é uma extensão da Folha de S. Paulo, é grande a possibilidade de algum material da edição impressa ser reaproveitado na web, mas esta hipótese não pode ser comprovada por meio do material avaliado por esta pesquisa. Já no caso do Último Segundo, que foi criado inteiramente on-line, a probabilidade de ocorrer o mesmo é menor, uma vez que o webjornal não tem comunicação diretamente estabelecida com nenhuma outra empresa de comunicação.

Deste modo, a divisão para a amostragem da Folha Online e do Último Segundo foi realizada de forma distinta. Os dados coletados da Folha Online demonstram que 94% das notícias publicadas – estas que correspondem a 90% do conteúdo destacado na homepage do site – são produzidas pela redação on-line do jornal (ver Apêndice B – Gráfico 3, p. 79). Vale ressaltar neste ponto da pesquisa que, em buscas on-line e por meio de comparações realizadas, verificou-se que alguns repórteres do Grupo Folha assinam tanto as reportagens on-line quanto as publicadas no impresso (ver Apêndice A – Exemplo 4, p. 65). Isto pode ser considerado um indício de que não há uma divisão clara entre as redações.

Já dos 90% do conteúdo destacado na homepage do Último Segundo, que correspondem às notícias, 84% são produzidos, de acordo com o site, pela redação do jornal (ver Gráfico 4). Contudo, esta pesquisa limitou-se a apenas 95% deste material, já que 5% das notícias destacadas apresentaram problemas de linkagem, conduzindo o internauta a páginas diferentes do que as anunciadas na capa principal do portal (ver Apêndice A – Exemplo 5, p. 67). Preferiu-se desconsiderar o material, já que seria impossível definir, com total certeza, a notícia que teria sido *linkada*, caso não houvesse o erro.

Quanto aos aspectos conceituais e práticos estabelecidos por esta pesquisa para a análise das notícias, pode-se inferir que o quadro geral, praticamente, reflete a especificidade de cada um dos jornais, já que a incidência de cada aspecto, praticamente, repete-se conforme demonstram os gráficos (ver Apêndice B – Gráficos 5 a 8, pp. 81-84), com leves oscilações entre os percentuais verificados. Em geral, o maior deslize é a transparência sobre o trabalho de averiguação realizado, aspecto de ordem ética que reflete a prática e diz respeito à qualidade do jornalismo, de acordo com Benedeti (2009).

Para esta constatação, foram observadas no texto marcas de esclarecimento quanto ao trabalho de apuração realizado pelo repórter (ver Apêndice A – Exemplo 6, p. 68). Os dados apontam que apenas 29% de todas as notícias demonstraram cautela com a transparência ao revelar pequenos traços do processo de apuração. No entanto, este mesmo aspecto levado à especificidade de cada site, sofre algumas alterações, como pode ser observado no caso do Estadão Online, em que 31% das notícias apresentaram tais marcas. O percentual do webjornal é o maior entre os três sites verificados, já que Folha Online e Último Segundo apresentam 16% e 14% de ocorrência dos traços de transparência sobre a apuração, respectivamente (ver Apêndice B – Gráficos 7 e 8, pp. 83-84).

O segundo aspecto, em que foi constatada menor ocorrência, é de ordem prática e formal do jornalismo e diz respeito aos erros de correção cometidos, aqui compreendidos desde ortografia e gramática até falhas de *linkagem*. Neste caso, no entanto, a menor incidência do aspecto não prejudica a qualidade da informação, já que corresponde à quantidade de erros encontrados nas notícias. O Quadro Geral aponta que 28% do conteúdo analisado possui algum tipo de erro, número que se justifica devido aos baixos índices de incorreção presentes tanto na Folha Online (26%), quanto no Último Segundo (23%). Contudo, o mesmo não ocorre no Estadão Online, já que o percentual de erros verificados nas notícias do portal chega a 54% de todo o conteúdo checado.

A semelhança em toda a amostragem vem em dois aspectos que também são de ordem formal do jornalismo e que se relacionam direta e qualitativamente à prática: a linguagem adequada e o uso de tempos verbais que denotam impessoalidade (3ª pessoa). As notícias de todos os veículos analisados apresentaram adequação às normas de linguagem em sua totalidade (ver Apêndice B – Gráfico 5, p. 81). Neste ponto da pesquisa, esta constatação pode ser um indicativo de que o conteúdo informativo veiculado via Internet não é prejudicado pela velocidade em todos os seus níveis, já que as construções textuais mantêm relativa padronização, respeitando aos preceitos jornalísticos e à norma culta da língua que é adotada pelo ofício, em geral.

Contudo, cabe também questionar se a constante presença desta categoria no conteúdo jornalístico veiculado via Web não seria somente uma facilitadora do processo de produção. Neste caso, a adequação à linguagem não estaria dentro do que aqui é conceituado como um aspecto da prática ética dentro do jornalismo, mas seriam estas adequações apenas formas de processar e publicar de modo ainda mais veloz as informações. Esta hipótese legitima-se à medida em que surge o questionamento de que o jornalismo se readaptaria – até mesmo deixando de lado tais recomendações linguísticas – caso existissem outros métodos de tratar o fato que garantissem a maior velocidade de sua veiculação.

Outros três traços que valem ser mencionados são de ordem empírica e se localizam dentro da qualidade jornalística, da forma como esta é concebida por Di Franco (1995). São eles recorrência a distintas fontes e/ou versões, apresentação de dados verificáveis e precisão de detalhes. Os três aspectos oscilam no Quadro Geral (ver Apêndice B – Gráfico 5, p. 81) na margem de 50%, sem grandes alterações quando comparados à Folha Online (50%; 50%; 60%) e ao Último Segundo (43%; 43%; 51%). A maior alteração deste intervalo corresponde

ao Estadão Online no quesito precisão de detalhes, em que o percentual cai para 15%, o que pode ser considerado um problema de conteúdo.

Os demais itens avaliados apresentaram percentuais elevados tanto no Quadro Geral dos veículos, quanto especificamente, mantendo uma linha padrão entre os três jornais online. Algumas modificações foram observadas entre o Estadão Online e os outros dois portais, nos demais quesitos, o que pode implicar um descuido mais acentuado deste *webjournal*. No entanto, dentro destas diferenciações, o único traço que pode causar prejuízo do conteúdo informativo é a contextualização, a presença da qual foi constatada em apenas 31% de todas as notícias do Estadão Online avaliadas, enquanto o Quadro Geral revela que 77% de todo o material possui este traço. Apesar de os níveis da Folha Online (80%) e do Último Segundo (68%), revelarem-se mais altos do que o do Estadão Online, o índice de contextualização ainda pode ser considerado no geral relativamente baixo para a prática jornalística ideal.

Houve ainda outros dois índices de ordem prática que esta pesquisa buscou contemplar e avaliar dentro do material recolhido. A primeira fonte de dados corresponde à completude do *lead* dentro das notícias, já a segunda diz respeito ao número de fontes identificadas ao longo do texto. No caso do *lead*, para definir estes aspectos, dentro do estudo, considerou-se a definição que Nilson Lage (1987) adota e que abarca seis proposições que estruturam a notícia. São elas quem, o que, quando, onde, como e por que.

O *lead* é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, embora possa haver outros *leads* em seu corpo. [...] O *lead* é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante. Em sua forma clássica, e impressa, é uma proposição completa no sentido aristotélico (LAGE, 1987, pp. 26-27).

Com base nesta conceituação, constatou-se por meio da observação e avaliação das notícias que 41% de todo o conteúdo recolhido possuem o *lead* completo, no sentido apresentado por Lage (1987) (ver Apêndice B – Gráfico 9, p. 85). Levado à especificidade de cada portal, o percentual sofre alteração para mais, no caso da Folha Online, que alcança 50%, e para menos, fato que ocorre com os outros dois portais: Estadão Online, 31%; e Último Segundo, 37% (ver Apêndice B – Gráficos 9 a 12, pp. 85-88). No entanto, a falha foi verificada também quantitativamente, para se constatar até quantas das proposições necessárias à construção do *lead* foram negligenciadas na amostragem da pesquisa.

Em geral, os veículos estudados descuidaram-se de até dois aspectos do *lead*. A maior ocorrência de desatenção ocorre nas proposições ‘por que’ e ‘onde’ (ver Apêndice B – Gráfico 9, p. 85). As menores incidências de falhas foram constatadas no conteúdo apurado da Folha Online (ver Gráfico 11). Já os maiores deslizos encontraram-se no Estadão Online (ver Apêndice B – Gráfico 10, p. 86), ainda que o percentual que corresponde à falta de dois aspectos seja menor do que o averiguado no Último Segundo, que chega à marca de 23% das notícias pesquisadas com ausência de duas proposições do *lead* (ver Apêndice B – Gráfico 12, p. 88).

A segunda categoria prática acrescentada à pesquisa corresponde ao número de fontes e/ou versões identificadas nas notícias. É importante ressaltar que foram observadas citações de nomes de pessoas e instituições, desconsiderando, deste modo, notícias que não possuíam clareza da origem da informação. Considera-se neste estudo que fonte é, de acordo com Lage (1987), a “procedência da notícia. Informante oficial ou oficioso” relacionado pelo texto jornalístico. Com isto, a pesquisa foi capaz de constatar desde a presença de quatro ou mais fontes, até nenhuma no conteúdo avaliado.

Num Quadro Geral, apenas 4% de todo o material não trouxe especificação de fonte das informações veiculadas, o que corresponde a três notícias, dentre as 78 analisadas (ver Apêndice B – Gráfico 13, p. 89). O número, apesar de mínimo, não pode ser desconsiderado, já que em jornalismo a fonte é a origem da informação e, sem fato, não há notícia. No caso dos portais, apenas na Folha Online (7%) e no Último Segundo (3%) foi constatado este tipo de falha. O maior índice de notícias dos dois portais, todavia, aponta para a presença de quatro fontes ou mais, 43 e 37%, respectivamente. Enquanto no Estadão Online, a maior porcentagem refere-se ao uso de apenas um fonte nas notícias, cerca de 54% de todas elas (ver Apêndice B – Gráfico 14, p. 90).

Num segundo momento deste estudo, foram comparadas cinco notícias de capa do jornal Folha de S. Paulo e suas respectivas versões on-line veiculadas, preferencialmente, no dia anterior e localizadas por meio do sistema de buscas que a Folha Online disponibiliza em seu sistema. Uma das primeiras constatações obtidas por meio do confronto entre o material recolhido foi o fato de a maior parte das notícias verificadas terem a mesma autoria tanto na versão impressa quanto na versão on-line (ver Apêndice A – Exemplo 7, p. 69). Além deste fator, foi possível verificar, também, semelhança entre os diversos conteúdos publicados pelos dois veículos.

Outra constatação obtida por meio desta comparação foi o aprofundamento que apenas as matérias da versão impressa possuem, fator revelado pela quantidade de reportagens correlatas e outros recursos que a Folha de S. Paulo adota em suas páginas. A conclusão de que o material on-line é prejudicado devido ao tempo poderia ser contestada, tendo em vista que algumas notícias apresentam semelhante nível de conteúdo (ver Apêndice A – Exemplo 8, p. 71) – neste caso, valem os quesitos de prioridade que a empresa Grupo Folha, especificamente, adota para a publicação exclusiva do conteúdo apurado. No entanto, esta pesquisa não pôde comprovar esta hipótese.

Diante da apresentação dos dados recolhidos e tendo em vista a elucidação teórica e conceitual realizada ao longo deste estudo, cabe a esta pesquisa interpretar tais resultados, apontando quais preceitos indicam ou não desqualificação do conteúdo informativo publicado pelos veículos de jornalismo on-line pesquisados. A princípio, em decorrência dos vestígios encontrados, pode-se inferir que, em certos aspectos, tais como a transparência no processo de apuração e produção das notícias, os jornais on-line cometem alguns deslizes.

De acordo com Di Franco (1995), a qualidade do jornalismo corresponde diretamente à credibilidade que este possui frente ao público e esta pode ser prejudicada se, aqui especificamente, o internauta não reconhecer os processos de produção da informação. Esta situação é atenuada pelo fato de, como elucida Palácios (2003), a *interatividade* ser uma característica que surgiu com o jornalismo on-line. Devido a isto, os processos de produção e recepção de notícias modificaram-se essencialmente, já que, com este adendo o público passa a fazer parte do sistema.

Logo, se o internauta não se identifica ou reconhece tais processos jornalísticos, a credibilidade do veículo pode vir a sofrer questionamentos e conseqüente descrédito. No caso dos jornais pesquisados, pode ser grande o prejuízo, caso o leitor esteja atento – e esta capacidade de crítica é apontada por Di Franco (1995) como um dos diferenciais do público moderno –, já que é baixo o percentual de incidência de marcadores da transparência na apuração dos fatos. Contudo, não se pode afirmar que esta falha seja algo que ocorra apenas no jornalismo on-line.

Outro aspecto que também diz respeito diretamente à interatividade, mas também está intimamente conectado à hipertextualidade e à customização do conteúdo, características fundamentais do jornalismo on-line, é o uso de hiperlinks no corpo das notícias. De acordo

com Palácios (2003), na WWW o próprio internauta é co-responsável pela construção do conteúdo a que tem acesso. Esta possibilidade é estabelecida por meio dos hiperlinks, criados ao longo dos textos e como continuação dos mesmos no final da notícia, que surgem como oportunidade de conexão entre diversos temas e/ou fatos.

A observação do material recolhido leva a crer que o uso dos hiperlinks ainda é pouco explorado qualitativamente. Já pelo lado quantitativo, os jornais aderiram ao formato e fazem larga utilização do que, popularmente, é chamado de “links relacionados” e que, no caso das notícias, trazem outros fatos semelhantes ou anteriores ao retratado naquele texto. Entretanto, de acordo com Ferrari (2009), a idéia do hiperlink é levar alternativas ao leitor, dentro do próprio conteúdo produzido, permitindo que o internauta navegue e faça a construção da informação (ver Apêndice A – Exemplo 9, p. 74). Com base nos dados verificados por este estudo, este tipo de uso, a que a autora se refere, ainda é pequeno e pouco explorado.

No caso das notícias impressas verificadas, também foi constatada esta preocupação com a contextualização, uma vez que foram construídas reportagens correlatas que permitem ao leitor do jornal o aprofundamento do assunto. Neste sentido, cabe retomar um dos problemas éticos na prática do jornalismo on-line elucidado por Araújo (2003), a que o autor chamou de incongruência entre agilidade e precisão informativa.

A partir desta conceituação é possível inferir que uma contradição foi observada por meio dos resultados obtidos no conteúdo veiculado pelos sites. Esta incoerência localizou-se tanto no quesito velocidade das publicações, quanto no nível de qualidade e precisão do conteúdo veiculado. Isto porque, em alguns casos, as notícias traziam o mesmo conteúdo já publicado em outro texto (ver Apêndice A – Exemplo 10, p. 75), problema identificado por Moretzsohn (2002) dentro da prática jornalística regida pela corrida da publicação.

Já em outras situações, notícias com grande quantidade de conteúdo foram veiculadas, criando uma situação de oposição ao anteriormente afirmado. Esta incongruência foi também observada por Benedeti (2009) na pesquisa que orientou seu trabalho. De acordo com a autora, no caso da cobertura jornalística realizada acerca dos transgênicos, o que se constatou em grande parte do material analisado foi a veiculação repetitiva, em toda a mídia, de informações sem qualquer índice de novidade, que é fator primordial ao trabalho jornalístico.

Dentro desta análise, a constatação deste mesmo dado, e ainda de tantos outros que foram aqui expostos, pode ser interpretada como indício de baixa qualidade do conteúdo publicado pelos sites noticiosos, ainda que contribuinte da contextualização, e atenuador da velocidade de publicação, já que os produtores das notícias não apresentam novidades nos textos jornalísticos veiculados. Este fator contribui para a corroboração da ideia de que, na web, o conteúdo é massificado e empobrecido, tese defendida por Moretzsohn (2002). A velocidade, então, revela-se um dos preceitos do jornalismo on-line, na medida em que define o conteúdo publicado e limita o aprofundamento do processo de produção da notícia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a discussão sobre a ética jornalística passa por vários critérios que delimitam conceitos e revelam níveis de argumentação distintos. Fato que é atestado mediante as várias definições e teses apresentadas por diferentes autores e aqui apresentadas. Com isso, entende-se que a ética do jornalismo pode ser estudada e contemplada sob vários enfoques e perspectivas dentro do conjunto dos parâmetros que balizam mundialmente a profissão e balizados em prévias análises e teorias sobre o assunto.

A idéia principal desta pesquisa foi, sobretudo, mostrar a ética jornalística inserida no contexto da própria prática do ofício sendo, livremente, associada à qualidade da informação veiculada e do serviço prestado ao público. Concepção que foi inserida e discutida na conjuntura da revolução tecnológica e do surgimento do jornalismo on-line que, às vezes, confunde-se até mesmo com a criação da Internet e, aqui mais especificamente, da World Wide Web (WWW).

Para isto, inicialmente, foram consideradas e enumeradas conceituações teóricas sobre os vários aspectos e temas tratados nesta monografia e que orientaram a pesquisa como um todo. À medida que as teorias e fundamentações elaboradas pelos vários autores foram assimiladas, o universo do estudo foi afinado e especificado, passando a definir as orientações pelas quais a pesquisa tomou como próprias de si.

A importante fase de fundamentação sobre as teses dos autores consultados nesta pesquisa foi definidora dos caminhos que, posteriormente, a análise propôs-se a verificar em meio à amostragem de notícias recolhidas em três sites jornalísticos e, mais tarde, em uma comparação de um dos portais escolhidos e sua própria versão impressa.

O interesse deste trabalho foi desde o princípio contribuir para a discussão sobre a ética jornalística, especificamente no que se refere à prática das redações dos jornais on-line. Quando se pensa no jornalismo praticado na WWW e, principalmente, em sua clara referência à velocidade de veiculação dos fatos e informações por meio da notícia, a aplicação dos princípios formais e éticos do jornalismo é colocada em xeque, uma vez que se tem como fundamentado na atividade que o *deadline* – ainda que essencial para o estabelecimento do jornalismo – é o inimigo da precisão.

Tal hipótese pôde ser verificada, até certo ponto, em várias categorias pré-estabelecidas da análise, tais como a recorrência a várias fontes de informação para elaboração das notícias e a transparência no processo de apuração e produção do conteúdo veiculado pelos sites. Isto fica claro ao observarmos os percentuais gerais e específicos de cada veículo analisado. A partir dos dados apurados, pode-se concluir que a velocidade é um dos fatores que contribuem para o empobrecimento do conteúdo jornalístico publicado nos webjornais.

Apesar de grande parte das notícias apresentar índice elevado de contextualização – aspecto fundamental para a qualidade da informação, especialmente para este estudo –, ainda há categorias, como erros de correção (que são aqui definidos como falhas ortográficas, gramaticais e de *linkagem*), além da pouca precisão verificada na apresentação dos dados que corroboram o fato noticiado, que atestam a hipótese da velocidade prejudicar de a qualidade do jornalismo realizado pelas redações on-line (ver Gráfico 5).

Contudo, diante do observado, por meio das análises gerais e pormenorizadas que foram realizadas ao longo deste estudo, pode-se chegar também à conclusão de que o trabalho jornalístico não é deliberadamente negligenciado por estes profissionais da web. Há ainda outros elementos que influenciam diretamente nas escolhas e direções pelas quais os veículos de informação optam, tanto como agente social a serviço da informação, quanto como empresa que busca reconhecimento mercadológico.

Diante deste fato, as comparações realizadas no momento de pré-análise e também durante o fechamento da pesquisa permitiram maior elucidação sobre este aspecto, ao se constatar que, em grande parte das ocorrências de prejuízo do conteúdo jornalístico não é somente a corrida pelo tempo que torna a informação veiculada na WWW falha ou errônea, mas também têm influência os interesses das próprias empresas, ao [hipoteticamente] pretender preservar material que garantam a leitura das publicações impressas do dia seguinte.

Esta não pode ser considerada, no entanto, a única prerrogativa definidora das falhas localizadas no jornalismo on-line, ainda mais tendo em vista os próprios dados empíricos desta pesquisa, que apontaram relativos níveis de negligência com a informação, ainda que não intencional. Como elaborado ao longo deste trabalho, a Internet surge como um meio facilitador da propagação veloz, quase que instantânea, da informação. Como ferramenta, a

rede foi rapidamente incorporada ao jornalismo, com vias de tornar ainda mais acessível a informação ao público.

No entanto, com as facilidades proporcionadas pela WWW, surgem também preocupações com novos modos de produção, como formula Pinho (2003). É neste emaranhado de novidades da prática do jornalismo que, às vezes, a produção pode se distanciar dos modelos clássicos. Este é um dos problemas primordiais apontados por Moretzsohn (2002), ao elaborar toda a lógica do ‘tempo real’, sendo esta prejudicial ao jornalismo como um todo, e não só o praticado na rede.

Logo, de acordo com a autora, não são os processos de produção da notícia culpados pelo jornalismo mal-apurado ou com conteúdo de baixa qualidade informativa, mas a própria velocidade idealizada e sustentada pelas grandes empresas da informação. Dentro deste estudo, especificamente, a ideia defendida pela autora ganha legitimidade ao se verificar que os formatos do conteúdo publicado pelos sites, grande parte das vezes, reaproveita material já veiculado em notícias recentes (ver Exemplo 10).

Este recurso que, muitas vezes, atua como fator de contextualização dos fatos apresentados pelas notícias produzidas pelos sites, pode ser considerado elemento de ambivalência já que age tanto a favor da qualidade, se considerado seu objetivo de contextualização, quanto contra ao reaproveitar material e ignorar o sentido que on-line traz em si, o de novidade contínua, tal qual elucida Moretzsohn (2002). Contudo, a *nova* novidade terá de ser também aprofundada, o que torna a contextualização um critério permanente de qualidade da informação e, portanto, de respeito ao compromisso ético assumido com o público.

Nesta mesma linha de pensamento surge a ética do jornalismo, enquanto compromisso com a credibilidade e o serviço de bem informar ao público, ótica defendida por Bucci (2000). Para o autor, a ética está fundamentada no próprio conceito de cidadania e de democracia, os quais, enquanto instituições sociais, têm no jornalismo seu mais forte e principal defensor. É sob esta mesma perspectiva que Christofolletti (2008) propõe que a ética deve permear a prática do jornalismo nas redações.

Logo, com base em todas estas elucidações que permearam a construção da presente pesquisa, pode-se concluir que a falha que existe no jornalismo on-line – e esta não exclui os

outros meios, que também são passíveis dos mesmos erros – não é produto somente da ferramenta Internet, apesar de a rede facilitar de certo modo a proliferação de algumas incorreções. Mas, o problema encontra-se instalado dentro das redações, de um modo que pode referir-se à cultura dos próprios profissionais da atividade e, mais ainda, dos proprietários dos veículos, que vêm na velocidade um forte atrativo de público e, portanto, de receita, muitas vezes mais do que o fator qualidade.

Neste caso, o problema torna-se uma questão de planejamento, de critério e de decisão editorial, na medida em que as empresas e, mesmo que em menor grau, os jornalistas, decidem abrir mão ou não da qualidade – que poderia até mesmo ter um nível mais elevado, caso fossem exploradas todas as possibilidades que a rede oferece – em benefício da produção em massa de notícias. Os processos de apuração e verificação dos fatos, desta forma, ficam prejudicados, o que acarreta em perda da qualidade do conteúdo publicado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Artur V. *A ética na velocidade do tempo real*. In: **Revista de Estudos de Jornalismo**, v. 6, n. 1, pp. 79-86. Campinas, 2003.

ARNT, Hérís. *Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais*. In: **Revista Brasileira de Estudos de Jornalismo**. Salvador, 2002. Disponível em <<http://www.estudosdejornalismo.ufsc.br/artigo5.htm>>. Acesso em 22 de agosto de 2010.

BENEDETI, Carina Andrade. **A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática**. Série Jornalismo a Rigor. V. 2. Florianópolis: Insular, 2009.

BORGES, Juliano da Silva. **Webjornalismo: política e jornalismo em tempo real**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0: Como sobreviver e prosperar**. Austin: Knight Center for Journalism in the Americas, 2007.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na Web**. In: FIDALGO, Antonio e SERRA, Paulo (orgs.). *Jornalismo online*, pp. 63-74. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhasjoaowebjornal.pdf>. Acesso em 14 de junho de 2010.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, C. T. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DANTAS, Ana Maria. *A flexibilização da ética*. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.28, n.2, pp.210-212. São Paulo: Intercom, 2005.

DI FRANCO, Carlos Alberto. **Jornalismo, ética e qualidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FAGGION, Helber Guther. **História Digital e Jornalismo On-Line**. Ensaio. São Paulo-SP, Brasil: 2001. Disponível em: < <http://www.nova-e.inf.br>>. Acessado em 5/8/2010.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2009.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. *Análise de conteúdo em jornalismo*. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (orgs.), **Metodologia de pesquisa em jornalismo**, pp. 123-141. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Editora UNESP, 2005.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002, (Com-Arte).

LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1987.

MACHADO, Elias. **A dinâmica da deontologia no jornalismo digital**. Trabalho apresentado no XII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação – Compós – Recife, 2003.

MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. **Manual de Jornalismo na Internet**, Facom/UFBA, 1997.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”: O fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

PALÁCIOS, Marcos. *Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória*. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

APÊNDICE A – Lista de exemplos cujas referências foram distribuídas ao longo do presente trabalho

Exemplo 1

Comparação entre duas notícias publicadas no Estadão Online e uma semelhante veiculada pelo O Estado de S. Paulo

ESTADÃO.COM.BR/São Paulo

Paulistanos trocam capital por "nova" região: ABCDOG

Formada por municípios do ABCD, além de Osasco e Guarulhos, ela desbancou SP em vendas nos cinco primeiros meses deste ano

07 de agosto de 2010 | 0h 00

Rodrigo Brancatelli e Rodrigo Burgarelli - O Estado de S. Paulo

"Venha morar no melhor condomínio-clubes de São Paulo, com 60 mil m², infraestrutura completa de transporte e lazer." O anúncio, em um folheto de uma grande construtora, peca por não informar um detalhe: o tal empreendimento não fica em São Paulo, mas em Osasco, a 30 quilômetros da Praça da Sé. É apenas um exemplo de um fenômeno que está mudando a dinâmica de toda a Região Metropolitana e causando discussões entre urbanistas, empresários e vereadores: São Paulo está se mudando para os seus vizinhos.

Por causa da falta de terrenos e entraves na legislação municipal, a capital vê uma tendência inédita. Até o ano passado, São Paulo sempre concentrou a maioria dos lançamentos imobiliários - na pior das hipóteses, a capital registrava 70%, 60% das vendas, enquanto a Região Metropolitana registrava, no máximo, 40%. Nos cinco primeiros meses do ano, segundo dados do Sindicato da Habitação (Secovi), a balança se inverteu pela primeira vez na história. Cerca de 53% das vendas de lançamentos estão na Região Metropolitana - principalmente Santo André, São Bernardo, São Caetano, Diadema, Osasco e Guarulhos, área conhecida agora pelas suas iniciais: ABCDOG.

Click to customize your PDFs

pdfcrowd.com

Barato. São Paulo atualmente responde por menos da metade, com 47%. No mercado do ABCDOG, 30% dos compradores são paulistanos que resolvem migrar para essas cidades. Os imóveis chegam a custar até 30% menos que na capital - um apartamento novo de dois dormitórios em São Paulo vale em média R\$ 220 mil, enquanto em Santo André o preço cai para R\$ 150 mil. Ainda assim, o mercado vem ganhando muito dinheiro na Região Metropolitana, porque as leis são mais permissivas em relação a tamanho dos apartamentos e altura dos prédios.

Para urbanistas, no entanto, a tendência só piora os deslocamentos - no ABCDOG a oferta de empregos, a infraestrutura de transporte público e as opções de lazer são muito menores do que na capital. Isso causa ainda mais congestionamentos e aumenta a poluição. Já as empresas de mercado imobiliário utilizam esses dados para pressionar os vereadores da capital a revisar o Plano Diretor e afrouxar as atuais restrições de construção.

Paulistanos trocam capital por região do 'ABCDOG'

07 de agosto de 2010 | 8h 15

AE - Agência Estado

"Venha morar no melhor condomínio-clubes de São Paulo, com 60 mil m², infraestrutura completa de transporte e lazer." O anúncio, em um folheto de uma grande construtora, peca por não informar um detalhe: o tal empreendimento não fica em São Paulo, mas em Osasco, a 30 quilômetros da Praça da Sé. É apenas um exemplo de um fenômeno que está mudando a dinâmica de toda a Região Metropolitana e causando discussões entre urbanistas, empresários e vereadores: São Paulo está se mudando para os seus vizinhos.

Por causa da falta de terrenos e entraves na legislação municipal, a capital vê uma tendência inédita. Até o ano passado, São Paulo sempre concentrou a maioria dos lançamentos imobiliários - na pior das hipóteses, a capital registrava 70%, 60% das vendas, enquanto a Região Metropolitana registrava, no máximo, 40%. Nos cinco primeiros meses do ano, segundo dados do Sindicato da Habitação (Secovi), a balança se inverteu pela primeira vez na história. Cerca de 53% das vendas de lançamentos estão na Região Metropolitana - principalmente Santo André, São Bernardo, São Caetano, Diadema, Osasco e Guarulhos, área conhecida agora pelas suas iniciais: ABCDOG. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

[Click to customize your PDFs](#)

[pdfcrowd.com](#)

URBANISMO. Mudança de vida

Moradores buscam conforto mais em conta, na página C3

Paulistanos trocam capital por 'nova' região: ABCDOG

Formada por municípios do ABC, além de Osasco e Guarulhos, ela desbancou SP em vendas nos cinco primeiros meses deste ano

Rodrigo Brancatelli
Rodrigo Burgarelli

"Venha morar no melhor condomínio-clubes de São Paulo, com 60 mil m², infraestrutura completa de transporte e lazer". O anúncio, em um folheto de uma grande construtora, peca por não informar um detalhe: o tal empreendimento não fica em São Paulo, mas em Osasco, a 30 quilômetros da Praça da Sé. É apenas um exemplo de um fenômeno que está mudando a dinâmica de

toda a Região Metropolitana e causando discussões entre urbanistas, empresários e vereadores: São Paulo está se mudando para os seus vizinhos.

Por causa da falta de terrenos e entraves na legislação municipal, a capital vê uma tendência inédita. Até o ano passado, São Paulo sempre concentrou a maioria dos lançamentos imobiliários - na pior das hipóteses, a capital registrava 70%, 60% das vendas, enquanto a Região Metropolitana registrava, no máximo, 40%. Nos cinco primeiros

meses do ano, segundo dados do Sindicato da Habitação (Secovi), a balança se inverteu pela primeira vez na história. Cerca de 53% das vendas de lançamentos estão na Região Metropolitana - principalmente Santo André, São Bernardo, São Caetano, Diadema, Osasco e Guarulhos, área conhecida agora pelas suas iniciais: ABCDOG.

Barato. São Paulo atualmente responde por menos da metade, com 47%. No mercado do ABCDOG, 30% dos compradores



Diadema. Imóveis custam até 30% menos que na capital

Prefeitura aposta em incentivos para reverter tendência

● O limite de verticalização já foi atingido em 12 dos 91 distritos de São Paulo. A Prefeitura espera agora que a Operação Urbana Lapa-Brás volte a estimular investimentos do mercado imobiliário na capital paulista. O projeto prevê incentivos para a construção de prédios para cerca de 40 mil novos moradores no entorno do eixo ferroviário.

são paulistanos que resolvem migrar para essas cidades. Os imóveis chegam a custar até 30% menos que na capital - um apartamento novo de dois dormitórios em São Paulo vale em média R\$

220 mil, enquanto em Santo André o preço cai para R\$ 150 mil. Ainda assim, o mercado vem ganhando muito dinheiro na Região Metropolitana, porque as leis são mais permissivas em rela-

ção a tamanho dos apartamentos e altura dos prédios.

Para urbanistas, no entanto, tendência só piora os deslocamentos - no ABCDOG a oferta de empregos, a infraestrutura de transporte público e as opções de lazer são muito menores do que na capital. Isso causa ainda mais congestionamentos e aumenta a poluição. Já as empresas de mercado imobiliário utilizam esses dados para pressionar os vereadores da capital a revisar o Plano Diretor e afrouxar as atuais restrições de construção

● Falta de terrenos

JOÃO CRESTANA
PRESIDENTE DO SINDICATO DA HABITAÇÃO (SECOVI)
"O preço em São Paulo é mais caro mesmo, por causa da

carência de terrenos disponíveis. Muitas vezes as regras de ocupação nessas outras cidades, no ABCDOG, são mais favoráveis. Permitem construir mais."

Exemplo 2

Comparação entre notícias veiculadas pela Folha Online e pelo jornal Folha de S. Paulo

Paulo

FOLHA.com

Iniciar impressão | Voltar para página

08/10/2010 - 04h04

Rodoanel vai se ligar a Cumbica e à marginal Tietê

DE SÃO PAULO

O governo do Estado optou pelo percurso mais próximo à capital paulista no traçado do trecho norte do Rodoanel. A obra de 42,8 km, com custo de R\$ 5 bilhões e que deve ficar pronta em 2014, vai facilitar acessos ao aeroporto de Guarulhos e à marginal Tietê, informa reportagem de **Alencar Izidoro**, publicada nesta sexta-feira pela **Folha** (íntegra disponível para assinantes do jornal e do UOL).

A Secretaria dos Transportes prevê que o novo trecho do Rodoanel leve à diminuição de 10% do tráfego na marginal. O Estado projeta economia de 34 minutos (de 125 para 91) na viagem da rodovia dos Bandeirantes à Dutra, mostra estudo de impacto ambiental.

Para evitar impactos mais drásticos no Parque Estadual da Cantareira, prevê-se a desapropriação de 2.784 edificações, 54% mais que o trecho sul. Além do dinheiro do Estado, estão em negociação um empréstimo internacional e a participação do governo federal.

Leia a reportagem completa na **Folha** desta sexta-feira, que já está nas bancas.

Assine a **Folha**

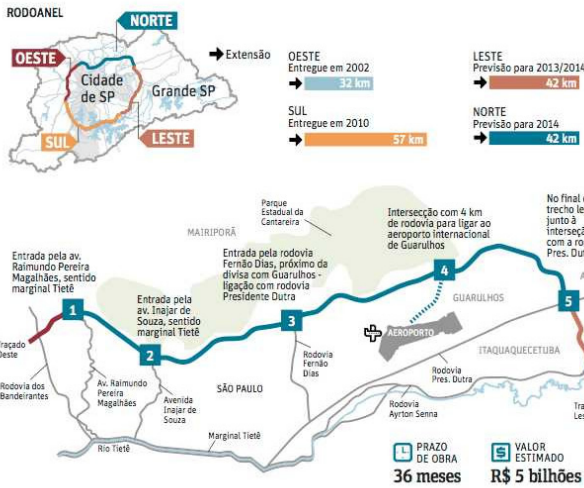
Editoria de Arte/Folhapress

Click to customize your PDF

pdfcrowd.com

CINCO ENTRADAS ESTÃO PREVISTAS A PARTIR DO TRECHO NORTE DO RODOANEL

Novo trecho vai permitir ligação com aeroporto de Cumbica e marginal Tietê



Click to customize your PDF

pdfcrowd.com

ESTRUTURA

22	4	5	16	12
viadutos/pontes	passagens inferiores	passagens superiores	passagens de veículos	túneis

DESAPROPRIAÇÕES
A estimativa é de 2.784 edificações atingidas, numa área próxima de 555 hectares, equivalente a 777 campos de futebol



IMPACTOS DO RODOANEL NORTE*

1 Trânsito diminui na marginal Tietê e aumenta na avenida Inajar de Souza

Via	Volume de tráfego na hora pico, sem trecho norte	Volume de tráfego na hora pico, com trecho norte	Ganho, em %
Marginal Tietê	11.384	10.173	-10,6
Inajar de Souza	1.395	1.492	+7

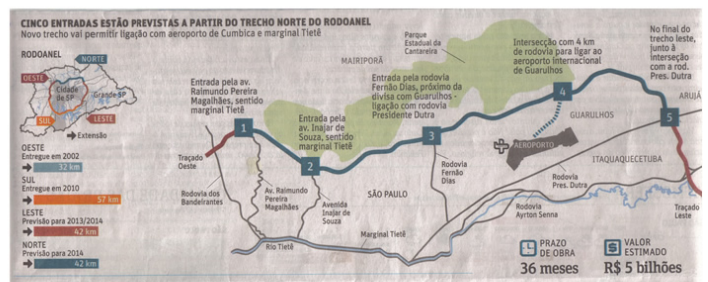
2 Mas redução de tempos de viagem entre rodovias pode superar meia hora

Ligação	Tempo de viagem sem trecho norte, em minutos	Tempo de viagem com trecho norte, em minutos	Ganho, em %
Bandeirantes-Dutra	124,78	91,35	26,79
Dutra-Fernão Dias	90,29	69,26	23,29
Raposo Tavares-Fernão Dias	98,58	76,47	22,43

*Previsão para 2014

Exemplo 2

Folha Online X Folha de S. Paulo



Rodoanel terá atalho para Cumbica e marginal Tietê

Estado define traçado do trecho norte, que deve ser concluído até 2014

Com custo previsto de R\$ 5 bilhões, obra deve reduzir em cerca de 10% o volume de veículos na marginal Tietê.

O traçado do trecho norte do Rodoanel definido pelo governo paulista vai facilitar acessos ao aeroporto de Guarulhos e à marginal Tietê, reforça a utilização doanel durante trajetos suburbanos. Haverá cinco pontos de entrada e saída na rodovia. No deles será no fim da av. Inajar de Souza (zona norte), sentido à ligação do Rodoanel com a marginal Tietê. Os outros três serão na ferrovia Dias e na extremidade dos trechos oeste e leste.

O Estado quer concluir a obra em 2014, quando prevê economia superior à mais alta (de 125 minutos para 91) na viagem da Rodovia dos Bandeirantes à Dutra.

Na cidade, os principais impactos são esperados na Tietê e na Inajar de Souza —que se torna um caminho alternativo ao Rodoanel e ao aeroporto de Guarulhos.

Na primeira, a opção dos veículos pelo trecho norte tende a provocar uma queda de 10% do tráfego. Na segunda, um aumento de 7%.

As previsões constam do estudo de impacto ambiental do trecho norte, que oficializou a sugestão de traçado da obra anunciada pela Folha em dezembro de 2009.

O Estado decidiu priorizar a opção de percurso mais próxima da capital, com 42,8 km. De um lado, algumas intervenções na zona da Cantareira. De outro, sítio em Itaquaquecetuba.

“É a única forma de desviar a marginal Tietê”, afirma Mauro Arco, secretário de Transportes.

A construção é estimada em R\$ 5 bilhões —pelo Itamaribo, a mais cara que a do trecho sul, que não atingirá R\$ 5 bilhões, mas a 75 km.

Além do dinheiro do Estado, espera-se empréstimo do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) e participação do governo federal.

Presem na composição do custo os 22 viadutos ou pontes e 12 túneis previstos.

O futuro governador Geraldo Alckmin (PSDB), da Arco, já avaliou seu interesse em focar a obra simultaneamente com a construção do trecho leste, cujo contrato deve ser firmado neste ano.

O Estado alega que ele tem “um alcance localizado e específico” em algumas áreas.

O benefício no acesso a Cumbica, por exemplo.

O estudo estima que, com a alça norte, aumentará em 28% a quantidade de pessoas com acesso a Cumbica em até meia hora —em 78% as que podem chegar ao aeroporto em até 45 minutos.

ESTRUTURA
22 4 5 16 12
viadutos/pontes passagens inferiores passagens superiores passagens de veículos túneis

DESAPROPRIAÇÕES
A estimativa é de 2.784 edificações atingidas, numa área próxima de 555 hectares, equivalente a 777 campos de futebol



IMPACTOS DO RODOANEL NORTE*

1 Trânsito diminui na marginal Tietê e aumenta na avenida Inajar de Souza

Via	Volume de tráfego na hora pico, sem trecho norte	Volume de tráfego na hora pico, com trecho norte	Ganho, em %
Marginal Tietê	11.384	10.173	-10,6
Inajar de Souza	1.395	1.492	+7

2 Mas redução de tempos de viagem entre rodovias pode superar meia hora

Ligação	Tempo de viagem sem trecho norte, em minutos	Tempo de viagem com trecho norte, em minutos	Ganho, em %
Bandeirantes-Dutra	124,78	91,35	26,79
Dutra-Fernão Dias	90,29	69,26	23,29
Raposo Tavares-Fernão Dias	98,58	76,47	22,43

*Previsão para 2014

Obra desapropria 2.784 e cria barreira em área verde

Quase metade da área atingida é coberta por vegetação.

O trecho norte do Rodoanel atinge uma área com fauna diversa. O estudo cita que, na região, há 64 espécies de mamíferos e 241 de aves —mas que não foram registradas em 2004 de aves.

O Estado prevê um gasto de R\$ 463 milhões com ações ambientais, como proteção de fauna e flora e plantas compensatórias.

Em maio, o que foi gasto no trecho sul do Rodoanel, cujos custos atingiram R\$ 500 milhões. O governo atribui a diferença às ações de cada trecho (57 km no sul e 42 km no norte).

Antes da licença ambiental, a alça norte será discutida em audiências públicas.

Haverá quatro faixas de tráfego entre a avenida Raposo Tavares e a avenida Bandeira Preta Magalhães e a rodovia Fernão Dias e a rodovia Presidente Dutra.

Além dos acessos à av. Inajar de Souza (para levar marginal Tietê) e ao aeroporto de Cumbica (com uma ligação de 4 km que será construída), são previstos acessos no final do trecho oeste e leste na Ferrovia Dias (A).

“É a única forma [o percurso escolhido] de descarregar a marginal Tietê”

Mauro Arco, secretário estadual dos Transportes

Exemplo 3

Comparação entre as homepages do Estadão Online, Folha Online e Último Segundo

HA 45 DIAS SOB CENSURA

ESTADÃO.COM.BR

Veja o poder de uma performance inteligente.

ÚLTIMA HORA La Coruña e o pete com Osasuna no B.Copa do Rei

ESSENCIAIS - Negócios 2010 - Folha Limpas - Indonésia - México: Krugman

Bope: Dilma abre 14 pontos sobre Serra
 Dos votos válidos, Serra tem 43% e Dilma 57%
 → A eleição ainda para 28 pontos sobre Serra

Petrobrás descobre grande reserva de petróleo em Santos
 → Reserva de 40 bilhões de barris
 → Popo da área de Libra pode ser a maior descoberta de petróleo do Brasil. ANP deve divulgar em 48 horas
 → Maior descoberta de petróleo do Brasil

Papa condena aborto e pede a bispos que orientem fiéis politicamente
 → Carta do papa
 → Bento XVI afirmou que católicos devem usar o próprio voto para a promoção do bem comum
 → Serra diz que o "bom papa" não quer o papa
 → Dilma tenta evitar crise de "já ganhou" os mitinhos
 → Blog de Serra divulga vídeo contra Dilma

Supremo 'joga para a opinião pública', diz constitucionalista
 Essa é a avaliação que o professor da PUC-SP, Luiz Tarcísio Teixeira Feres, fez da decisão do STF
 → TRF-PA rejeita novas eleições para senador
 → Folha Limpas vai para casos de renúncia
 → Após apoiar Serra, Carta pede desistência do PR

Obama recebe americanos que participaram do resgate de mineiros
 Presidente teve encontro particular com trabalhadores na Casa Branca para parabenizá-los
 → Obama pede mais tempo para reanalisar relatórios
 → ESPECIAL: Bayão registra nos EUA

Composto de plásticos pode prejudicar qualidade do esperma
 Chineses expõem a altos níveis do composto bisfenol-A em baixa contagem de espermatozoides

Operação descobre fraude em mais dois concursos da Polícia Federal
 MPF ofereceu denúncia contra mais sete pessoas

Trinica admite ajuda para redigir declaração na qual se diz alfabetizado
 Deputado eleito afirma que, por ter lesão na mão, foi auxiliado pela mulher para escrever documento

Governador diz que não se opõe à investigação do MPF sobre Metrô
 O governador não se opõe à investigação do Ministério Público de São Paulo (MP-SP)
 → Justiça manda Metrô entregar propostas da Linha 5
 → PT faz ato contra corrupção junto à sede do Metrô

Hezbollah quer boicotar investigação sobre morte de ex-primeiro ministro
 Segundo líder do movimento sírio, investigadores internacionais são informantes da Israf

Ào vivo: São Paulo x Atlético-PR
 Na Arena Barueri, início precisa da vitória

São Paulo x Atlético-PR
 Tricolor precisa da vitória

LINK
INTERNET NO TETO DO MUNDO
 Monte Everest agora tem conexão 3G a 5,2 mil metros de altitude

ESPAÇO
SINAS DE ÁGUA EM MARTE
 → 25% das esteras como o sol possuem planetas

'ATRAÇÃO PERIGOSA'
TALENTO DE AFFLECK NADIREÇÃO
 Affleck interpreta o líder de uma gangue

VEÍCULO
OPERAÇÃO
OPERAÇÃO

INDICADORES

Indicador	Variação	Variação (%)
Dow Jones	-0.11	-0.03
Nasdaq	0.16	+0.11
PSI20	1.47	+116.19
Mexal	1.18	+54.02
Taiwan	0.76	+63.61
NIKKEI	-0.22	-0.21

Fonte: A3
Atualizado em 20/10/2010 às 20:50:01

FOLHA.com

tempo SP: 19°C RO: 22°C

28 DE OUTUBRO DE 2010

São Paulo enfrenta o Atlético-PR na Arena Barueri; siga e comente

GOVERNO CONFIRMA NOVA RESERVA DE PETRÓLEO NO PRÉ-SAL
 ANP (Agência Nacional do Petróleo) não informou volume, mas consultoria internacional indica reserva entre 7,9 bi e 16 bi de barris
 → Lula defende aumento de salário de executivos

Polícia Federal descobre fraude em outros 2 concursos do órgão
 CASO BANCOOP
Justiça quebra sigilo bancário e fiscal de tesoureiro do PT
 NÉSTOR KIRCHNER
Enterro de ex-presidente argentino será feito em cerimônia íntima

Papa condena aborto e pede para bispos do Brasil orientarem fiéis
 → Posição do papa deve ser respeitada, diz Dilma
 → José Serra elogia discurso de Bento 16

ENTREVISTA
FAÇA UM TIM EMPRESA MUNDI
 LIGAÇÕES LOCAIS
 DDD 41
 DDI 41
 MESMA TARIFA

ENTREVISTA
MAGREZA
 Modelo de 16 anos que grife o dispensou por comer croissant
ENTREVISTA
 Drica Moraes fala sobre leucemia pela 1ª vez no 'Fantástico'

ESPECIAL
FOLHA TOP OF MIND 2010
 Leia os textos da versão impressa da Folha
 Experimente a edição digital
FOLHA O JORNAL DO DIA

Último Segundo

ÚLTIMO SEGUNDO

Bope: Dilma tem 52%, e Serra, 39%
 Nova pesquisa tem quadro semelhante aos de Vox Populi e Datafolha. Pelo critério de votos válidos (sem brancos e nulos), candidata do PT tem 57%, contra 43% do integrante do PSDB

Dilma e Serra defendem fala do papa sobre orientação a fiéis
 Bento 16 diz que uso político da defesa do aborto "atrapalha" o ideal democrático

Ministros do Supremo divergem sobre a Lei da Ficha Limpa
 Lewandowski defende lei contra todos que renunciaram e Mendes, só a Jader

Justiça manda Flamengo pagar pensão de goleiro Bruno
 Depósito será feito na ação de reconhecimento de filho de Eliza

Corpo de Néstor Kirchner é velado
 Diego Maradona (à esq.) e líder da Bolívia, Evo Morales, são vistos ao lado de presidente Cristina Kirchner

Sem água, rio vira "pequena cidade"
 Apesar de muitos reclamarem da seca, comerciantes aproveitam para lucrar às margens do Rio Negro

Só ficaram árvores, diz brasileiro sobre tsunami na Indonésia
 Brasileiro que estava nas Ilhas Mentawai narra tensão após terremoto

PREVISÃO DO TEMPO
 CLIMATempo

São Paulo-SP
 Previsão Completa

Hoje Amanhã De pois

13°C 30°C + 19°C 32°C + 16°C 23°C +

Digite o nome da cidade

Exemplo 4

Comparação entre autorias de reportagens veiculadas na Folha Online e no jornal Folha de S. Paulo

Sou acusada de 'comer criancinha', diz Dilma

Petista dá a entender que o candidato tucano, José Serra, é o responsável pelo tom conservador do segundo turno

Candidata afirma que jamais esperava ouvir durante a campanha acusações da 'Guerra Fria, dos anos 50'

ANA FLOR
DE SÃO PAULO

A candidata do PT à presidência, Dilma Rousseff, voltou a falar ontem sobre boatos referentes a suas posições religiosas e disse que tem sido acusada até mesmo de "comer criancinhas".

A petista deu a entender que seu opositor, José Serra (PSDB), é o responsável pelo tom conservador do debate no segundo turno, com discussões sobre o aborto.

"Não tenho o menor interesse em virar conservadora. Eu não faço virada à direita para poder me eleger", disse.

Na tentativa de fugir do tema religioso, que vem dominando o segundo turno da campanha, Dilma visitou na manhã de domingo a Bienal, em São Paulo.

Apesar de fazer propostas na área, acabou voltando ao tema do aborto e aos boatos de que teria dito que "nem Jesus Cristo" tiraria a vitória dela nas eleições.

A candidata petista vem afirmando que é contrária ao aborto e "a favor da vida". Antes, porém, afirmou em pelo menos duas entrevistas ser favorável à descriminali-

zação da prática —em sabatina à *Folha*, em 2007, e em entrevista em 2009 à revista *Marie Claire*.

"Aquela acusação da Guerra Fria, dos anos 50, de quando você queria acusar uma pessoa, você falava que ela comia criancinhas, eu jamais esperei escutar uma coisa dessas. E escutei", disse, sem dizer de quem partiu tal acusação.

Questionada sobre se Serra está levando as discussões para um campo conservador, Dilma disse que o debate não só é "conservador como beira todas as manifestações absurdas da Guerra Fria".

Segundo ela, a oposição tenta "pregar" no adversário "uma imagem que é ridícula no século 21".

Sobre a pesquisa Datafolha divulgada ontem, Dilma afirmou que não comentará porque o resultado é um retrato do momento.

O levantamento mostra que petista tem 48% dos votos totais contra 41% de José Serra (PSDB). A diferença entre eles é de sete pontos percentuais. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

Quando se consideram os votos válidos (excluindo-se brancos e nulos), Dilma tem 54%, e Serra fica com 46%.

Ao falar de cultura, Dilma citou três propostas que, se eleita, pretende implementar: instalar, em cada município do Brasil, uma biblioteca,



A candidata petista à Presidência da República, Dilma Rousseff, durante visita à Bienal de São Paulo, ontem pela manhã

uma sala de cinema e pelo menos um ponto de cultura.

Ela defendeu ainda a democratização da cultura e da arte no país.

Perguntada sobre as obras de Gil Vicente, que estão na Bienal e mostram o autor assassinando políticos como

FHC e Lula, a petista defendeu "tolerância".

"As pessoas têm o direito de se manifestar livremente e que a cultura não pode ser objeto de censura", disse ela, acompanhada do ministro da Cultura, Juca Ferreira.

“Eu não tenho o menor interesse em virar conservadora.

Eu não faço nenhuma virada à direita para poder me eleger.

DILMA ROUSSEFF
candidata à Presidência da República pelo PT

10/10/2010 - 12h56

Dilma não comenta pesquisa e diz ser vítima de acusações da época da Guerra Fria

ANA FLOR
DE SÃO PAULO

PUBLICIDADE



A candidata do PT à Presidência, Dilma Rousseff, afirmou na manhã deste domingo que tem sido vítima de acusações da época da Guerra Fria e descartou uma virada de direita para se eleger, em referência ao seu opositor na disputa, José Serra, que tem levado o debate neste segundo turno para um campo mais conservador.

Dilma vem sendo alvo de boatos, em especial entre grupos religiosos, de que defende o aborto e de que nem Jesus Cristo tiraria dela a vitória. A candidata vem reiterando sua posição contrária ao aborto e nega ter dito as frases.

[Veja mapa com todos os resultados das eleições](#)

[Veja a cobertura completa sobre as eleições](#)

[Acompanhe a Folha Poder no Twitter](#)

[Conheça nossa página no Facebook](#)

A petista visitou na manhã de hoje a Bienal de São Paulo. Ela apresentou propostas para a área da cultura e voltou a falar sobre a disputa presidencial. "Aquela acusação da Guerra Fria, dos anos 50, de quando você queria acusar uma pessoa, você falava que ela comia criancinhas, eu jamais esperei escutar uma coisa dessas e escutei."

Questionada sobre se Serra está levando o debate para um campo conservador, Dilma disse que a disputa não só é "conservadora, como beira todas as manifestações absurdas da Guerra Fria".

Segundo ela, a oposição tenta "pregar" no adversário uma imagem que é ridícula no século 21. Ela afirmou ainda que espera que o debate hoje na Band seja de "alto nível" e esclarecedor.

Sobre a pesquisa Datafolha divulgada hoje, Dilma afirmou que não comentará porque o resultado é um retrato do momento. O levantamento mostra que a petista tem 48% dos votos totais contra 41% de José Serra (PSDB). A diferença entre eles é de sete pontos percentuais. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos. Quando se consideram os votos válidos (excluindo-se brancos e nulos), Dilma tem 54%, e Serra fica com 46%. A diferença entre eles vai a oito pontos percentuais.

Ao falar de cultura, ela fez três propostas que pretende colocar em prática, caso eleita: instalar uma biblioteca, uma sala de cinema e pelo menos um ponto de cultura em cada município do país. Ela ainda comentou sobre as obras de Gil Vicente, que estão na Bienal e mostram o autor apontando uma arma para políticos, como FHC e Lula.

Dilma afirmou que "as pessoas têm o direito de se manifestar livremente e que a cultura não pode ser objeto de censura". Durante a visita de hoje, a petista estava acompanhada do ministro da Cultura, Juca Ferreira.

Exemplo 5

Verificação de erro de linkagem entre a homepage do Último Segundo e uma de suas notícias

The screenshot shows the homepage of the website 'ÚLTIMO SEGUNDO'. The navigation menu includes: Último Segundo, Economia, Esporte, TV iG, Gente, Delas, ASSINE, Vendas 0800 644 1331, Acesso Internet, Suporte, Antivirus, SAC. The main header features the site logo and a search bar. Below the header, there are several news items:

- Vox/iG: Dilma 51% e Serra 39%**: Na última pesquisa Vox Populi/iG antes do 2º turno, a candidata do PT confirma a dianteira de 12 pontos sobre o adversário tucano. Nos votos válidos, Dilma tem 57% e Serra, 43%.
- No último dia de campanha, Dilma exalta Lula e Serra segue Aécio**: Presidenciáveis associam imagem a seus principais cabos eleitorais.
- Quem quiser fugir de filas deve evitar votar entre 10h e 13h**: Recomendação é baseada no fluxo de votação nas capitais durante 1º turno.
- Mulher suspeita de enviar pacotes explosivos aos EUA é presa**: Detenção ocorreu no Iêmen. Não há informações sobre a identidade.
- Cruzeiro vence e volta a colar no Fluminense, líder do Brasileiro**: Rodada teve ainda volta do Botafogo ao G4 com vitória sobre o Atlético-MG.
- Queda de balão mata três em SP**: Piloto afirma que forte rajada de vento causou acidente durante passeio na cidade de Boituva, interior paulista.
- Prédio de três andares cai no Rio**: Desabamento ocorreu por volta das 7 horas deste sábado na região central da cidade. Quatro pessoas morreram.

Below the news items is a weather forecast section for São Paulo-SP, showing temperatures for today (17°C to 21°C), tomorrow (15°C to 22°C), and the day after (11°C to 23°C). At the bottom of the page, there is a navigation menu with: Home, Eleições, Política, Brasil, Mundo, Educação, Cultura, Ciência, Colunistas, Fotos, Poder Online, Economia, Esporte. Below this menu, there are links for 'Notícias por Estado', 'Pesquisas', 'Notícias dos Presidenciáveis', and 'Guia do Eleitor'. The main headline of the article is **Sul e Sudeste foram destinos preferidos dos presidenciáveis**, which is circled in red. Below the headline, it says 'Levantamento feito pelo iG mostra o roteiro de viagens realizadas pelos dois candidatos ao Planalto durante o 2º turno'.

Durante a segunda etapa da corrida à Presidência da República, os candidatos [Dilma Rousseff](#) (PT) e [José Serra](#) (PSDB) intensificaram a agenda de campanha, num esforço para levar a melhor nas urnas no próximo dia 31 de outubro. Se no primeiro turno os compromissos eram mais espaçados, desta vez os dois candidatos chegaram, por exemplo, a percorrer vários Estados em um único dia. Nas quatro semanas do segundo turno, Dilma e Serra realizaram 36 viagens cada. Os candidatos escolheram Belo Horizonte (MG) como local de suas últimas atividades de campanha, neste sábado, às vésperas da votação. Ambos marcaram carreatas no centro da cidade. [Serra fez carreata ao lado de Aécio](#) e [Dilma disse escolheu BH](#) para encerrar a campanha pelo "simbolismo grande", por ter sido a capital mineira o seu berço político.

No primeiro turno, Serra e Dilma foram superados por Marina Silva (PV) em Belo Horizonte. Para tentar vencer agora, Serra grudou sua imagem na de Aécio Neves (PSDB), senador eleito, e de Antonio Anastasia (PSDB), governador reeleito. Dilma, por sua vez, investe numa campanha em que ressalta as conquistas do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para os mineiros.

No fim das contas, um levantamento realizado pelo **iG** mostra que tanto a petista quanto o tucano decidiram priorizar o Sudeste e o Sul do País na nova fase da eleição, iniciada no dia 4 de outubro. Dilma deu mais atenção ao Centro Oeste que o tucano, que preferiu consolidar seu desempenho em Estados como Minas Gerais e São Paulo. Os dois reservaram algum espaço nas agendas para visitas ao Nordeste. O Norte, assim como ocorreu no primeiro turno, ficou praticamente fora do circuito.

Exemplo 6

Verificação de marcas de transparência do processo de apuração da notícia, observadas em notícia veiculada pela Folha Online

24/10/2010 - 11h31

Rio Negro atinge o nível mais baixo desde 1902

KÁTIA BRASIL
DE MANAUS

PUBLICIDADE



Por um centímetro o rio Negro, em Manaus (AM), bateu neste domingo o recorde de vazante (descida das águas) desde que a estação de monitoramento do Porto de Manaus foi fundada, em 1902. A menor marca anterior foi registrada em 1963, quando atingiu 13,64 m. A medição realizada na manhã de hoje marcou 13,63 m.

[Rio Negro fica a 5 cm do recorde histórico de vazante](#)

[Ministério libera R\\$ 23 milhões para municípios do Amazonas atingidos pela seca](#)

[Estiagem leva mais da metade das cidades do AM decretar emergência](#)

[Nível do rio Negro já é o 2º menor em 108 anos](#)

[Seca no Amazonas deve durar até novembro, diz pesquisador do Inpe](#)

Raimunda Valentin 15.out.2010/Ele



Barcos atolados pela seca em igarapé que deságua no rio Negro, que bateu o recorde de vazante neste domingo

Para o técnico de monitoramento Valderino Pereira da Silva, um novo recorde não é descartado até o fim do mês já que as águas do rio Negro continuam baixando. O nível do rio desceu seis centímetros entre ontem e hoje.

A reportagem da **Folha** acompanhou o trabalho do técnico. Com a baixa das águas, o rio Negro revela alto grau de poluição. Acúmulo de lixo é visto nas margens do rio.

A falta de água potável e o isolamento são os maiores problemas para as populações ribeirinhas. Lagos e igarapés, antes

navegáveis, estão completamente secos.

No Amazonas, 37 dos 62 municípios decretaram situação de emergência. Uma cidade decretou a calamidade pública. São 66 mil famílias afetadas pela vazante no Estado.

A baixa inédita do rio Negro é consequência de uma estiagem extrema na região central da Amazônia. No oeste do Estado, o rio Solimões atingiu sua maior baixa no dia 11, marcando -86 cm, a mais baixa desde 1982, quando foi criada a estação de monitoramento do Serviço Geológico do Brasil.

Exemplo 7

Comparação entre reportagens veiculadas pela Folha Online e Folha de São Paulo com semelhança de conteúdo

10/11/2010 - 10h20

Mantega propõe substituir dólar por "moeda" do FMI

CLÓVIS ROSSI

ENVIADO ESPECIAL A SEUL

PUBLICIDADE



O ministro da Fazenda, Guido Mantega, desembarcou na manhã desta quarta-feira (madrugada em Brasília) em Seul com uma proposta ousada: substituir o dólar como principal moeda de valor nas reservas e nas transações internacionais por uma cesta de moedas. A cesta já existe, chama-se DES (Direitos Especiais de Saque) e é usada contabilmente pelo Fundo Monetário Internacional.

Hoje, a cesta é formada pelo dólar, pelo euro, pelo iene japonês e pela libra esterlina britânica. Mantega quer que sejam incluídos o real brasileiro e o iuan chinês.

[Acompanhe a Folha no Twitter](#)

[Conheça a página da Folha no Facebook](#)

O ministro diz que levará a proposta à cúpula do G20 que começa quinta-feira na capital coreana. Mas é mais uma expressão da irritação do governo brasileiro com a decisão dos Estados Unidos de irrigar sua economia com US\$ 600 bilhões nos próximos oito meses do que uma expectativa de que a proposta seja de fato encampada pelo G20.

Mantega nem sabe se o presidente Luiz Inácio Lula da Silva mencionará o tema na sua apresentação na cúpula. "Até agora, não está previsto", diz.

A imitação do ministro é fácil de explicar: a expectativa generalizada é a de que pelo menos parte dos US\$ 600 bilhões irão para países produtores de commodities (Mantega citou Brasil e Austrália como exemplos), com duas consequências: valorizar ainda mais o real, que já está forte demais, o que prejudica as exportações brasileiras; e provocar "uma inflação no mercado de commodities", com óbvios reflexos nos preços internos.

Parte 7A

Mantega quer fim da hegemonia do dólar

Ministro da Fazenda sugere a substituição da moeda americana por uma cesta de moedas, que incluiria até o real

Proposta de Mantega poderá ser levada à cúpula do G20, mas, como de outras vezes, não deve ser aprovada

CLÓVIS ROSS
ENVIADO ESPECIAL A SEUL

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, desembarcou em Seul na hora do almoço (madrugada em Brasília), bebado de sono pelas 30 horas entre aviões e aeroportos, mas com uma proposta ousada: substituir o dólar como principal moeda de trocas e reservas internacionais por uma cesta de moedas.

A cesta até já existe: chama-se DES (Direitos Especiais de Saque) e é usada confiantemente pelo Fundo Monetário Internacional.

Mas Mantega quer que a cesta, formada hoje pelo dólar, pelo euro, pelo iene japonês e pela libra esterlina britânica, inclua também o real brasileiro e o yuan chinês.

O ministro diz que levará a proposta à cúpula do G20 que começa hoje na capital coreana. Mas é mais uma expressão adicional da grande irritação do governo brasileiro com a decisão dos EUA de irrigar a economia com US\$ 600 bilhões nos próximos oito meses do que uma expectativa de que a proposta seja de fato encampada pelo G20.

Tanto é assim que Mantega nem sabe se o presidente Lula mencionará o tema na sua apresentação na cúpula. "Até agora, não está previsto", admite o ministro.

Tampouco estava prevista qualquer menção a essa revolução no sistema financeiro no texto preliminar que é debatido desde segunda-feira pelos vice-ministros de Economia. As 21h de ontem (20h em Brasília), começava aliás a reunião decisiva para discutir exatamente o que Mantega batizou de "guerra cambial".

A irritação do ministro é fácil de explicar: a expectativa generalizada é que boa parte dos US\$ 600 bilhões, em vez de estimular a economia norte-americana, irá para países produtores de commodities, com duas consequências: valorizar ainda mais o real, que já está forte demais, o que prejudica as exportações brasileiras; e provocar "uma inflação no mercado de commodities", com óbvios reflexos nos preços internos.

O ministro torce para que a cúpula de Seul evite que a questão cambial "se torne um grande conflito" e dê lugar a um "salve-se quem puder". Mas, para que a torcida dê certo, é preciso esperar a reação dos mercados ao comunicado final, amanhã.

A versão em discussão segue a linha adotada há duas semanas pela reunião de ministros de Economia e presidentes de BCs do G20: "Fortalecer a cooperação multilateral para promover a sustentabilidade externa e perseguir um amplo leque de políticas que conduzam a reduzir os desequilíbrios excessivos e manter os desequilíbrios da conta-corrente em níveis sustentáveis".

Traduzindo do diplomático/econômico para a vida real: países com amplos saldos comerciais e/ou de conta-corrente (leia-se China, principalmente, mas também Alemanha e Japão) devem trabalhar para reduzi-los. Países com amplos déficits (Estados Unidos) também devem fazer a sua parte.

O modelo já aprovado anteriormente é uma nova sigla, MAP (Mutual Assessment Process ou Processo de Avaliação Mútua), mecanismo pelo qual serão colhidos dados de cada país do G20 e submetidos ao teste de seu impacto sobre os demais, sob supervisão técnica do FMI.

O problema para que os mercados entendam que de fato os países mais importantes do mundo estão trabalhando para reduzir os desequilíbrios está em dois pontos: a linguagem e o prazo para a avaliação. Jogá-lo muito para a frente desmoraliza o esforço.

Adiantá-lo demais pode ser impraticável para que, de fato, se consiga "progresso rumo à sustentabilidade externa e à consistência das políticas fiscal, monetária, do setor financeiro, estrutural e de câmbio, além de outras políticas", que é o enunciado da meta do MAP. Como se vê, nada fácil de se alcançar.

Se o enunciado for mal interpretado, o risco, diz Mantega, é o de que "vários países adotem medidas para se defender do desembarque da moeda norte-americana".

O Brasil estará entre eles, mas o ministro, como é óbvio, diz que tais medidas "se adotam, não se anunciam".

Não é a primeira vez em que, nas imediações de cúpulas do G20, surge a tese de trocar o dólar por alguma outra moeda (ou moedas), como principal reserva global. China e Rússia já propuseram isso, mas as propostas jamais chegaram de fato à mesa de negociação.

Chegarão agora? Mantega acha que a situação mudou "À medida que os EUA olham só para seus próprios interesses, abrem espaço para uma mudança [no sistema financeiro internacional]".

O Brasil estará entre eles, mas o ministro, como é óbvio, diz que tais medidas "se adotam, não se anunciam".



O presidente dos EUA, Barack Obama, desembarca do avião presidencial no aeroporto de Seul, para participar da cúpula do G20, que começa hoje

COMÉRCIO EXTERIOR SALDO CHINÊS SOBE 61%; CAÍ DEFICIT NOS EUA

As exportações chinesas superaram as importações em US\$ 27 bilhões — resultado US\$ 10,3 bilhões melhor que o de setembro, o que deve aumentar as pressões sobre o país na reunião do G20. Já os EUA tiveram déficit no comércio externo de US\$ 44 bilhões em setembro, queda de US\$ 2,5 bilhões ante agosto.

Em mensagem ao G20, Obama tenta acalmar tensões

DO "NEW YORK TIMES", EM SEUL, CORÉIA DO SUL

O presidente Barack Obama, dando início a uma conferência de cúpula que já vem pressionando os limites da cooperação internacional, implorou a outros líderes mundiais, ontem, para que transferissem o foco mundial da demanda econômica para longe do consumo e da captação norte-americanos, dos quais o planeta vem dependendo, historicamente.

Em carta aos demais líderes do G20, divulgada pouco depois da chegada de Obama a Seul, ele tentou acalmar as tensões cambiais que vêm perturbando as relações internacionais, ainda que não tenha mencionado diretamente as duas mais importantes fontes dessas tensões: as intervenções cambiais chinesas e a recente decisão do banco central dos Estados Unidos de injetar US\$ 600 bilhões na economia do país.

"Todos reconhecemos agora que a fundação para uma recuperação forte e du-

rável não se materializará caso os donânicos norte-americanos deixem de poupar e voltem a consumir com dinheiro obtido por empréstimo. Mas não há país capaz de atingir sozinho o objetivo comum de uma recuperação forte, sustentável e equilibrada", escreveu Obama.

Em artigo de opinião para a edição asiática do "Wall Street Journal", Timothy Geithner, secretário do Tesouro americano, com a colaboração de Tharman Shanmugaratnam, ministro das

Finanças de Cingapura, Wayne Swan, secretário do Tesouro da Austrália, alertou que "uma recuperação em duas velocidades dominará a economia mundial por muito tempo", e tornará necessárias novas formas de cooperação.

Somados, a carta de Obama e o artigo de Geithner delineiam uma estratégia que combina apelo à racionalidade, esforços para evitar colapsos, e dose considerável de humildade.

Tradução de PAULO HENRIQUE

Exemplo 8

Comparação entre aprofundamento de detalhes nas reportagens publicadas pela Folha Online e pelo jornal Folha de S. Paulo

10/11/2010 - 20h11

Crise no PanAmericano deve acabar em ação criminal, diz BC

EDUARDO CUCOLO
SHEILA D'AMORIM
DE BRASÍLIA

PUBLICIDADE



Atualizado às 20h36.

O diretor de Fiscalização do Banco Central, Alvir Hoffmann, afirmou nesta quarta-feira, em relação ao banco PanAmericano, que "tudo indica que a investigação vai redundar em algo para o Ministério Público", em referência à Lei do Colarinho Branco. Por enquanto, as investigações estão na esfera administrativa, mas deve migrar para a criminal.

O Grupo Silvio Santos fez um aporte de R\$ 2,5 bilhões junto ao PanAmericano, após empréstimo do FGC (Fundo Garantidor de Créditos), para sanar os problemas do banco, do qual é o maior acionista. O FGC é um fundo administrado pelos bancos brasileiros para cobrir perdas de correntistas em caso de quebra de alguma instituição.

[Rombo por falência de PanAmericano seria de R\\$ 900 mi](#)

[Ações desabam mais de 30% na Bovespa](#)

[Empréstimo ao PanAmericano foi encaminhado pelo BC](#)

[Silvio Santos oferece SBT e Baú como garantia para empréstimo de R\\$ 2,5 bi](#)

[Acompanhe a Folha no Twitter](#)

[Conheça a página da Folha no Facebook](#)

Além de contabilizar no seu balanço carteiras de crédito já vendidas para outros bancos, alguns desses negócios foram registrados com valores incorretos pelo PanAmericano, segundo o BC.

Há também sinais de que a mesma carteira tenha sido vendida mais de uma vez. Apesar dos indícios, Hoffmann disse que ainda não é possível dizer se o erro foi intencional e qual a motivação dos envolvidos.

A instituição citou a possibilidade de que o problema já viesse ocorrendo nos últimos quatro anos, período em que o PanAmericano realizou várias dessas vendas.

Além de investigar operadores do banco, o BC verificará se auditores que avaliaram os balanços cumpriram a obrigação de fazer o cruzamento com dados de outros bancos que negociavam com o PanAmericano.

No caso de quebra do banco, segundo ele, o prejuízo recairia também sobre os demais sócios, incluindo Caixa Econômica Federal, e sobre credores, principalmente fundos de investimento, fundos de pensão e outros bancos que possuem depósitos financeiros e obrigações nas cessões de crédito.

Da forma como foi feita a operação, segundo Hoffmann, "o único que perde é o dono do banco".

Ainda de acordo com ele, se a liquidação do PanAmericano fosse declarada, o "rombo" seria de R\$ 900 milhões, já que o patrimônio líquido da instituição atualmente é de R\$ 1,6 bilhão. Ou seja, seriam deduzidos da conta as irregularidades que somam R\$ 2,5 bilhões, valor coberto pelo aporte.

FISCALIZAÇÃO

O diretor afirmou que não há evidência de problemas da mesma espécie nos demais bancos, mas que o BC pode rever normas de fiscalização para ajudar a prevenir novas fraudes desse tipo.

"Não temos evidências de que isso esteja se repetindo em outros bancos. Mas isso vai levar a um estudo interno para ver se a forma como os bancos negociam pode ser melhorada para evitar essa possibilidade", disse.

CAIXA

Hoffmann informou ainda que não havia iniciado essa verificação quando aprovou a venda de parte do banco para a Caixa Econômica Federal e que, por questões de sigilo, não poderia alertar a instituição sobre o problema.

Em novembro de 2009, a Caixa Econômica Federal anunciou a aquisição de 35,54% do capital do banco PanAmericano, de propriedade de Silvio Santos Participações Ltda. A operação foi contabilizada em R\$ 739,2 milhões e envolve a aquisição da participação acionária representativa de 49% do capital social votante e de 20,69% das ações preferenciais do PanAmericano.

A negociação foi aprovada pelo Banco Central em julho deste ano, no último passo para a finalização da operação.

IRREGULARIDADE

O Banco Central descobriu que o PanAmericano vendeu carteiras de crédito para outras instituições financeiras, mas continuou contabilizando esses recursos como parte do seu patrimônio. O problema foi detectado há poucos meses e houve uma negociação para evitar a quebra da instituição, já que o rombo era bilionário.

O empresário Silvio Santos deu como garantia para obter empréstimo praticamente todo seu patrimônio empresarial. Para conseguir os R\$ 2,5 bilhões do FGC, entraram 44 empresas subordinadas à holding SS Participações, entre elas o SBT, sua participação no banco PanAmericano, a Jequití, a Liderança Capitalização e o Baú da Felicidade. O valor contábil de todas as empresas é de R\$ 2,7 bilhões.

ENTENDA

O PanAmericano atua, principalmente, em operações de crédito consignado e veículos. Os recursos para empréstimos não vêm de depósitos feitos por correntistas, mas da venda dessas carteiras de crédito para grandes bancos.

O banco havia vendido carteiras de crédito para cerca de dez grandes instituições bancárias, mas não havia contabilizado parte dessas operações no seu balanço. Ou seja, vendeu um bem, usou o dinheiro, mas continuou contabilizando esse bem no seu patrimônio.

O Banco Central detectou há poucos meses que as informações prestadas pelos bancos compradores não batiam com o divulgado pelo PanAmericano. Em determinado ponto da investigação, o banco admitiu os problemas na contabilidade.

Chamado pelo BC, o controlador do PanAmericano (Grupo Silvio Santos) informou que não sabia do problema até então. Disse que estava disposto a cobrir o prejuízo sozinho e que já estava em negociações com o FGC para obter os recursos. Fechada a negociação, o socorro foi anunciado ontem pelo PanAmericano.

BC sabia de rombo em banco desde agosto

Fraude contábil em banco de Silvio Santos foi descoberta em fiscalização de rotina durante a campanha eleitoral

CEF, que comprou 49% do PanAmericano em 2009, disse que não se responsabilizaria; resgate custou R\$ 2,5 bi

**SHEILA D'AMORIM
EDUARDO CUCOLO
DE BRASÍLIA**

A fraude contábil no balanço do Banco PanAmericano foi encontrada em uma fiscalização de rotina do Banco Central no final de agosto, que avaliava as vendas de carteiras de crédito feitas durante a crise.

O BC descobriu que o banco continuava contabilizando créditos já vendidos para outras instituições e as receitas geradas por elas. O Grupo Silvio Santos, controlador do banco, e demais sócios foram convocados para uma reunião com a fiscalização do BC, em São Paulo, em meados de setembro.

Também em setembro, no dia 22, Silvio Santos foi recebido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva —o encontro seria para tratar do Teleton. Ontem, na África, Lula negou que tenha conversado sobre o banco nesta reunião.



O presidente Lula na reunião com o empresário Silvio Santos, em 22 de setembro; oficialmente, o assunto foi o Teleton

“Não é assunto do presidente da República. O presidente não empresta dinheiro, não faz negócios com bancos e não fiscaliza bancos. Isso quem faz é o Banco Central”, disse Lula.

O banco estava com patrimônio negativo e precisava

de R\$ 2,5 bilhões. A Caixa Econômica Federal, que havia comprado 49% do controle do PanAmericano em 2009, disse que não se responsabilizaria pelo problema. O Grupo Silvio Santos assumiu o prejuízo.

Em 11 de outubro, começa-

ram as conversas de Silvio com o FGC (Fundo Garantidor de Crédito), fundo formado de contribuições dos bancos para cobrir perdas de correntistas em caso de quebra de instituições financeiras.

O negócio foi apresentado ao BC na semana passada e

anunciado anteontem. A diretoria do banco foi demitida e foram escolhidos novos diretores, em conjunto com Silvio Santos. São oito novos executivos: quatro são funcionários da Caixa, e quatro indicados pelo FGC.

O BC investiga agora se há

indício de crime, com base na Lei do Colarinho Branco. Os responsáveis pelo problema também podem ser punidos administrativamente.

O erro na contabilidade pode ter sido deliberado, com objetivo de favorecer os responsáveis com o pagamento de dividendos e bônus por desempenho.

O PanAmericano atua, principalmente, em operações de crédito consignado e veículos, com foco no segmento de usados. A maior parte dos recursos para empréstimos vem da venda dessas carteiras de crédito para grandes bancos.

O BC diz que não houve uso de recursos públicos e que se tratou de uma negociação privada entre FGC e Grupo Silvio Santos. Diz ainda que não havia detectado ainda o problema quando aprovou a venda de parte do banco para a Caixa, em julho.

O BC estima que a perda para o FGC seria em torno de R\$ 2,2 bilhões se o PanAmericano quebrasse. Além disso, haveria risco de pânico com outros bancos. O BC não detectou irregularidades em outras instituições.

» LEIA MAIS nas págs. B3 a B5

Exemplo 9

Verificação da utilização qualitativa de hiperlinks no corpo de notícia veiculada pelo Último Segundo

Último Segundo Economia Esporte TV iG Gente De las ASSINE Vendas 0800 644 1331 Acesso Internet Suporte Antivirus SAC

ÚLTIMO SEGUNDO enhanced by Google Buscar

Home Eleições Política Brasil Mundo Educação Cultura Ciência Colunistas Fotos Poder Online Economia Esporte

Notícias por Estado Pesquisas Notícias dos Presidenciais Guia do Eleitor

Home iG Último Segundo Eleições Temas do momento: Eleições Enem Todas as notícias

Serra enaltece discurso de Bento 16; Dilma evita polêmica

Papa pediu a bispos brasileiros que orientem os fiéis na campanha presidencial deste ano

iG São Paulo 28/10/2010 19:08 Mudar o tamanho da letra: A+ A-

As declarações feitas nesta quinta-feira pelo papa Bento 16, defendendo que os bispos brasileiros orientem o posicionamento de fiéis na eleição presidencial deste ano, trouxe de volta a campanha a discussão de temas religiosos. Diante das declarações, a presidente el Dilma Rousseff (PT) evitou polemizar. Já o tucano José Serra (PSDB) enalteceu as declarações do pontífice.

Leia também

- Papa pede a bispos que orientem fiéis na eleição
- Dilma: opinião do papa deve ser respeitada
- Serra apoia discurso do papa a bispos contra aborto

Em audiência com bispos brasileiros, Bento 16 enfatizou a condenação da Igreja à prática do aborto e afirmou que os religiosos têm "o grave dever de emitir um juízo moral também em matérias políticas".

Em Minas Gerais, Serra enalteceu o discurso, dizendo que o "papa é um líder espiritual mundial da Igreja Católica e tem o direito de transmitir suas diretrizes e orientações para os católicos do mundo". Em Brasília, Dilma ressaltou o direito de manifestação, acrescentando respeitar a posição do papa quanto às orientações dadas na manhã deste quinta-feira aos bispos brasileiros.

Questionada se o caso poderia prejudicá-la, a petista - que já se posicionou a favor da descriminalização, mas depois passou a defender a manutenção da lei atual sobre o assunto - acrescentou: "Não acho que o papa tenha a ver com isso. No Brasil, o que aconteceu foi uma campanha que não veio à luz do dia, não se identificou. Foi uma campanha de calúnias", afirmou.

Na audiência que teve com bispos do Maranhão, Bento 16 defendeu que "quando os direitos fundamentais da pessoa ou a salvação das almas o exigirem", os pastores devem agir. O pontífice defendeu ainda que "quando os projetos políticos contemplam, aberta ou veladamente, a descriminalização do aborto ou da eutanásia, o ideal democrático - que só é verdadeiramente tal quando reconhece e tutela a dignidade de toda a pessoa humana - é atraído nas suas bases".

Explorado na primeira quinzena da campanha de segundo turno, o tema do aborto havia sido colocado de lado desde a semana passada, quando foi para o primeiro plano o clima de escalada da violência na disputa, com acusações de agressões contra os candidatos e entre as militâncias.

Aos bispos, o papa orientou hoje que "quando os projetos políticos contemplam, aberta ou veladamente, a descriminalização do aborto ou da eutanásia, o ideal democrático - que só é verdadeiramente tal quando reconhece e tutela a dignidade de toda a pessoa humana - é atraído nas suas bases".

"Com reportagem de Rodrigo Rodrigues, enviado a Uberlândia, e Andréia Sadi, iG Brasília, e informações da Agência Estado"



BUSCA POR CANDIDATOS

Nome do candidato Estado

Cargo Partido Buscar

TERMÔMETRO DA POLITICA

Conheça os políticos mais queridos e os mais criticados

Selecione Selecione

SERVIÇOS

 Siga o Último Segundo no Twitter

 Assine o RSS com as últimas notícias

 Seja fã do Último Segundo no Facebook

 Leve o Último Segundo para o seu site

Exemplo 9

Exemplo 10

Comparação de duas notícias veiculadas pelo Último Segundo e verificação de reutilização de conteúdo informativo

Exemplo 10



Pacote encontrado em avião tinha cabos e pólvora branca

EUA foram alertados por Londres após descoberta de pacote com cartucho de impressora; Al-Qaeda da Península Arábica é suspeita

10 São Paulo 23/10/2010 15:47

Alertas de segurança foram emitidos nos Estados Unidos, no Reino Unido e no Oriente Médio, depois de pacotes suspeitos terem sido encontrados em vários aviões da empresa de transporte em dois aeroportos da costa leste dos EUA, na Filadélfia (Pensilvânia), e em Newark (Nova Jersey).

Um dos pacotes foi encontrado em um avião de carga da companhia UPS, que viajava do Iêmen para Chicago (EUA) e fez escala em Londres, onde foi detido. Ele continha cabos e pólvora branca, segundo fontes de inteligência citadas pela rede de TV CNN. Um outro foi descoberto em Dubai na noite de quinta-feira.



Os pacotes colocaram em alerta as autoridades americanas, que realizam buscas exaustivas em vários aviões da empresa de transporte em dois aeroportos da costa leste dos EUA, na Filadélfia (Pensilvânia), e em Newark (Nova Jersey).

Autoridades americanas, que notificaram o presidente americano sobre a possível ameaça terrorista, acreditam que o braço da Al-Qaeda da Península Arábica esteja por trás do plano.

Em comunicado, a Casa Branca disse que o presidente americano, Barack Obama, pediu a agências de inteligência e segurança, juntamente com o Departamento de Segurança Interna americano, que tomem as medidas necessárias para garantir a segurança do povo americano e determinar se trata-se de um plano de ataque terrorista.

terrorista.

Leia também:

- Autoridades inspecionam após encontrarem pacote
- Sistema de leitura de mente pode mudar segurança
- Terroristas são fascinados por aviões

Nova York

Além disso, a Polícia de Nova York inspeciona um caminhão da UPS encontrado em um dos bairros da cidade, devido à suspeita de que pudesse conter explosivos.

Segundo a rede de televisão CNN, autoridades americanas foram alertadas depois da descoberta de um cartucho de impressora suspeito em um voo proveniente do Iêmen rumo a Chicago, que fez uma escala na Grã-Bretanha. O embrião achado em Londres havia sido manipulado. O pacote saíam cabos conectados a um circuito eletrônico simples. O ponto de entrega seria uma sinagoga em Chicago.

Uma porta-voz da Federação Israelita de Chicago disse que a comunidade judaica foi alertada assim que o pacote foi descoberto. "Fomos notificados nesta manhã que sinagogas deveriam estar em alerta", disse Linda Haase à agência Reuters. "Estamos tomando precauções apropriadas e aconselhando as sinagogas locais a fazerem o mesmo."

Inspeção

Entre os aviões inspecionados pelo FBI se encontra um procedente de Paris, que foi rebocado para uma pista afastada do terminal do aeroporto da Filadélfia.

A Administração de Segurança no Transporte (TSA, na sigla em inglês) indicou que "um pacote potencialmente suspeito" a bordo de outro avião da UPS, que aterrissou esta manhã no Aeroporto Liberty International, de Newark (Nova Jersey), procedente de Londres, também está sendo inspecionado.

Os dois aeroportos afetados estão operando normalmente.

*Com EFE e CNN



'Pacotes em aviões continuam material explosivo', diz Obama

Declaração foi feita por presidente após dois pacotes suspeitos terem sido encontrados em aviões de carga com rota para os EUA

10 São Paulo 23/10/2010 16:27 - Atualizada às 21:46



Foto: AP
Presidente americano, Barack Obama, faz pronunciamento sobre pacotes suspeitos encontrados em aviões do Iêmen em direção aos EUA

Há indicações de que os pacotes encontrados em aviões em Dubai e Londres continham material explosivo, afirmou nesta sexta-feira o presidente dos EUA, Barack Obama. Segundo o presidente americano, os dois dispositivos estavam direcionados a organizações judaicas na área da cidade americana de Chicago. Ele não especificou quais seriam as instituições.

Segundo Obama, as autoridades descobriram uma "ameaça terrorista real" contra os EUA depois da descoberta de dois pacotes contendo explosivos em aviões de carga na rota para os EUA. "Os eventos das últimas 24 horas mostram a necessidade de permanecer em vigilância", disse o líder americano.

De acordo com a rede de TV CNN, os investigadores afirmam que nos dispositivos havia provavelmente o potente explosivo PETN (pentrita), mesma substância usada em uma tentativa de ataque no Natal do ano passado.

"Na noite passada e hoje (sexta-feira) cedo nossos serviços de inteligência e agentes da lei, em conjunto com nossos parceiros e aliados, disseram que os pacotes continham material explosivo, afirmou. A descoberta dos pacotes disparou alertas de segurança em todo o mundo, em meio a temores de que a rede terrorista Al-Qaeda tenta lançar novos ataques.

Identificaram dois pacotes suspeitos destinados aos Estados Unidos. Especificamente, a dois templos religiosos judaicos em Chicago). Análises iniciais determinaram que eles aparentemente continham material explosivo", afirmou. A descoberta dos pacotes disparou alertas de segurança em todo o mundo, em meio a temores de que a rede terrorista Al-Qaeda tenta lançar novos ataques.

Os pacotes eram provenientes do Iêmen, onde atua a base da Al-Qaeda na Península Arábica, que há muito tempo deixou claro seu objetivo de atacar avião americano. O mesmo grupo foi responsável pela tentativa de ataque de um nigeriano em um avião que voava para os EUA no Natal do ano passado.

Obama não responsabilizou o braço da Al-Qaeda no Iêmen pelos dispositivos, mas autoridades que falaram sob condição de anonimato disseram estar cada vez mais convencidos de que o grupo era responsável. Os eventos aconteceram quatro dias antes das eleições legislativas e estaduais dos EUA, em que a discussão do terrorismo não teve destaque.

As declarações de Obama foram feitas horas depois que autoridades revelaram que Dubai havia interceptado na quinta-feira um dispositivo explosivo destinado a uma instituição judaica na área de Chicago. O segundo pacote estava em uma aeronave de carga da companhia de transporte UPS inspecionada na Inglaterra, onde fez escala após sair do Iêmen em direção a Chicago.



Foto: AP
Um dos pacotes suspeitos tinha cabos conectados a um circuito eletrônico simples, segundo polícia

Leia também:

- Jatos dos EUA escoltam avião para Nova York
- Pacote em avião tinha cabos e pólvora branca
- EUA, Londres e Dubai entram em alerta
- Saiba mais sobre a Al-Qaeda da Península Arábica
- Terroristas são fascinados por aviões
- Veja imagens da ameaça terrorista aos EUA

O segundo dispositivo continha cabos e pólvora branca, segundo fontes de inteligência citadas pela rede de TV CNN. O embrião achado em Londres havia sido manipulado: do pacote saíam cabos conectados a um circuito eletrônico simples.

Um porta-voz do FBI em Chicago, Rossa Rice, disse que os dois pacotes suspeitos foram enviados do mesmo endereço da nação árabe. Os pacotes colocaram em alerta as autoridades americanas, que realizam buscas em vários aviões da empresa de transporte em dois aeroportos da costa leste dos EUA, na Filadélfia (Pensilvânia), e em Newark (Nova Jersey).

Uma aeronave da companhia Emirates foi escoltada por dois aviões até o aeroporto JFK de Nova York. O voo 201, que partiu na quinta-feira da capital do Iêmen, Sanaa, foi identificado como "de interesse" por ter carga vinda do Iêmen, disse o porta-voz do FBI, Richard Kolk.

Posteriormente, o assessor de Segurança Interna e Contraterrorismo dos EUA, John Brennan, afirmou que medidas como às do voo da Emirates estão sendo tomadas para verificar se há ameaças adicionais. "O que estamos fazendo é olhar com mais cuidados as outras bagagens, especialmente de voos provenientes do Iêmen", afirmou.

Sem oferecer detalhes, Brennan também afirmou que os explosivos encontrados "estavam projetados para tentar realizar um tipo de ataque". "A análise forense está em andamento", disse. "Pela observação inicial, os materiais que foram encontrados tinham intenção de causar danos."

Antes do pronunciamento de Obama, a Casa Branca disse que Obama pediu a agências de inteligência e segurança, juntamente com o Departamento de Segurança Interna americano, que tomassem as medidas necessárias para garantir a segurança do povo americano.

Além das operações em aviões, a polícia de Nova York inspecionou um caminhão da UPS encontrado em um dos bairros da cidade por causa da suspeita de que pudesse conter explosivos.

Uma porta-voz da Federação Israelita de Chicago disse que a comunidade judaica foi alertada assim que o pacote foi descoberto. "Fomos notificados nesta manhã que sinagogas deveriam estar em alerta", disse Linda Haase à agência Reuters. "Estamos tomando precauções apropriadas e aconselhando as sinagogas locais a fazerem o mesmo."

Inspeção

Entre os aviões inspecionados pelo FBI se encontra um procedente de Paris, que foi rebocado para uma pista afastada do terminal do aeroporto da Filadélfia.

A Administração de Segurança no Transporte (TSA, na sigla em inglês) indicou que "um pacote potencialmente suspeito" a bordo de outro avião da UPS, que aterrissou esta manhã no Aeroporto Liberty International, de Newark (Nova Jersey), procedente de Londres, também está sendo inspecionado. Os aeroportos afetados estão operando normalmente.

Exemplo 10 - Detalhe

Detalhe da compatibilidade dos textos:

um cartucho de impressora suspeito em um voo proveniente do lêmien rumo a Chicago, que fez uma escala na Grã-Bretanha. O embrulho achado em Londres havia sido manipulado: do pacote saíam cabos conectados a um circuito eletrônico simples. O ponto de entrega seria uma sinagoga em Chicago.

Uma porta-voz da Federação Israelita de Chicago disse que a comunidade judaica foi alertada assim que o pacote foi descoberto. "Fomos notificados nesta manhã que sinagogas deveriam estar em alerta", disse Linda Haase à agência Reuters. "Estamos tomando precauções apropriadas e aconselhando as sinagogas locais a fazerem o mesmo."

Inspeção

Entre os aviões inspecionados pelo FBI se encontra um procedente de Paris, que foi rebocado para uma pista afastada do terminal do aeroporto da Filadélfia.

A Administração de Segurança no Transporte (TSA, na sigla em inglês) indicou que "um pacote potencialmente suspeito" a bordo de outro avião da UPS, que aterrisou esta manhã no Aeroporto Liberty International, de Newark (Nova Jersey), procedente de Londres, também está sendo inspecionado.

Os dois aeroportos afetados estão operando normalmente.

*Com EFE e CBS

em um dos bairros da cidade por causa da suspeita de que pudesse conter explosivos.

Uma porta-voz da Federação Israelita de Chicago disse que a comunidade judaica foi alertada assim que o pacote foi descoberto. "Fomos notificados nesta manhã que sinagogas deveriam estar em alerta", disse Linda Haase à agência Reuters. "Estamos tomando precauções apropriadas e aconselhando as sinagogas locais a fazerem o mesmo."

inspeção

Entre os aviões inspecionados pelo FBI se encontra um procedente de Paris, que foi rebocado para uma pista afastada do terminal do aeroporto da Filadélfia.

A Administração de Segurança no Transporte (TSA, na sigla em inglês) indicou que "um pacote potencialmente suspeito" a bordo de outro avião da UPS, que aterrisou esta manhã no Aeroporto Liberty International, de Newark (Nova Jersey), procedente de Londres, também está sendo inspecionado. Os aeroportos afetados estão operando normalmente.

APÊNDICE B – Lista de gráficos cujas referências foram distribuídas ao longo do presente trabalho

Gráfico 1

Distribuição geral de notícias dentro das *homepages* dos sites

Quadro Geral Destaques



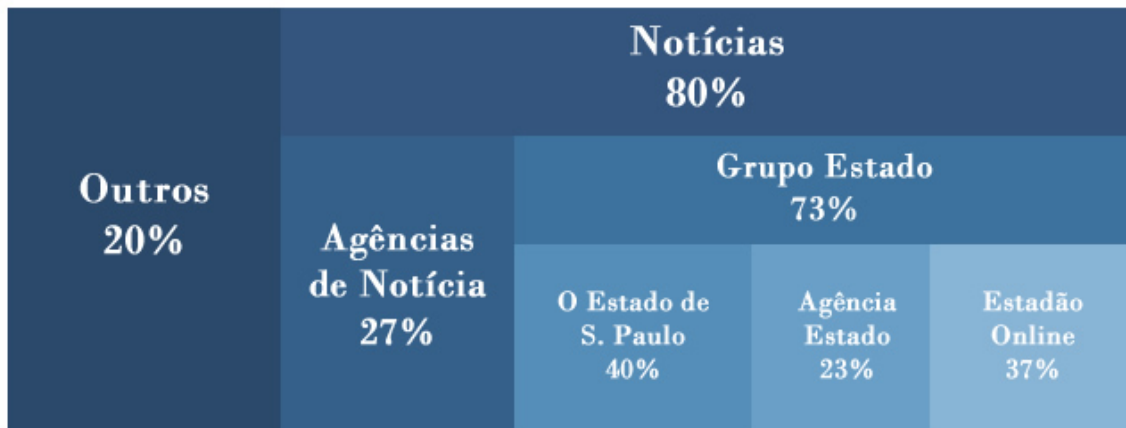
24 - 30/10/2010

Gráfico 2

Distribuição de notícias e destaques da *homepage* do Estadão Online

Estadão Online

Destaques

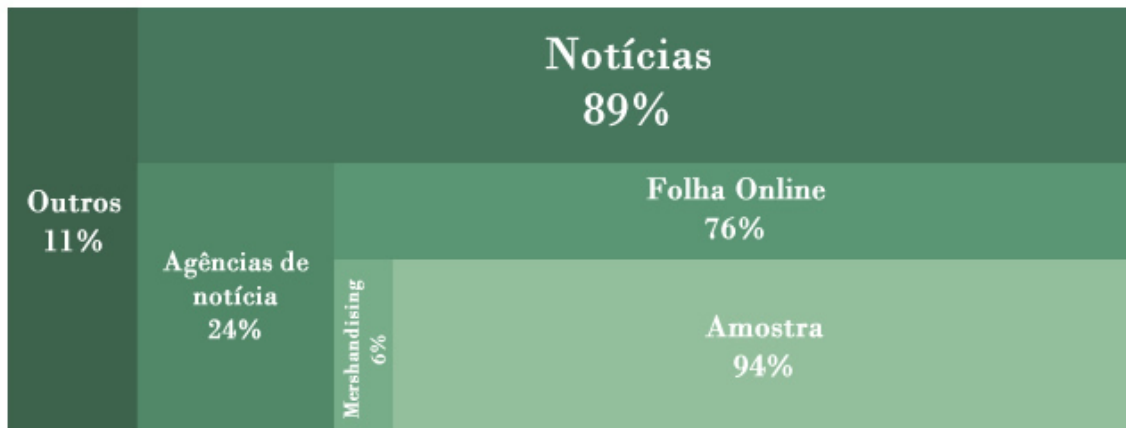


24 - 30/10/2010

Gráfico 3Distribuição de notícias e destaques da *homepage* da Folha Online

Folha Online

Destaques



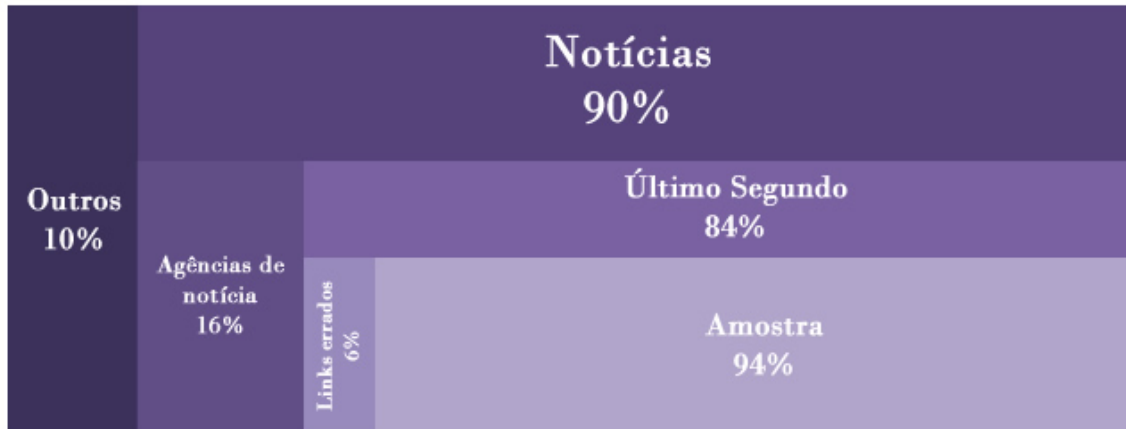
24 - 30/10/2010

Gráfico 4

Distribuição de notícias e destaques da *homepage* do Último Segundo

Último Segundo

Destaques



24 - 30/10/2010

Gráfico 5

Valoração geral dos aspectos e marcas textuais observados no conteúdo separado pela amostragem

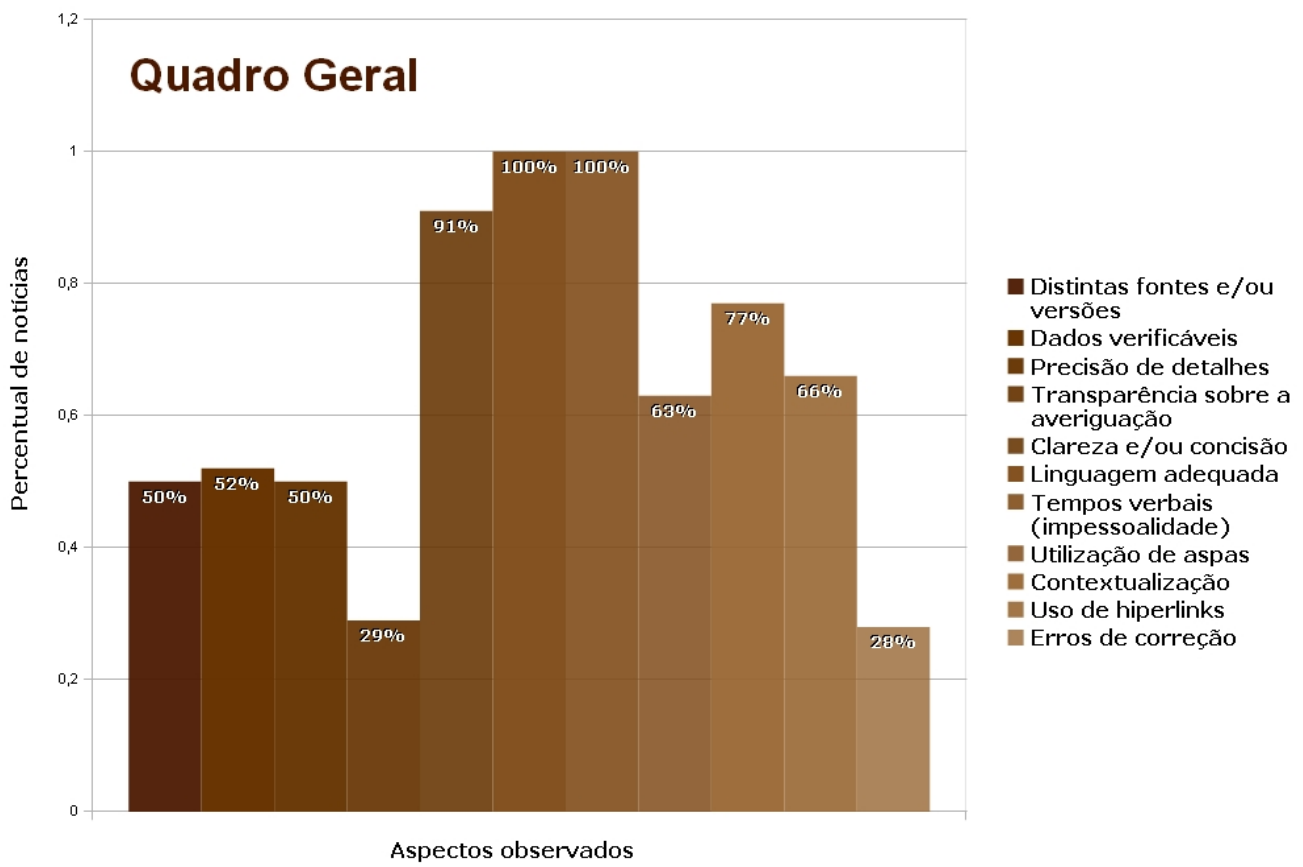


Gráfico 6

Valoração dos aspectos e marcas textuais observados no conteúdo do Estadão Online

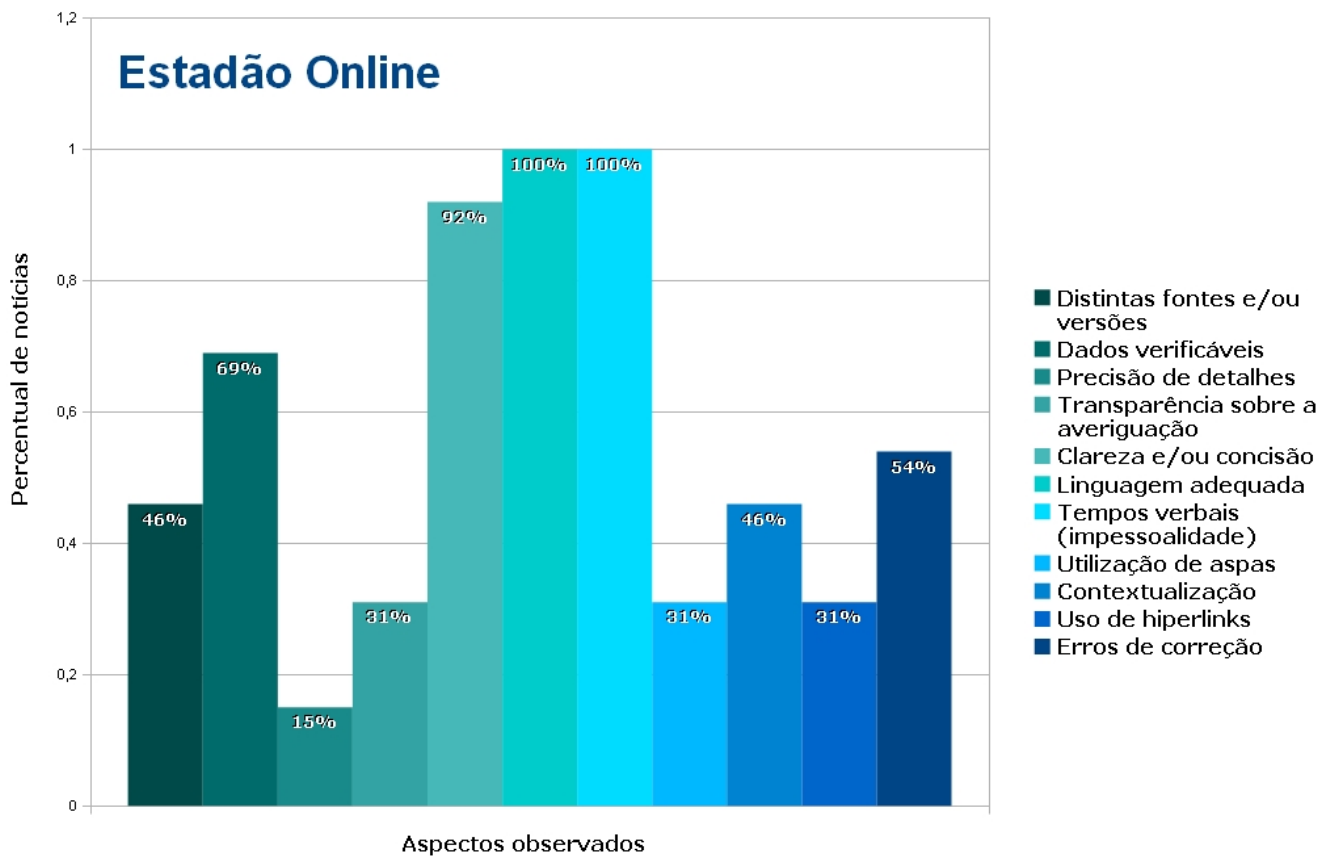


Gráfico 7

Valoração dos aspectos e marcas textuais observados no conteúdo da Folha Online

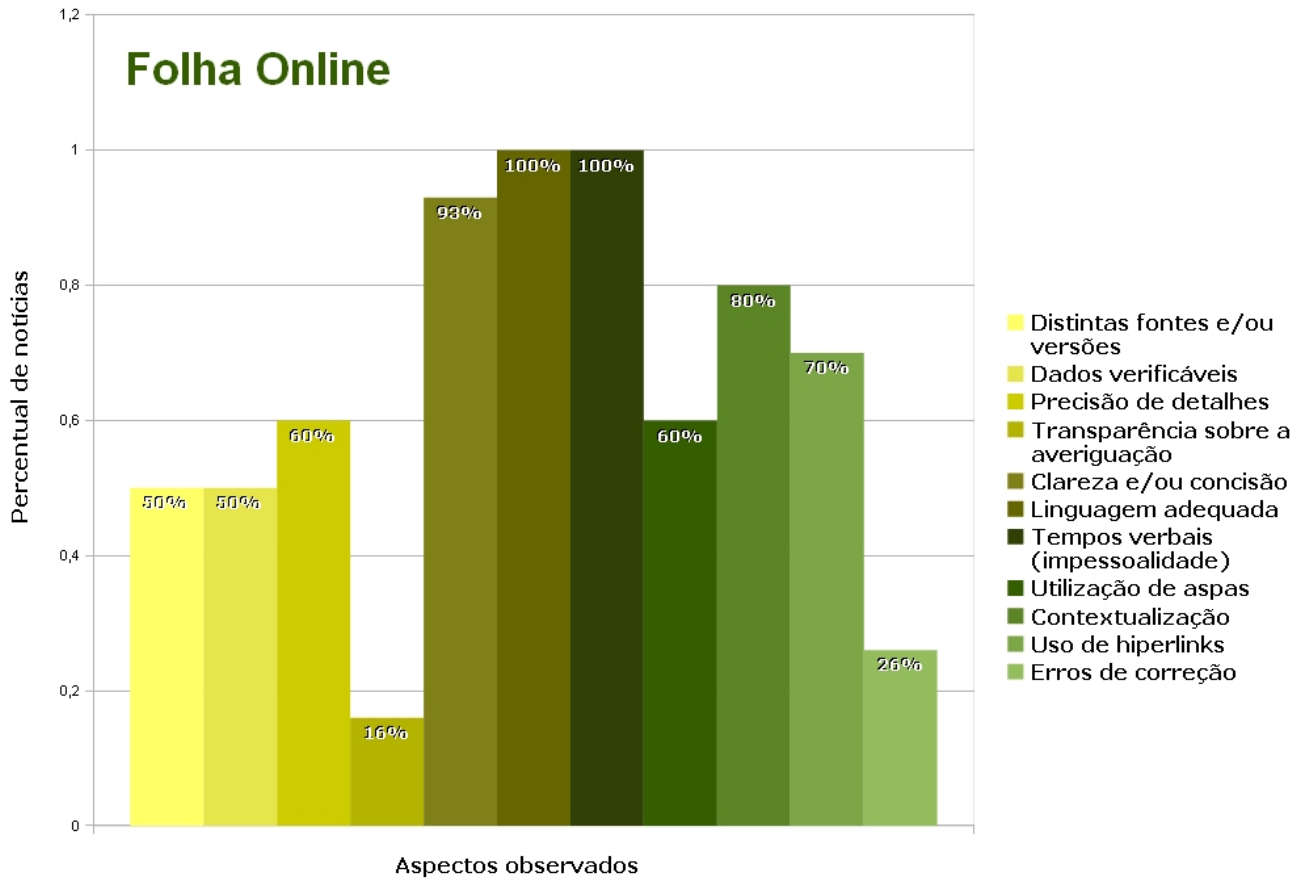


Gráfico 8

Valoração dos aspectos e marcas textuais observados no conteúdo do Último Segundo

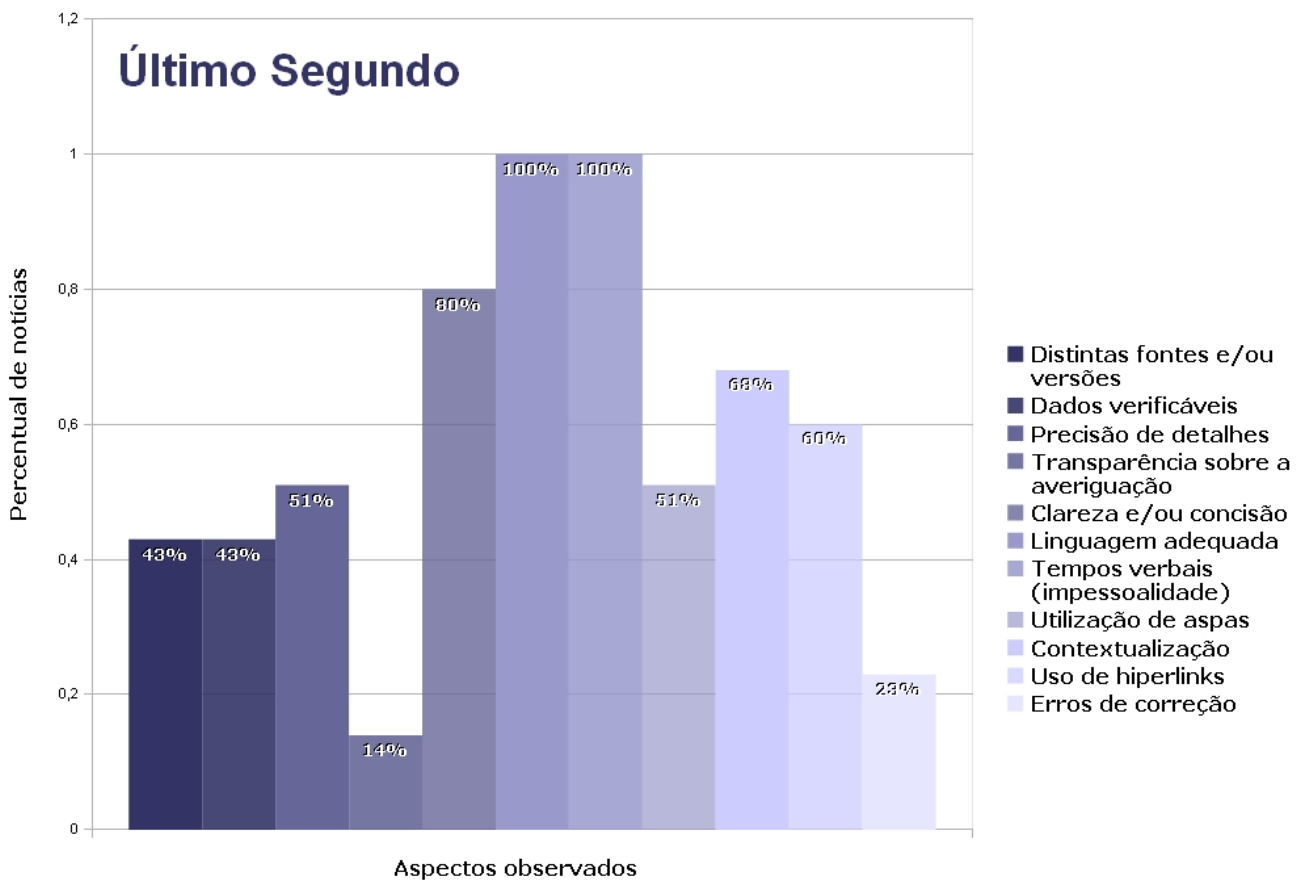


Gráfico 9

Quantificação geral de notícias de acordo com os aspectos do *lead*

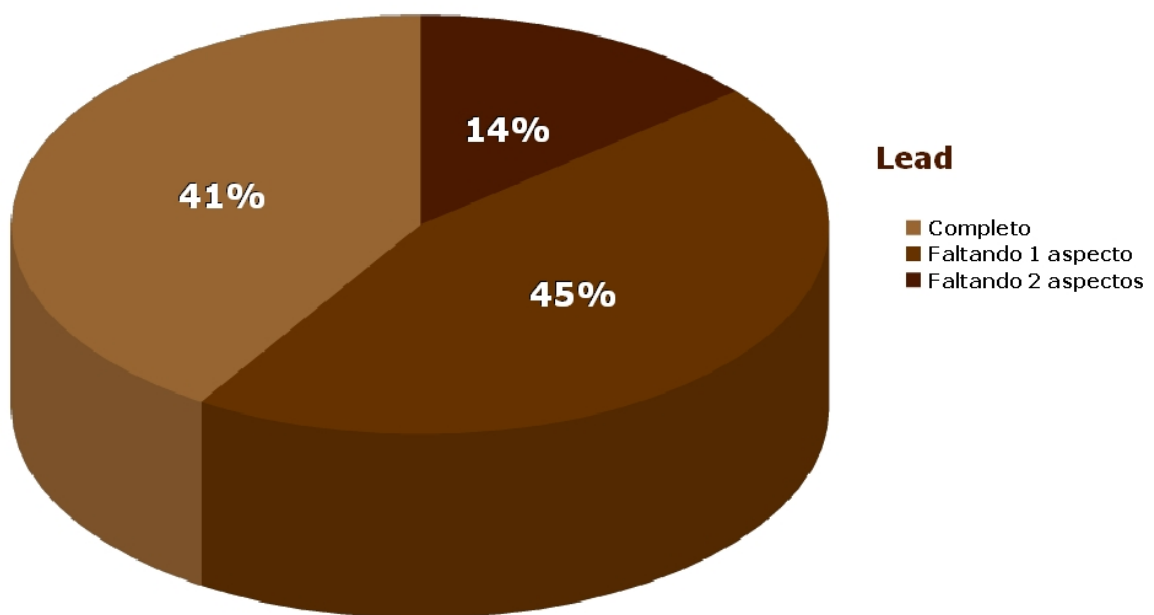
Quadro Geral

Gráfico 10

Quantificação de notícias de acordo com os aspectos do *lead* no conteúdo do Estadão Online

Estadão Online

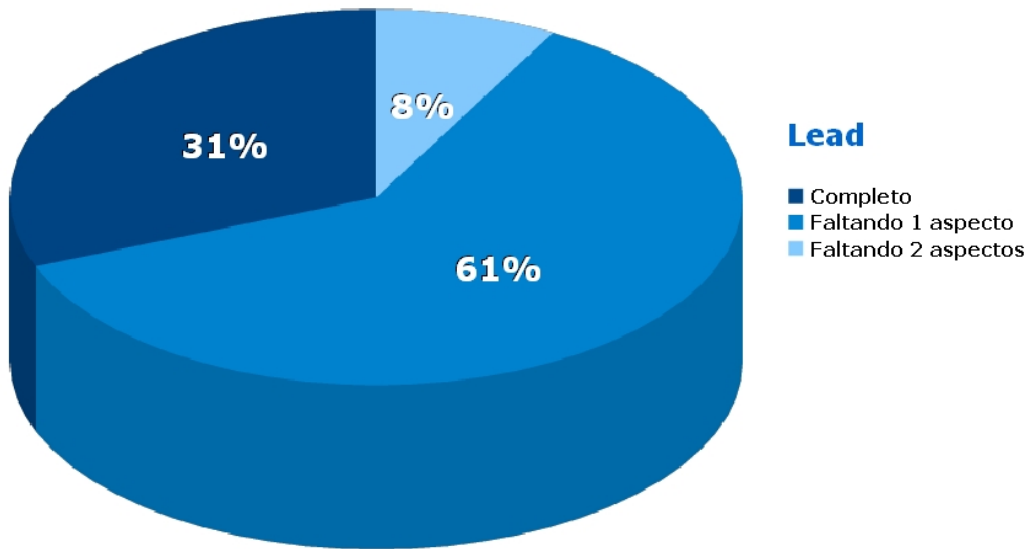


Gráfico 11

Quantificação de notícias de acordo com os aspectos do *lead* no conteúdo da Folha Online

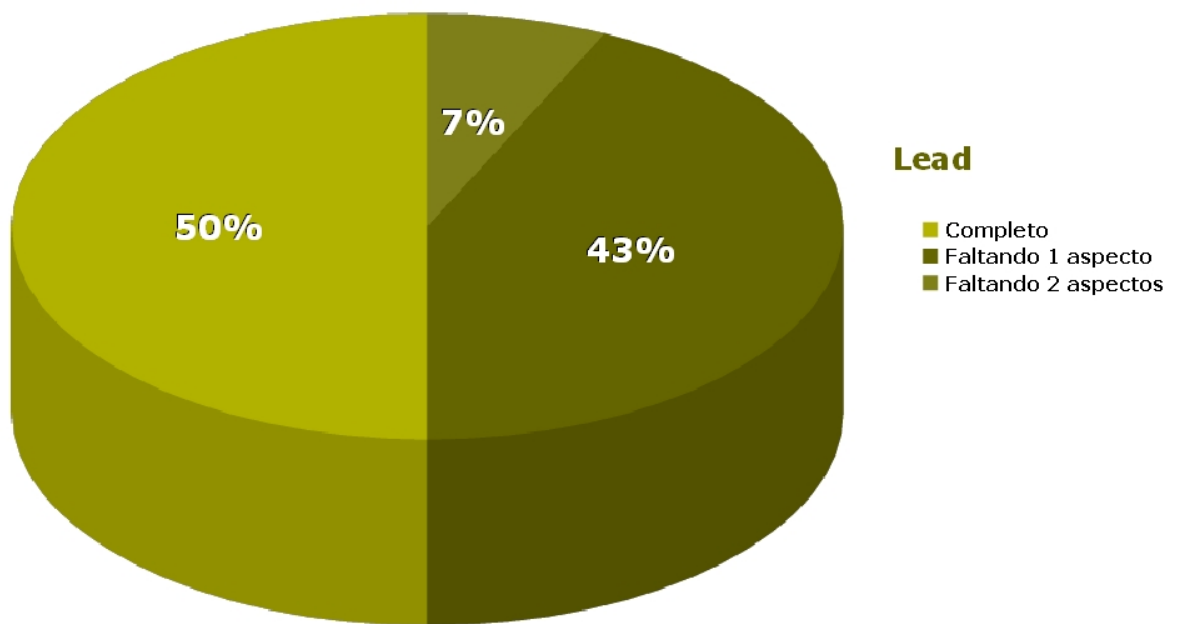
Folha Online

Gráfico 12

Quantificação de notícias de acordo com os aspectos do *lead* no conteúdo do Último Segundo

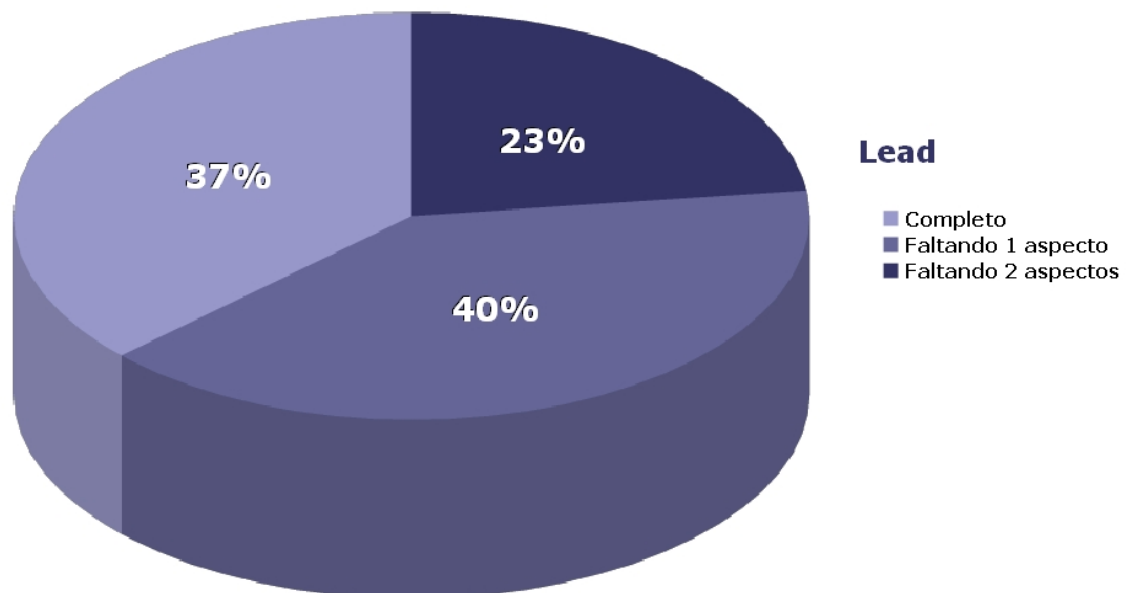
Último Segundo

Gráfico 13

Quantificação geral de notícias de acordo com o número de fontes verificadas

Quadro Geral

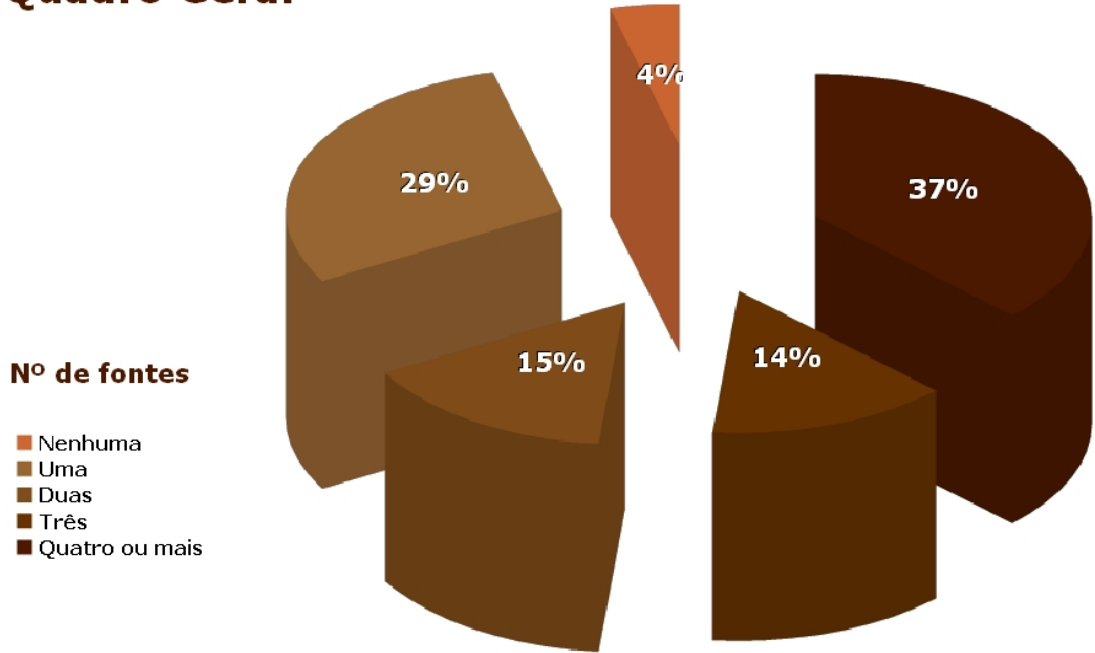


Gráfico 14

Quantificação de notícias de acordo com o número de fontes verificadas no conteúdo do Estadão Online

Estadão Online

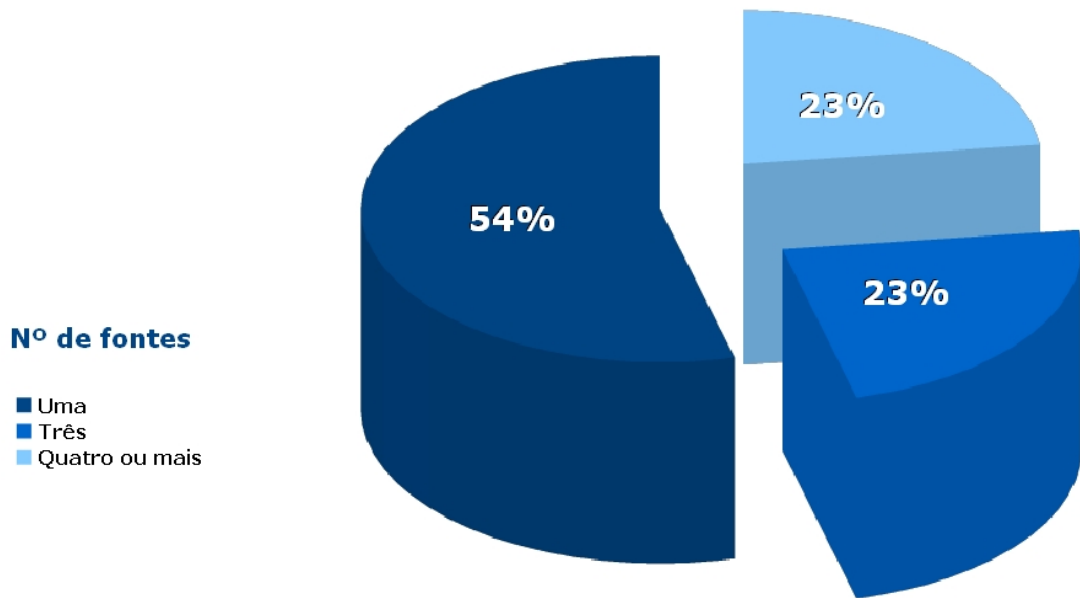


Gráfico 15

Quantificação de notícias de acordo com o número de fontes verificadas no conteúdo da Folha Online

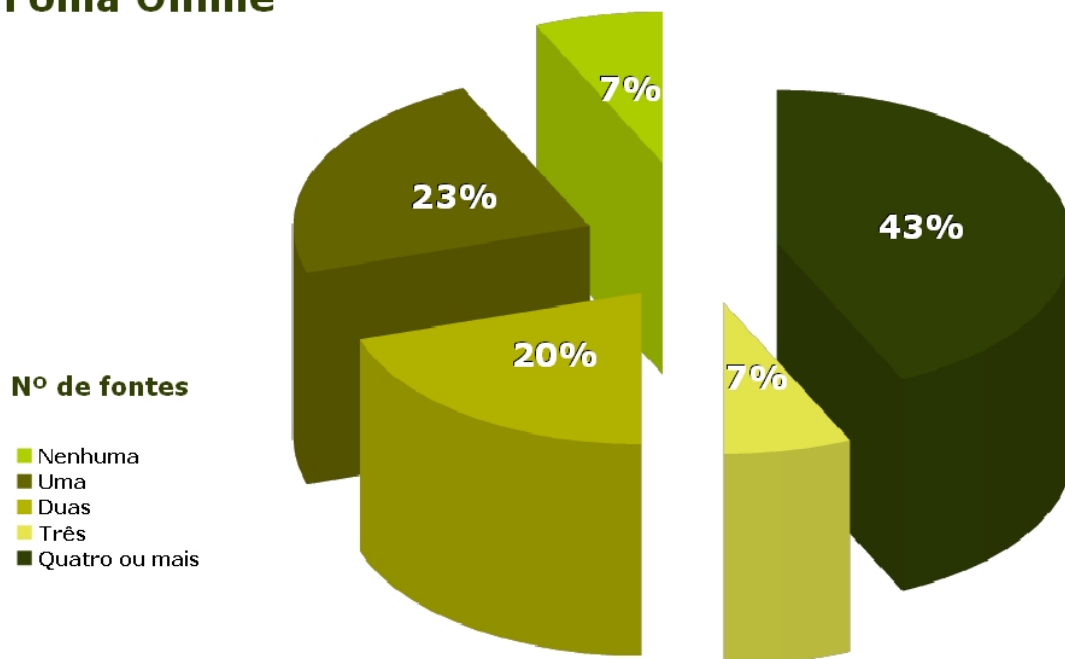
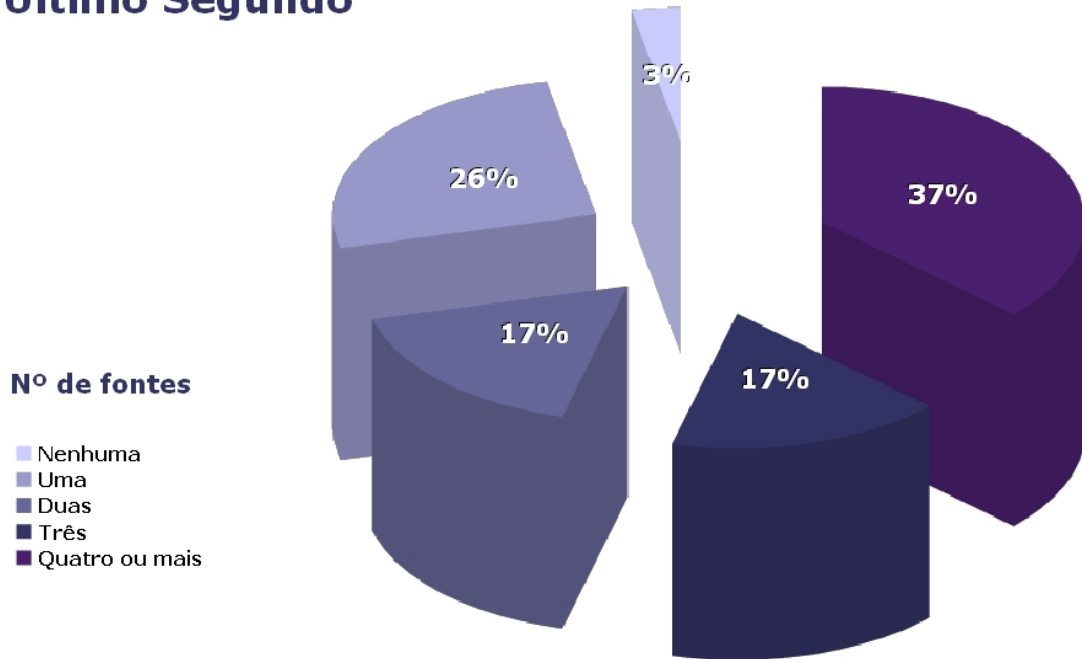
Folha Online

Gráfico 16

Quantificação de notícias de acordo com o número de fontes verificadas no conteúdo do Último Segundo

Último Segundo



APÊNDICE C – Relatório de recolhimento da amostragem delimitada para análise do presente trabalho

1 – 24 de outubro de 2010

1.1 – Estadão Online

Nº de destaques na homepage do site: 10

Nº de total de notícias: 10

Nº de notícias de outros veículos: 10

Nº de notícias da redação: 0

1.2 – Folha Online:

Nº de destaques na homepage do site: 6

Nº de total de notícias: 6

Nº de notícias de outros veículos: 3

Nº de notícias da redação: 3

1.3 – Último Segundo

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 4

Nº de notícias da redação: 3

2 – 25 de outubro de 2010

2.1 – Estadão Online

Nº de destaques na homepage do site: 9

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 5

Nº de notícias da redação: 2

2.2 – Folha Online:

Nº de destaques na homepage do site: 6

Nº de total de notícias: 6

Nº de notícias de outros veículos: 0

Nº de notícias da redação: 6

2.3 – Último Segundo

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 1

Nº de notícias da redação: 6

3 – 26 de outubro de 2010

3.1 – Estadão Online

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 5

Nº de notícias da redação: 2

3.2 – Folha Online:

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 6

Nº de notícias de outros veículos: 1

Nº de notícias da redação: 5

3.3 – Último Segundo

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 0

Nº de notícias da redação: 7

4 – 27 de outubro de 2010**4.1 – Estadão Online**

Nº de destaques na homepage do site: 8

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 5

Nº de notícias da redação: 2

4.2 – Folha Online:

Nº de destaques na homepage do site: 8

Nº de total de notícias: 6

Nº de notícias de outros veículos: 0

Nº de notícias da redação: 6

4.3 – Último Segundo

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 5

Nº de notícias de outros veículos: 1

Nº de notícias da redação: 4

5 – 28 de outubro de 2010**5.1 – Estadão Online**

Nº de destaques na homepage do site: 10

Nº de total de notícias: 8

Nº de notícias de outros veículos: 6

Nº de notícias da redação: 2

5.2 – Folha Online:

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 6

Nº de notícias de outros veículos: 1

Nº de notícias da redação: 5

5.3 – Último Segundo

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 1

Nº de notícias da redação: 6

6 – 29 de outubro de 2010

6.1 – Estadão Online

Nº de destaques na homepage do site: 8

Nº de total de notícias: 10

Nº de notícias de outros veículos: 2

Nº de notícias da redação: 1

6.2 – Folha Online:

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 5

Nº de notícias de outros veículos: 2

Nº de notícias da redação: 3

6.3 – Último Segundo

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 5

Nº de notícias de outros veículos: 0

Nº de notícias da redação: 5

7 – 30 de outubro de 2010**7.1 – Estadão Online**

Nº de destaques na homepage do site: 8

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 3

Nº de notícias da redação: 4

7.2 – Folha Online:

Nº de destaques na homepage do site: 6

Nº de total de notícias: 5

Nº de notícias de outros veículos: 1

Nº de notícias da redação: 4

7.3 – Último Segundo

Nº de destaques na homepage do site: 7

Nº de total de notícias: 7

Nº de notícias de outros veículos: 1

Nº de notícias da redação: 6